

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO

**Crônicas:
a produção de textos na sala de aula.
Para quê e para quem escrevemos?**

Florianópolis

Novembro de 2013

MICHELLE DE ARAÚJO
MIRELLE JORGE CUNHA

**Crônicas:
a produção de textos na sala de aula.
Para quê e para quem escrevemos?**

Relatório do Estágio de Docência I - Ensino Fundamental, apresentado como requisito para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I – MEN7000 do 8º período do curso de Licenciatura em Letras/Português sob a orientação da Professora Daniela Bunn.

Florianópolis
Novembro de 2013

SUMÁRIO

1. Introdução	p.05
2. Projeto de Docência	p.06
2.1. <i>Introdução</i>	p.06
2.2. <i>Problematização</i>	p.06
2.3. <i>Justificativa</i>	p.07
2.4. <i>Contextualização do campo de estágio</i>	p.08
2.4.1. <i>Características da Escola</i>	p.08
2.4.2. <i>Identificação e Caracterização da turma observada</i>	p.10
2.4.3. <i>Entrevista com o Professor</i>	p.10
2.4.4. <i>Observação das aulas</i>	p.11
2.4.5. <i>Formas de Interação Verbal</i>	p.20
2.5. <i>Referencial teórico</i>	p.20
2.5.1. <i>O texto “na” e “para” a escola</i>	p.20
2.5.2. <i>A concepção sociointeracionista da linguagem no ensino da Língua Portuguesa</i>	p.24
2.6. <i>Objetivos</i>	p.26
2.7. <i>Metodologia</i>	p.26
2.8. <i>Cronograma</i>	p.27
2.9. <i>Planos de Aula Comentados</i>	p.28
2.10. <i>Recursos</i>	p.173
2.11. <i>Avaliação</i>	p.173
3. Ensaios	p.174
3.1. <i>Reflexões da Prática de Estágio como Ferramenta de Formação Docente</i>	p.174
3.2. <i>Do Desejo ao Ensejo: a prática do estágio de docência como oportunidade</i>	p.179

4. Conclusão.....	p.183
5. Referências	p.184
6. Projeto Extra-classe.....	p.185

1. Introdução

O presente relatório é o registro das etapas que percorremos durante a disciplina de Estágio Supervisionado de Ensino de Língua e Literatura Portuguesa I - MEN 7001, sob a orientação da Professora Daniela Bunn, do curso de Letras Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

No referido curso,

[...] o Estágio tem como atribuição a realização de dois exercícios elementares para a aprendizagem da profissão docente. São eles:

- a) Exercício da análise da realidade educacional brasileira [...]
- b) Exercício da prática docente na educação básica. (PPP/letras UFSC)¹

A disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I prevê 252 horas/aula de atividades de planejamento de aulas, observação da turma determinada para exercício da prática docente, exercício de docência, elaboração e aplicação de atividade extraclasse e participação no II Simpósio “Formação de Professores e Práticas Pedagógicas” da UFSC.

Registramos neste relatório o desenvolvimento de cada uma dessas etapas, descrevendo a aproximação com o espaço da instituição educativa e com as vivências cotidianas que possibilitaram a intersecção da teoria apreendida durante os anos de graduação com a prática docente.

¹ Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa Licenciatura e Bacharelado. Disponível em: <http://www.llv.cce.ufsc.br/ProjetoPedagSet2006.pdf>

2. Projeto de Docência

2.1. Introdução

Este projeto descreve a nossa experiência de estágio com a 8ª série 801 do EEB Porto do Rio Tavares. O estágio foi realizado no 2º semestre do ano de 2013, como pré-requisito para a finalização do curso de Licenciatura em Letras Português.

Iniciamos com algumas reflexões e abordagens teóricas que nos deram uma fundamentação importante e necessária para que fosse possível aplicar o trabalho em sala de aula.

Mediante a essa base teórica, descreveremos o colégio, a turma, a professora e o período inicial de observações das aulas ministradas pela professora de português da turma. Neste período foi aplicado um questionário para a turma, a fim de conhecer melhor os alunos, suas preferências, o que pensam sobre a leitura, etc.

Na sequência segue os nossos planos de aulas, a realização delas (se o objetivo foi alcançado ou não), juntamente com o material utilizado.

Por fim, pontuamos algumas considerações sobre o resultado deste que, foi um trabalho longo, desejado e que nos propiciou um esplêndido e inesquecível aprendizado.

2.2. Problematização

Para desenvolver nosso trabalho de docência adotamos a perspectiva bakhtiniana, como indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais. Identificamos-nos com os pensadores do Círculo de Bakhtin porque compartilhamos do entendimento de que a função central da linguagem é a interação entre sujeitos situados historicamente.

Assumir que é esta é a função da língua, significa também assumir que ela “é inseparável dos seus contextos de uso, dos seus falantes e dos valores ideológicos”. (CERUTTI-RIZZATTI, RODRIGUES: 93)

Foi-nos solicitado pela Professora de Português da turma para a qual lecionaremos que trabalhássemos com o gênero Crônica e com os conteúdos de Concordâncias Nominal e Verbal e Crase. Assim sendo, pretendemos trabalhar essas matérias nos seus contextos de uso, amparadas por textos literários e produções de autoria dos próprios alunos.

Compreendemos que é necessário pensar a disciplina de Língua Portuguesa na perspectiva sociointeracionista da linguagem e planejamos, portanto, abordar os

conteúdos propostos incitando a reflexão crítica, pois concebemos a linguagem como condição para a existência das ideologias¹.

Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE: 12)

2.3. *Justificativa*

“As palavras formam os fios com os quais tecemos nossas experiências.” Aldous Huxley

A escrita, na perspectiva sociointeracionista da linguagem, é uma atividade interativa de expressão entre os indivíduos. Escrever é manifestar graficamente pensamentos, informações e sentimentos, expressar a subjetividade individual para o outro.

Como a fala, a escrita também é regulada pelos contextos de interação. Sem o outro não há linguagem. A palavra, ponte entre os interlocutores, pode ser falada e pode ser escrita, a diferença entre essas duas modalidades de comunicação é que a primeira ocorre com os participantes presentes no mesmo momento do tempo, já a segunda, pode ser reelaborada e trabalhada antes de chegar ao outro, ao leitor, e independe da posição temporal dos participantes da interação.

O papel da escrita em uma sociedade grafocêntrica é efetivar diferentes funções comunicativas, como informar, descrever, opinar, argumentar, fazer literatura, exercer a cidadania, registrar e divulgar conhecimentos.

Para desenvolver a escrita é necessário planejar, escrever e reescrever textos. Essa atividade requer o conhecimento de convenções ortográficas oficiais fundamentadas na história da língua.

Portanto, focando nas atividades em torno da escrita, pretendemos trabalhar os conteúdos propostos (crônica, crase e concordâncias nominal e verbal), pois acreditamos que podem ser melhor apreendidos através da análise dos usos da língua, do que através da sistematização de conceitos e regras específicas.

Confiamos que um ensino do Português engajado para que os alunos façam e entendam textos – atuações verbais – irá capacitá-los para utilizarem, cada vez mais plena e satisfatoriamente, sua língua materna.

¹**Ideologias:** “os modos socialmente construídos (pelas relações históricas sócias dos homens) de ver e perceber (interpretar e valorar) o mundo”. (CERUTTI-RIZZATTI, RODRIGUES, p. 96) As ideologias

têm uma relação dinâmica com a linguagem: ao mesmo tempo que é a linguagem que permite que as ideologias sejam criadas e perpetuadas, estas marcam e moldam a linguagem e a língua, na sua evolução constante através do tempo.

2.4. Contextualização do campo de estágio

2.4.1. Características da Escola

Escola de Educação Básica Porto Rio Tavares

Rodovia SC 405, nº 356 – Rio Tavares – Florianópolis/ SC

- Séries que atende: 1ª a 8ª séries (a partir de 2014 atenderá de 1º ao 9º ano)
- Número de alunos: são 253 alunos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 5ª séries) e 208 alunos nos Anos Finais do Ensino Fundamental (6ª a 8ª séries) distribuídos em 21 turmas.

<i>Ano</i>	<i>Alunos</i>	<i>Reprovações</i>	<i>Desistências/ Evasão</i>
2006	643	101	09
2007	615	67	28
2008	570	90	30
2009	582	61	09
2013	461	-	-

- Períodos: matutino e vespertino.
- Localização: zona urbana de Florianópolis;
- Papel da Escola: “Nossa Escola tem por finalidade oferecer o Ensino Fundamental, observadas a legislação e normas especificamente aplicáveis e atendendo os dispositivos previstos na Constituição Federal e Estadual, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Estatuto da Criança e do Adolescente. Assim, vislumbramos uma Escola de qualidade, democrática, participativa e comunitária, como espaço cultural de socialização e desenvolvimento do educando, preparando-o para o exercício de seus direitos e cumprimento dos deveres, sinônimos de cidadania.”
- Objetivo Geral da Escola: “Hoje o papel prático da Escola é, de um lado, reproduzir a sociedade existente, e de outro, buscar conceber uma escola transformadora, que rompa preconceitos e aceite as diversidades, combatendo as injustiças, o racismo, a homofobia, etc., criando uma sociedade justa, igualitária e solidária.”
- Objetivos Específicos da Escola: “Formar e proporcionar conhecimentos psicossociais a crianças e adolescentes, planejando ações pedagógicas, buscando ideais de igualdade, para que todos possam interagir com determinados conceitos de

aprendizagem escolar, focando a ideia de que nós enquanto educadores devemos transmitir conhecimentos e formar o indivíduo para que ele possa compreender o mundo que o cerca.

- Projetos da Escola:

- “Programa de correção do fluxo idade/série: recuperação dos saberes”: atendimento alternativo, com terminalidade para o Ensino Fundamental, para alunos com distorção de idade/série, com vistas o sucesso escolar.

- “Programa de Educação Ambiental na Escola: Ecossistemas da Ilha de Santa Catarina – Parceria UDESC”: atividades educativas que despertam o interesse e a percepção das pessoas para a importância dos ecossistemas existentes nos locais onde elas vivem.

- “Projeto Africanidade – Lei 10.639/2003”: Programa de resgate da auto-estima dos afrodescendentes e contra a discriminação cultural, pedagógica e psicológica.

- “PROERD – Programa Educacional de Resistência às Drogas”: ação conjunta entre a Polícia Militar e a Escola, no sentido de prevenir e reduzir o uso indevido de drogas e a violência entre estudantes, bem como ajudar os estudantes a reconhecerem as pressões e a influência diária para usarem drogas e praticarem a violência, e a resistirem a elas.

- “Parceria Posto de Saúde: Grupo de Trabalho com Adolescentes”: programa que busca desenvolver ações pedagógicas de âmbito preventivo, projetos de prevenção que abordem as temáticas da sexualidade, drogas e violência.

- Estrutura: A Escola conta com uma Biblioteca (o espaço da Biblioteca é um banheiro reformado, pequena, mas organizada, dispõe diversos exemplares aos alunos; a responsável pela Biblioteca é uma Professora readaptada que só comparece na Escola nas segundas-feiras, nos demais dias letivos, a responsável é a Professora de Português, Nadia, que desenvolveu uma parceria com os alunos para manter a Biblioteca em funcionamento durante toda a semana); uma Sala de Tecnologias; uma sala para Secretaria; uma sala para a Coordenação Pedagógica; uma Sala de Professores (é uma sala pequena, pouco útil para atividades coletivas do corpo docente); um Auditório (é uma sala de aula grande, com ar-condicionado, televisão e DVD, tem cadeiras antigas e móveis); Salas de aula; dois Banheiros (adequados para portadores de necessidades especiais; não há banheiro para funcionários); uma Quadra de Esportes; uma Cozinha; e um Refeitório (o Refeitório é a área na qual os alunos passam os intervalos, é ampla e semi-aberta, com mesas e cadeiras coletivas e espaço para brincadeiras).

- A Escola disponibiliza uma cota de fotocópias para cada Professor, de acordo com a carga horária de cada um: para 10h/aula semanais, 120 cópias; para 20h/aula

semanais, 150 cópias; para 30h/aula semanais, 250 cópias; e para 40h/aula semanais, 300 cópias, que são feitas na própria Escola.

2.4.2. *Identificação e Caracterização da turma observada*

- 8ª série;
- Turma 801;
- 31 alunos (três dos alunos têm necessidades diversas do restante da turma);
- A sala de aula é ampla e bem iluminada. As carteiras e cadeiras são antigas, mas estão em boas condições. Existem dois ventiladores na sala, os dois funcionam. As cortinas não retêm a luz, o que atrapalha um pouco os alunos que sentam próximo às janelas, mas está previsto no Plano Político Pedagógico a troca destas. Há um quadro negro e uma lousa branca. A pintura está em bom estado. A sala conta ainda com um armário, que permanece trancado e guarda livros didáticos entre outros materiais escolares, a Professora Nadia é quem tem a chave e o utiliza.

2.4.3. *Entrevista com o Professor*

- Nome da Professora: Nadia Nardi Martins
- Professora, qual foi sua graduação? Em qual instituição? Qual o ano de conclusão?
Letras: Licenciatura – Português/Italiano. UFSC. 2001
- Fez cursos de pós-graduação? Se fez, quais?
Sim, uma especialização em “Práticas pedagógicas interdisciplinares: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.
- Costuma ler textos científicos da área de Língua Portuguesa e Literatura?
Sim, com frequência, pois cursos de capacitação não são oferecidos (os últimos foram na área de coerência nominal).
- Costuma usar a internet? Sabe navegar?
Sim.
- Ao fazer o planejamento das aulas, o que leva em consideração?
A turma, o que tenho de material disponível, o que a escola disponibiliza e o tempo.
- Quais os recursos utilizados em sala de aula?
Quadro, folhas, cartolina, projetor, meu computador, rádio...

- Como trabalha a leitura?
Depende o gênero textual.
- Gosta de atuar na sua profissão?
Amo,tenho uma grande paixão pela sala de aula, mas muito pouco tempo para preparar as aulas (10 turmas = 40 aulas semanais).
- Como os seus alunos relacionam-se com a Língua Portuguesa?
Ainda sem muito compromisso e com muitas dificuldades de leitura, escrita e letramento.
- Os seus alunos estão conscientes da importância da disciplina?
Poucos, pois diariamente é necessário ressaltar isso.
- Você desenvolve ou participa de algum projeto de extensão na escola?
Não, pois tenho carga horária cheia e tudo o que posso faço durante as aulas.

2.4.4. Observação das aulas

- Dia 22 de Agosto (01 aula – 45 minutos)
 - Objetivos da aula: explicar o conteúdo ‘Aposto’;
 - Metodologia: aula expositiva;
 - Recursos empregados: quadro negro e livros didáticos antigos;
 - Participação dos alunos no processo de aprendizagem: boa participação, a turma ficou em silêncio, prestando bastante atenção, os alunos fizeram anotações e participaram quando solicitados. Os alunos com deficiência não participaram da aula;
 - Descrição:

Estagiária Mirelle: Com o auxílio do quadro, a Professora Nádia começou a explicar o conteúdo, enquanto a Professora Denise (Professora auxiliar formada em Pedagogia) desenvolvia outra tarefa com os alunos que possuem necessidades especiais.

A Professora elencou no quadro as características do aposto no texto (esclarece, explica, especifica, resume, aparece entre vírgulas ou travessões; chamou a atenção para o fato de que o núcleo do aposto pode ser expresso por um substantivo (palavra substantivada) ou pronome; passou exemplos (Ayrton Senna, brilhante piloto, morreu tragicamente em um acidente de carro.); e analisou os exemplos sintática e morfologicamente com os alunos.

Os alunos com deficiência orientados pela Professora Denise, passaram toda a aula pintando desenhos, que observamos serem os mesmos que estão pendurados pelas paredes da escola.

No final da aula, a Professora Nádia veio comentar com a gente sobre o conteúdo do dia, afirmando que por ser sintaxe estrutural ela não pôde desenvolver uma atividade lúdica.

A Professora recicla os livros didáticos antigos da escola, aproveitando partes deles: foram selecionados alguns livros didáticos que são mantidos no armário da classe (o qual a Professora mantém trancado). Os Professores têm uma cota limitada de fotocópias na escola, por isso, a Professora optou pela reciclagem, orienta seus alunos a recortarem as atividades dos livros, que já estão acostumados a recortá-las e colá-las nos seus cadernos. Hoje por exemplo, a turma 801 foi a que usou os livros, mas para outra oitava série que leciona, a Professora comentou que iria levar as fotocópias da atividade sobre aposto, porquê não tinha livros didáticos o suficiente para as duas turmas.

Estagiária Michelle: A turma possui 31 alunos, sendo 3 especiais. Com isso, a classe possui uma professora II (Denise), que auxilia nas atividades, adaptando-as conforme as necessidades dos educandos.

No primeiro momento a professora fez a chamada. Posteriormente, ela retomou a aula do dia anterior, com o conteúdo adjunto adverbial, explicando para os alunos que, para que haja uma melhor compreensão sobre este assunto, eles devem ter muito claro o conceito de advérbio. A professora Nádia comentou também sobre o aposto.

A professora é bem dinâmica e extrovertida, fazendo algumas brincadeiras com os alunos para deixar a aula mais agradável, bem como conquistar a confiança e o respeito dos alunos.

Para explicar o conteúdo, a educadora utilizou o quadro branco, destacando algumas ideias e conceitos chaves do aposto. Colocou algumas frases no quadro para desmembrar as partes da oração. (Aposto>esclarece>explica>resume>especifica>vem entre travessões e vírgulas).

- Dia 23 de Agosto (02 aulas – 1 hora e 30 minutos):

- Objetivos da aula: Avaliação;
- Recursos empregados: fotocópias da avaliação;
- Participação dos alunos no processo de aprendizagem: os alunos realizaram a avaliação em silêncio, respeitando as orientações da Professora;
- Descrição:

Estagiária Mirelle: Hoje foi dia de avaliação sobre o conteúdo das últimas aulas, o aposto. A Professora reorganizou as fileiras de carteiras, passando de cinco para quatro. As provas foram entregues viradas para baixo e os alunos esperaram todos receberem para desvirá-las, isso ocorreu sem orientação da Professora, o que demonstra que eles estão habituados com essa prática. Em seguida, a Professora fez a leitura da prova e foi para uma reunião. A turma ficou aos cuidados da Professora Denise. Após o término da avaliação aplicamos um questionário sobre os hábitos de leitura para a turma que cooperou bastante com a atividade. A Professora Nádia retornou no final da aula e finalizou as atividades do dia, passando uma tarefa pra casa.

Estagiária Michelle: A professora passou uma atividade avaliativa para os alunos sobre advérbios, aposto e locução adverbial. Neste momento a professora necessitou ausentar-se para uma reunião.

Ficamos em sala com a professora Il Denise. Foi bem interessante, pois tivemos um contato muito maior com os alunos, eles sentiram-se muito à vontade com a nossa presença. Muitos pediram ajuda nas atividades, e nós estagiárias, apenas auxiliamos as dúvidas em relação às questões.

Conforme os alunos foram terminando, nós pedimos para que eles permanecessem sentados em seus lugares, pois nós havíamos algo para conversar com eles. E assim, entregamos um questionário para cada um, a fim de conhecermos melhor a personalidade da turma e os gostos individuais.

Eles foram muito acessíveis a todas as respostas, perguntando o que não fora compreendido. Nós estagiárias, recolhemos os questionários, neste exato momento a professora chegou e retomou o final da aula, pedindo de deveres uma pesquisa sobre os advérbios no caderno.

- Dia 28 de Agosto (01 aula – 45 minutos):

- Objetivos da aula: entrega e releitura da produção textual realizada pelos alunos e treino ortográfico;
- Metodologia: entrega e revisão das produções dos alunos, e revisão de conteúdo;
- Recursos empregados: quadro negro;
- Participação dos alunos no processo de aprendizagem: bastante participativos, cooperativos e atentos;
- Descrição:

Estagiária Mirelle: A Professora começou a aula recolhendo os trabalhos que os alunos fizeram sobre aposto. Em seguida, entregou outro trabalho, uma redação que os alunos tinham feito: foi chamando aluno por aluno e comentando

rapidamente cada texto (“Olha o ‘m’ antes de ‘p’ e ‘b’”, “não se entrega nada no rascunho”, mais/mas, nós/nóis...) e elogiou alguns trabalhos.

Observamos algumas redações: são corrigidas com caneta vermelha, os erros gramaticais são exaltados.

Concluída a entrega das redações, a Professora escreveu no quadro os objetivos da aula de hoje: “entrega e releitura da produção textual” e “treino ortográfico”.

As atividades iniciaram com a Professora pedindo aos alunos que destacassem e cortassem uma folha do caderno e nela escrevessem o nome, a data, a turma e o título da tarefa: Treino ortográfico.

Em seguida foi feita a chamada. A Professora costuma fazer a chamada enquanto troca de atividade, ou enquanto os alunos colam alguma coisa no caderno, ou ainda, enquanto se organizam para fazer outra coisa.

Após a chamada, a Professora repassou com os alunos os resultados da avaliação sobre advérbios, questionando quem estava sem nota e esclarecendo a situação de cada um.

O treino ortográfico foi a atividade seguinte, a Professora ditou as seguintes palavras: “adolescente, ofensa, xingamento, crescemos, preconceito, às vezes, agressão, assassinato, discussões e machucar”. A turma fez silêncio durante a atividade, as palavras foram ditadas três vezes cada.

Depois do treino ortográfico foi feita a correção do exercício sobre apostrofo (o exercício reciclado do livro didático da aula do dia 22): a Professora lembrou a matéria, dando exemplos e questionando os alunos, e perguntou se foi difícil ou fácil realizar a atividade. Enquanto corrigia verbalmente a atividade, a Professora foi passando em cada carteira dando visto na tarefa (ela utiliza dois carimbos: “visto” e “não fez os deveres”).

Estagiária Michelle: A professora iniciou a aula “cobrando” a tarefa, carimbando os cadernos de quem fez, assim como de quem não fez também. Entregou algumas produções textuais, tecendo comentários para os alunos que escreveram muito bem.

Pediu para os alunos terem mais atenção ao escreverem, destacando no quadro os “erros” mais recorrentes:

- mas/mais;
- nós/nóis;
- paragrafação;
- concordância;

- uso correto de letras maiúsculas;
- o que/ oque.

A professora fez a chamada às 10:50hs, aproveitando que os alunos estavam cortando uma folha de caderno na posição vertical, conforme ela havia pedido.

Nome:
Turma:
Data:
Treino
Ortográfico:
1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.

O ditado foi composto das seguintes palavras: adolescente, ofensa, xingamento, crescemos, preconceito, às vezes, agressão, assassinato, discussões, machucar. O ditado foi entregue para a professora Nádia.

Após o ditado, a educadora pegou o diário e fez uma “geral”, cobrando algumas atividades de alunos que estão devendo nota. Postulou uma data limite para a entrega dessas avaliações.

- Dia 29 de Agosto (01 aula – 45 minutos):

- Objetivos da aula: trabalhar o conteúdo gramatical ‘vocativo’;
- Metodologia: aula expositiva;
- Recursos empregados: lousa branca;
- Participação dos alunos no processo de aprendizagem: no início da aula os alunos estavam pouco participativos e bastante agitados, mas no decorrer do ensinamento, com esforços da Professora, o grupo passou a prestar atenção no conteúdo;
- Descrição:

Estagiária Mirelle: A Professora chegou na sala de aula, e tendo encontrado os alunos bastante dispersos, se apressou em organizá-los. Em seguida fez a chamada e cobrou as atividades que alguns alunos ainda não tinham entregado.

Na sequência, introduziu o conteúdo da aula, o termo vocativo. Com auxílio da lousa, deu exemplos, explicando-os. Como o vocativo é um termo utilizado para chamar ou interpelar um ouvinte (real ou não), a Professora aproveitou para explanar os conceitos de locutor e interlocutor.

A aula foi interrompida para que a turma ouvisse um comunicado do Diretor. Após o aviso, a Professora marcou a data da avaliação dos conteúdos e encerrou a aula.

Estagiária Michelle: A aula iniciou com a professora organizando os alunos em silêncio, cobrando as atividades dos alunos que estavam devendo tarefas. Logo, iniciou a aula abordando o assunto vocativo.

A educadora utilizou a lousa para dar definições sobre o assunto. Neste momento, ao explicar, ela utilizou o termo “interpelar”. Nesse instante, uma aluna questionou o que significara aquela palavra. A professora citou alguns exemplos de frases para elucidar a questão, pontuando a palavra como “chamar”.

Dentre um exemplo copiado no quadro sobre vocativo, eis um exemplo:

Meu amor, ajude-me!  **VOCATIVO**

A professora destacou também a importância dos alunos entenderem os seguintes conceitos: locutor>interlocutor

Locutor  quem envia a mensagem
Interlocutor  quem recebe a mensagem

Nesse momento, a aula foi interrompida pelo diretor que falou sobre uma possível paralisação no dia seguinte. Posteriormente a professora marcou no quadro a data do teste de Português.

- Dia 30 de Agosto (02 aulas – 1 hora e 30 minutos)

- Objetivos da aula: trabalhar a escrita com os alunos – produção textual;
- Metodologia: atividade lúdica e interativa, aula expositiva e aplicação de exercício de fixação – trabalho em duplas;
- Recursos empregados: caixa de papelão decorada, coroa dourada, fotocópias de atividade;
- Participação dos alunos no processo de aprendizagem: os alunos adoraram a aula, prestaram atenção e cooperaram com a Professora durante toda a atividade proposta;
- Descrição:

Estagiária Mirelle: A aula de hoje foi um pouco diferente: a Professora chegou na sala de aula com uma caixa muito bonita e começou a questionar os alunos a respeito de seu conteúdo. Surpreendendo a todos, retirou uma coroa da caixa, colocou na cabeça e começou a contar uma história, mas apenas introduziu a história “Era uma vez...” e passou a vez para que um aluno continuasse contando. A história foi sendo criada com a participação dos alunos e comentários da Professora, que os interrompeu algumas vezes para dar sugestões à história.

Após essa atividade, a Professora pontuou sobre o uso dos conectivos, que ‘costuram’ os textos. Em seguida, organizou os alunos em duplas, comentou acerca do caráter mutável da língua e aplicou uma atividade: “O que é adequado em cada situação de comunicação?”. Fez a chamada, esperou que todos os alunos terminassem de resolver o exercício e o corrigiu coletivamente.

Estagiária Michelle: Hoje os alunos tiveram uma enorme surpresa! A professora entrou em sala com uma grande caixa de papelão decorada, problematizando o que tinha dentro dela. Ela disse:

- O que será que eu trago dentro dessa caixa?

- Livros? Brinquedos? – responderam os alunos.

Eis que de repente, a professora tira uma coroa dourada, pôs em sua cabeça e falou:

- Era uma vez...

Neste momento ela apontou para um aluno, que iniciou a trama de uma forma muito humorada. A professora, de vez em quando, parava e incluía algumas informações para aguçar ainda mais a criatividade deles.

Posteriormente, ela falou que todos os alunos, para fazerem uma história, ou narrá-la, necessitaram utilizar os conectivos: **então, que, assim, dessa forma**, etc.

A educadora separou os alunos em duplas, comentando que a Língua não podia ser comparada a uma caixinha que ali tudo colocamos, guardamos e utilizamos anos depois. Falou na questão diacrônica da língua, que ela é viva e dinâmica, mudando sempre e a todo o momento, conforme as necessidades das pessoas.

A professora entregou uma atividade que tinha o seguinte título: “O que é adequado em cada situação de comunicação?”. Depois fez a chamada, dando alguns minutos para a resolução dos alunos. Por fim, fez a correção no quadro.

- Dia 05 de Setembro (01 aula – 45 minutos):

- Objetivos da aula: trabalhar Produção Textual – Dissertação;
- Metodologia: aula expositiva com auxílio do data-show;
- Recursos empregados: data-show;
- Participação dos alunos no processo de aprendizagem: a turma ficou em silêncio durante as explicações, prestando atenção e fazendo anotações;
- Descrição:

Estagiária Mirelle: A Professora deu continuação à aula anterior, passando dicas para fazer dissertações (ex.: “não fundamentar o texto com coisas do plano que transcende a razão – como religião; não deixar as emoções interferirem no texto dissertativo; usar apenas argumentação lógica”). A Professora preparou slides com essas dicas, mas o data-show estava com defeito e ela não conseguiu terminar de passar o conteúdo.

A Professora trouxe exemplos de textos, “o que não se deve fazer” ao escrever uma dissertação.

A mãe de uma aluna interrompeu a aula para dar um aviso à turma sobre um passeio que irão realizar, dispersando a turma bastante. Quando a Professora retomou a aula, o computador desligou sozinho, dissipando ainda mais a atenção da turma, porém a Professora logo retomou o foco, utilizando o material impresso que ela havia preparado e também ditou parte do conteúdo (o que estava nos slides que ela não pôde passar) para os alunos copiarem.

Segundo a Professora, dois aparelhos de data-show já explodiram na escola.

Estagiária Michelle: A professora utilizou o data show para trabalhar sobre textos dissertativos com os alunos. Não utilizou apresentação de Power Point, mas fez uma lâmina no World. O texto trazia tópicos de como escrever uma redação dissertativa. Pontuou a questão da impessoalidade, que é fundamental, ou seja, o aluno não pode colocar-se no texto, nem como opinião, muito menos como exemplo.

Outra dica era o de evitar abreviações, pois um texto dissertativo não permite este vício de linguagem, tornando o texto muito informal. Falou também nas anáforas que servem para que os alunos não façam muitas repetições ao longo do texto.

Ao longo da aula o computador desligou sozinho, a professora teve que terminar lendo e passando alguns pontos no quadro.

- Dia 06 de Setembro (02 aulas – 01 hora e 30 minutos)

- Objetivos da aula: Avaliar o conteúdo ‘Advérbios’ e produção de texto – dissertação;
- Metodologia: avaliação, aula expositiva e proposta de redação;
- Recursos empregados: fotocópias da avaliação e da proposta de produção textual;
- Participação dos alunos no processo de aprendizagem: os alunos participaram satisfatoriamente da aula;
- Descrição:

Estagiária Mirelle: Quando a Professora chegou, a turma já estava esperando, os alunos sentados nos seus lugares. Ela pediu desculpas pelo atraso (de cinco minutos); conversou com os alunos sobre o conteúdo da última aula; anunciou as atividades a serem desenvolvidas na aula de hoje: avaliação (em anexo) e proposta de produção textual (a produção textual é continuidade da aula sobre dissertações); fez a chamada; e organizou as carteiras (diminuiu uma fileira).

A Professora entregou as provas viradas, os alunos esperaram para desvirá-las e em seguida, leu a prova com os alunos e corrigiu erros de digitação.

Os foram terminando a prova e indo para a Biblioteca (gerida em parceria da Nádia com os alunos). Assim que todos terminaram, a Professora pediu que um dos alunos fosse chamar os outros e todos retornaram aos seus lugares.

A Professora retomou as dicas sobre como fazer uma dissertação, finalizando a explanação do conteúdo, e entregou fotocópias de uma proposta de redação para os alunos. A convite da Professora, um dos alunos leu a proposta para a turma. Em seguida, ela dialogou com a turma a respeito do tema proposto para a dissertação, verificou o quanto eles conheciam sobre o tema e adicionou explicações.

Concluindo a aula, a Professora explicou a respeito do ato de redigir um texto, ressaltando que é necessário preparar um “rascunho de ideias”, ler, reler e reescrever o texto para chegar ao resultado final.

Na saída da aula, Nádia nos explicou que a Biblioteca é coordenada por uma professora readaptada que só vai à escola nas segundas-feiras, e que nos outros dias da semana, é ela mesma, com a parceria dos alunos, quem organiza e coordena o local.

Estagiária Michelle: A professora iniciou a aula com a chamada. Hoje é o dia da prova, e os alunos estão muito nervosos, deixando transparecer a angústia e a agitação. Alguns alunos faltaram. Antes de entregar a prova, a educadora trocou alguns alunos de lugar. Fazendo apenas quatro grandes filas, pois no normal, a sala tem cinco, entretanto os alunos ficam muito grudados uns nos outros.

Ao entregar a prova, a professora explicou cada questão, solicitando que os alunos fizessem o teste com lápis, e somente ao final, passassem à caneta. Conforme eles foram terminando, ela ia liberando os educandos para a biblioteca, dessa forma, podiam pegar livros para lerem no final de semana, e não atrapalhavam os amigos que ainda faziam a prova.

Lá na biblioteca os alunos ficavam sob a responsabilidade de dois amigos de classe que a professora havia escolhido para esta tarefa, tendo em vista que não há funcionários neste dia.

Posteriormente, a professora terminou de explicar as dicas para a elaboração de uma redação dissertativa. Com isso, entregou uma tarefa, que seriam três propostas de redação em que os alunos poderiam escolher uma para desenvolver. Pediu uma data limite e exigiu no mínimo 15 linhas.

2.4.5. *Formas de Interação Verbal*

- Estratégias de interação: A Professora Nadia é bastante dinâmica e acessível. Ela costuma elogiar as produções e comportamentos dos alunos e reforçar os conteúdos todas as aulas fazendo um *feed-back* das aulas anteriores. Também motiva os alunos a fazerem as atividade que propõe, a lerem, a serem organizados, e a estudar para concursos.

A Professora utiliza o livro didático da escola e outros materiais que ela mesma seleciona.

- Organização sócio-espacial: As carteiras e sua disposição são individuais. São 31 alunos dispostos em cinco fileiras, todos eles têm seus lugares definidos. Os alunos com necessidades especiais sentam próximos uns dos outros e a Professora Auxiliar senta-se com eles.

- Recursos: A escola dispõe de um aparelho de data-show que às vezes a Professora utiliza nas suas aulas, mas ela leva as próprias caixinhas de som, porque o som do aparelho da escola não funciona.

2.5. *Referencial teórico*

2.5.1. *O texto “na” e “para” a escola*

Afinal, para que serve um texto? Para quem escrevemos? Ou para que escrevemos? Muitos são os questionamentos, no que tange aos estudos de um texto. Com isso, o professor deve inicialmente questionar-se, o que quero dos meus alunos? Pois a produção de um texto não deve ser utilizada como uma atividade “qualquer” em sala de aula.

Ao longo dos tempos, coube à disciplina de Língua Portuguesa ensinar as regras gramaticais e ortográficas aos alunos, bem como ensinar a “escrever corretamente”. Este, seria então o papel de um professor de português. Cobrar dos alunos alguns textos, para que ali, o educador faça as correções, respeitando os critérios de coerência, coesão, clareza, etc.

Ainda hoje, questiona-se muito no modo como as outras disciplinas conduzem os textos com os alunos, principalmente em relação à correção, por exemplo, uma

prova ou atividade de geografia, em que o aluno acerta todas as questões objetivas da disciplina, embora hajam vários “desvios” ortográficos. O que fazer? Cabe somente à disciplina de português, esta “função” de corrigir, retificar?

Outra questão a ser pensada é na produção de textos. Seria somente a LP a responsável a levar os alunos a produzi-los? Partindo do pressuposto que os educandos fazem leituras de textos e respondem questões discursivas em quaisquer outras disciplinas.

E a escola? Será que a instituição de ensino prepara os alunos para uma autoria de textos ou para uma mera reprodução? Estas indagações podem ser elucidadas através de alguns teóricos, nos quais escolhemos: João Wanderley Geraldi e Irandé Antunes que visam o texto como o ponto de partida.

As críticas aos métodos de ensino da língua materna são tão antigas quanto ao próprio conceito de “matérias” a serem ensinadas. Quando surgiu o ensino de línguas, cabe lembrar que o latim e a retórica eram as grandes artes “do bem falar” e ambas faziam parte tanto nos estudos de línguas, quanto ao estudo das ciências humanas. Entretanto, com o passar dos tempos, surgiu o conceito de “seriação” que, selecionava de forma organizada os conteúdos. Esse novo processo transformaria a LP na grande responsável pela aprendizagem da língua e no emprego das regras linguísticas.

Ao produzir um texto (oral ou escrito) são necessários que alguns critérios sejam respeitados. Indiferentemente do tipo do texto, do local ou contexto a ser produzido. Qualquer que seja o tipo do texto, é preciso que:

- se tenha o que dizer;
- se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- o sujeito se constitua como tal, enquanto sujeito que diz para quem diz.
- se escolham estratégias para realizar as opções supracitadas.

Se pensarmos melhor sobre estes critérios, logo chegaremos a uma reflexão sobre o uso e a importância da produção de textos. O aluno precisa se identificar como sujeito/autor que, ao escrever um texto, assume um papel fundamental de posicionar-se em um lugar de significação. O professor, através de estratégias deve orientar os alunos a escrever os seus textos, lendo-os, e fazendo-os com a utilidade e função do escrever para algo ou alguém.

Este lugar de significação do aluno/autor seria de tal forma que

Na produção de discursos, o sujeito articula, aqui e agora, um ponto de vista sobre o mundo que, vinculado a uma certa formação

discursiva, dela não é decorrência mecânica, seu trabalho sendo mais do que uma mera reprodução: se fosse apenas isso, os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam.

(Geraldi, 1997:136)

Assim, percebe-se uma distinção na produção de textos e redações. Sendo nesta, a produção de textos para a escola e naquela a produção na escola enquanto instituição. Partindo desses conceitos, o que motivaria então o aluno a escrever? O professor deve repensar as suas propostas, sugerindo estratégias aos alunos e tomar a palavra dele como indicador dos caminhos que serão trilhados.

Cabe salientar que, o professor deve deixar claro aos alunos, que para a produção de um texto, o educando precisa realizar necessariamente a leitura de outros textos, pois a produção nada mais é do que o dialogismo do autor do texto, como outros discursos já ditos.

Com isso, a produção de textos está intrinsecamente ligada à leitura, ao modo que o sentido far-se-á através de leituras já feitas pelo produtor/autor. Desta forma, fica a ideia que

O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são amarradas- se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentidos e não produção de sentidos; não são mãos livres que produzem o seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias de sua história- se o fossem, a leitura seria um outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o, apagando-o, substituindo-o. São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo e outro bordado.

(Geraldi, 1997:166)

É nessa construção de sentidos que o autor/escritor vai se constituindo como tal, fazendo parte desse ciclo, pois ele também fala em seu texto, que um dia poderá ser lido por outrem.

Com essas concepções, o professor e a escola, devem facilitar ao aluno estratégias e meios em que este, seja um real produtor e não um mero reproduzidor. Tendo em sua produção uma funcionalidade, um dizer, dentro de um contexto. Fazendo com que seu texto tenha um dizer a quem, e não somente um meio feito para correções.

Nesta perspectiva, o professor não deve pedir textos com temas soltos, ou temas que não tenham relação alguma com a realidade dos alunos, estes devem fazer sentido para eles, pois ao escrevê-la, os alunos saberão dialogar.

Partindo da concepção que não se instaura um texto sem uma função significativa, percebe-se intuitivamente que, para a produção dele, é necessário que exista algum propósito comunicativo. Conforme afirma Antunes (2010:31) “todo texto é a expressão de uma atividade social”.

Assim, compreender um texto vai muito além de sua estrutura linguística, pois se trata de um evento comunicativo, em que o sujeito, através de sua produção, expressa algo a alguém, localizados em contextos que podem ser diferentes.

Partindo destes pressupostos, pensemos a escola enquanto o meio facilitador/mediador deste processo. O professor de história, por exemplo, ao ler uma prova em que o aluno dissertaria sobre um acontecimento histórico, ao ler esta produção, o texto, deve deixar claro o que o aluno/autor, pensa sobre o assunto.

Mas o que se vê, são textos mal elaborados, que muitas vezes, o próprio professor não compreende o que o aluno gostaria de falar. Neste caso, o professor, faz as correções devidamente restritas ao conteúdo de sua disciplina, deixando para a LP, as devidas demandas de ensinar o “escrever corretamente” através de regras gramaticais.

Com isso, fica cada vez mais evidente que a produção de textos não cabe somente a incumbência da LP. Partindo da ideia do texto como materialidade da expressão do sujeito.

Por isso o conceito de dialogismo foi levantado por Bakhtin (1995) que caracterizava o dizer como parte de uma cadeia discursiva, em que nunca se termina, pois ao falar (dizer, escrever) o indivíduo está sempre respondendo a pergunta do outro.

Há ainda a ideia de que, o sujeito deve saber comunicar-se dentro dos diferentes entornos sociais, ou seja, o dizer em uma carta é diferentemente, do dizer de um artigo na revista, jornal, banner, etc.

Assim, o sujeito necessita compreender as especificidades e regularidades de cada meio. Ensinar aos alunos sobre cartas vai muito além de apenas falar sobre como escrevê-las. É imprescindível extrapolar a sala de aula, mostrando aos alunos, a sua função, suas regras, questionando-os: para que servem as cartas? Como escrevê-las? O que diferencia uma carta de um e-mail?

A escola deve apresentar aos alunos os diferentes gêneros e tipos de textos, explicitando e exercitando a funcionalidade social de cada um, como postulou Marcuschi (2008: 160) “os textos realizam gêneros e todos os gêneros realizam sequências tipológicas diversificadas”.

Pois ao escrever, o sujeito necessita compreender para qual contexto e entorno ele deverá enunciar-se.

Pensemos na flecha. Sendo o cabo da flecha todos os dizeres e a seta remetendo sempre a algum contexto/lugar. Compreendendo estes dizeres, como tudo já lido, escutado e compreendido pelo sujeito, indiferentemente da área, campo, disciplina, matéria... A flecha, então ao entrar em um determinado lugar, podendo ser uma conversa ou até mesmo um texto, entra carregada de um dialogismo, de outros dizeres.

Assim, ocorre na produção de um texto, em que o aluno/autor, ao escrever, conversa com outros *já ditos*, e nessa cadeia, ele vai constituindo-se como autor e interlocutor desse dizer. Ele compreende que ao escrever, responde a uma ou mais perguntas, fazendo então parte de uma cadeia, em que algo sempre estará sendo respondido.

Aqui ponho a flecha, assim como outros dizeres, já falaram no tecido do bordado, ou nos portos de passagem, em que o texto é sempre o ponto de partida e de chegada para o dizer de outrem.

Portanto é o texto, este lugar em que os ditos se permeiam, se perpassam, deslizando um sobre o outro, quase que numa dança poética, em que significados vão se entrelaçando um ao outro, formando uma cadeia interminável, carregada de expressão dos sujeitos.

Cabe então a escola, (re) significar o sentido e a função dos textos, bem como as produções dos alunos, repensando a seguinte questão: para quem os alunos escrevem? Para a escola? Para o professor? Ou para outrem? Frases soltas...

Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.
Sem uso, Ela nos espia do aparador. (Drummond, Poemas).

2.5.2. A concepção sociointeracionista da linguagem no ensino da Língua Portuguesa

A Língua Portuguesa é um código de comunicação legislado pela linguagem, que por sua vez, é marcada pelas condições econômicas, políticas e sociais de seu tempo.

A Língua evolui historicamente,

“(...) se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de interação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos”. (ANTUNES: 42)

Compreendemos, após o estudo de autores como Lev Vygotsky, Mikhail Bakhtin, Paulo Freire, Irandé Antunes, João Wanderley Geraldi, entre outros, que as interações humanas só se realizam mediadas pela linguagem.

Os discursos, que instauram e mantêm as ideologias de uma sociedade, são materializados através dos usos da linguagem, ou seja, os gêneros textuais.

Os gêneros são modos de assimilar e significar a realidade. Portanto, os objetos do ensino e da aprendizagem de Língua Portuguesa são as práticas de linguagem das interações humanas, tendo os gêneros do discurso como critérios (relativamente estáveis²) para a elaboração didática dessas práticas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no que se referem à Língua Portuguesa, são estruturados a partir da perspectiva sociointeracionista da linguagem e entendem que é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade dos gêneros, pois esses são partes das condições de produção dos discursos e ideologias em função das interações comunicativas.

Tendo em vista esses Parâmetros e as teorias de ensino e aprendizagem de vertente sociointeracionista, pretendemos trabalhar a prática de análise linguística, a leitura, a produção textual e a reescritura de textos, ancoradas pelo gênero Crônica, proposto pela Professora da turma.

Acreditamos que através desses processos de interação com a Língua materna estaremos propiciando aos alunos a possibilidade de arquitetar, analisar e assimilar conhecimentos, assim como ampliar suas competências linguísticas, a fim de capacitá-los a usar sua própria Língua plenamente e sem restrições.

Em seu ensaio, *Aula*, Roland Barthes afirma que é na língua, expressão obrigatória da linguagem, que se inscreve o poder (discursos de dominação e soberania presentes na história do homem), e que este é plural, presente

“até mesmo nos impulsos libertadores que tentam contestá-lo”.
(BARTHES: 12)

Reconhecemos que para o exercício pleno da cidadania e das liberdades é necessário, portanto, questionar as operações dos discursos que nos envolvem nos contextos em que acontecem.

Esse questionamento é parte fundamental tanto da nossa elaboração didática, quanto do entendimento de prática social que pretendemos suscitar nos alunos, com o propósito de auxiliá-los a obter sucesso e satisfação na sua participação social.

2.6. *Objetivos*

2.6.1. *Objetivos gerais*

- Colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante a graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, assim como experimentar as teorias de ensino e aprendizagem com as quais mais nos identificamos nesse percurso;
- Promover nos alunos a prática da comunicação verbal fluente, adequada e relevante.

2.6.2. *Objetivos específicos*

- Ampliar as competências dos alunos para o uso irrestrito da língua, em circunstâncias de oralidade, de leitura e de escrita;
- Expandir a visão de língua dos alunos: desmistificar, através da caracterização de uso formal informal da fala e da escrita, a compreensão da língua como algo uniforme, passível de “erros” e “acertos”, propiciando a compreensão de que a língua – objeto de estudo – é a mesma que eles utilizam em seu meio social;
- Analisar a dimensão social do gênero Crônica (seus modos de constituição e funcionamento no conjunto da vida social; análise sintática e semântica das Crônicas selecionadas – priorizando os conteúdos de concordância nominal/verbal e crase -; e análise da interação autor/leitor desses textos);
- Trabalhar a escrita contextualizada e a reescrita;
- Estimular e encorajar a participação social – interacional e, portanto, linguística – dos alunos em seu grupo social.

2.7. *Metodologia*

Para trabalhar os conteúdos de Concordância Verbal, Crase e Crônica, solicitados pela Professora Nadia, decidimos construir nosso trabalho através de aulas expositivas; do trabalho em dupla – para fomentar o aprendizado aluno/aluno; do trabalho em grupo – a fim de promover a cooperação e o trabalho em equipe; do trabalho com música trazida na sala de aula; leitura, escrita e reescrita de textos pelos alunos.

2.8. Cronograma

Turma 801 Nº total de planos de aula	Dia	Nº de aulas · Início · Total: 20 h/a	Estagiária	Data Show	Assunto
1	10/10-Quinta	1-(10:09)	Michelle		Crônica humorística: texto explicativo, conceito, e excertos de algumas obras.
2	11/10-Sexta	2- (10:30)	Michelle		Atividades com crônicas de Millôr. Identificar a crônica no jornal.
3	16/10-Quarta	1- (10:30)	Michelle		Gramática: concordância nominal.
4	17/10-Quinta	1-(10:09)	Michelle		Gramática: crase. Texto de Carlos Drummond de Andrade.
5	18/10-Sexta	2- (10:30)	Michelle	—	Vídeo sobre a crase. Regras básicas para não errar. Atividades.
6	23/10-Quarta	1- (10:30)	Michelle		Regras básicas crase. Texto e atividades. Crônicas de Drummond.
7	24/10-Quinta	1-(10:09)	Michelle		Atividades sobre concordância.
8	25/10-Sexta	2- (10:30)	Michelle e Mirelle	—	Slides: Placas do Brasil.Produção textual.(solicitar aos alunos uma crônica)/ Aula sobre Variação Linguística.
9	30/10-Quarta	1- (10:30)	Mirelle	—	Literatura: Crônicas – autores brasileiros e suas obras/ contação de histórias (crônicas brasileiras)
10	31/10-Quinta	1-(10:09)	Mirelle	—	Gramática:concordância verbal. /Atividade com as crônicas produzidas pelos alunos (parte 1 – análise linguística).
11	01/11-Sexta	2- (10:30)	Mirelle		Gramática/Produção Textual: concordância verbal./Atividade com as crônicas produzidas pelos alunos (parte 2 – atividade em dupla e reescrita da crônica).
12	06/11-Quarta	1- (10:30)	Mirelle	—	1ª aula sobre Manifestações Político-sociais no Brasil em 2013 – introdução.
13	07/11-Quinta	1-(10:09)	Mirelle	—	Gramática: 2ª aula sobre Manifestações Político-sociais no Brasil em 2013 – análise sintática e semântica de cartazes./ Contação de histórias – tema: terror “dia das bruxas”.
14	08/11-Sexta	2- (10:30)	Mirelle		3ª aula sobre Manifestações Político-sociais no Brasil em 2013 – conclusão e produção de cartazes pelos alunos.
15	13/11-Quarta	1- (10:30)	Mirelle	—	Apresentação do trabalho desenvolvido no estágio e encerramento./ Auto-avaliação.

2.9. Planos de Aula Comentados



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA
VERNÁCULAS**



Plano de aula 01

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Michelle de Araujo
Data: 11/10 –sexta -feira / Início: 10:30h / Duração:90 h/a (min.)

Tema:

Crônica humorística.

Conteúdo:

Crônica humorística: texto explicativo, conceito, e excertos de algumas obras.

Objetivo geral:

Refletir sobre a função da crônica no âmbito social.

Objetivo específico:

- Identificar as regularidades da crônica, bem como a sua funcionalidade no meio em que ela circula;
- Observar as características de uma crônica, diferenciando-a dos demais tipos de textos.

Procedimentos:

- Apresentação do estágio para os alunos, pontuando para eles os assuntos e conteúdos que serão abordados. (5 min);
- Apresentação do tema da aula para os alunos. Problematizar qual o tipo de suporte no qual encontramos o gênero crônica. (levar jornal e revista para exemplificar). (5 min);
- Entregar as fotocópias aos educandos sobre os variados tipos de crônicas, pedindo para que alguns alunos leiam em voz alta. (anexo1 e 2) (20min);
- Ler a crônica em voz alta para os alunos “minhas férias” de Luís Fernando Veríssimo. (anexo3) (10min);

- Passar a crônica “O piquenique das tartarugas”(anexo 4), lendo, explicando a crítica e a moral da história para os alunos, problematizando o assunto. (15min);
- Problematizar com os alunos o que eles acham da crítica de Millôr. (15 min);
- Problematizar com os alunos o que eles acham da crítica de Millôr. (15 min);
- Passar a tarefa para a próxima aula, e entregar o lembrete. (anexo 5). (5min).

Recursos:

- Fotocópias, revistas, jornais;
- Caneta para quadro branco e lousa.

Avaliação:

- Participação e envolvimento do grupo.

Referências:

-Blog:http://keylapinheiro.blogspot.com.br/2011/04/cronicas-de-humor_10.html>acessado em 24 de set. de 2013 às 21:45hs

Comentários:

Apesar no nervosismo, a aula foi maravilhosa. Os alunos foram participativos, fazendo perguntas e trazendo informações pertinentes ao assunto. Consegui explorar bem o tempo em sala. Apesar do jornal estar planejado apenas para algumas aulas, irei trazer em todas, pois senti um grande interesse por parte dos alunos na crônica lida.

ANEXO 1

EEB Porto do Rio Tavares.

Data: 26/09/13



GÊNERO TEXTUAL: CRÔNICA

A crônica é uma forma textual no estilo de narração que tem por base fatos que acontecem em nosso cotidiano. Por este motivo, é uma leitura agradável, pois o leitor interage com os acontecimentos e por muitas vezes se identifica com as ações tomadas pelas personagens.

Você já deve ter lido algumas crônicas, pois estão presentes em jornais, revistas e livros. Além do mais, é uma leitura que nos envolve, uma vez que utiliza a primeira pessoa e aproxima o autor de quem lê. Como se estivessem em uma conversa informal, o cronista tende a dialogar sobre fatos até mesmo íntimos com o leitor.

O texto é curto e de linguagem simples, o que o torna ainda mais próximo de todo tipo de leitor e de praticamente todas as faixas etárias. A sátira, a ironia, o uso da linguagem coloquial demonstrada na fala das personagens, a exposição dos sentimentos e a reflexão sobre o que se passa estão presentes nas crônicas. Como exposto acima, há vários motivos que levam os leitores a gostar das crônicas, mas e se você fosse escrever uma, o que seria necessário? Vejamos de forma esquematizada as características da crônica:

- **Narração curta;**
- **Descreve fatos da vida cotidiana;**
- **Pode ter caráter humorístico, crítico, satírico e/ou irônico;**
- **Possui personagens comuns;**
- **Segue um tempo cronológico determinado;**
- **Uso da oralidade na escrita e do coloquialismo na fala das personagens;**
- **Linguagem simples.**

Portanto, se você não gosta ou sente dificuldades de ler, a crônica é uma dica interessante, pois possui todos os requisitos necessários para tornar a leitura um hábito agradável!

Alguns cronistas (veteranos e mais recentes) são: Fernando Sabino, Rubem Braga, Luis Fernando Veríssimo, Carlos Heitor Cony, Carlos Drummond de Andrade,

Fernando Ernesto Baggio, Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis, Max Gehringer, Moacyr Scliar, Pedro Bial, Arnaldo Jabor, dentre outros.

Por Sabrina Vilarinho
Graduada em Letras
Equipe Brasil Escola

ANEXO 2

Tipos de Crônica

Crônica Descritiva

Ocorre quando uma crônica explora a caracterização de seres animados e inanimados em um espaço, viva como uma pintura, precisa como uma fotografia ou dinâmica como um filme publicado.

Crônica Narrativa

Tem por eixo uma história, o que a aproxima do conto. Pode ser narrado tanto na 1ª quanto na 3ª pessoa do singular. Texto lírico (poético, mesmo em prosa). Comprometido com fatos cotidianos (“banais”, comuns).

Crônica Dissertativa

Opinião explícita, com argumentos mais “sentimentalistas” do que “racionais” (em vez de “segundo o IBGE a mortalidade infantil aumenta no Brasil”, seria “vejo mais uma vez esses pequenos seres não alimentarem sequer o corpo”). Exposto tanto na 1ª pessoa do singular quanto na do plural.

Crônica Narrativo-Descritiva

É quando uma crônica explora a caracterização de seres, descrevendo-os. E, ao mesmo tempo mostra fatos cotidianos (“banais”, comuns) no qual pode ser narrado em 1ª ou na 3ª pessoa do singular. Ela é baseada em acontecimentos diários.

Crônica Humorística

Deve ter algo que chame a atenção do leitor assim como um pouco de humor. É sempre bom ter poucos personagens e apresentar tempo e espaços reduzidos. A linguagem é próxima do informal.

Crônica Lírica

Linguagem poética e metafórica. Expressa o estado do espírito, as emoções do cronista diante de um fato de uma pessoa ou fenômeno. Em geral as emoções do escritor.

Crônica Poética

Apresenta versos poéticos em forma de crônica, expressando sentimentos e reações de um determinado assunto.

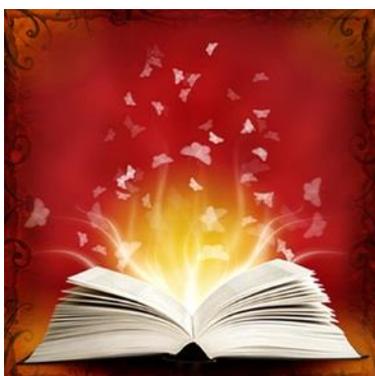
Crônica Jornalística

Apresentação de aspectos particulares de notícias ou factos baseados no cotidiano. Pode ser policial, desportiva, etc...

ANEXO 3

EEB Porto do Rio Tavares.

Data: 26/09/13



CRÔNICA HUMORÍSTICA

CRÔNICAS DE HUMOR, DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO



Minhas Férias

Eu, minha mãe, meu pai, minha irmã (Su) e meu cachorro (Dogman) fomos fazer camping. Meu pai decidiu fazer camping este ano porque disse que estava na hora de a gente conhecer a natureza de perto, já que eu, a minha irmã (Su) e o meu cachorro (Dogman) nascemos em apartamento, e, até cinco anos de idade, sempre que via um passarinho numa árvore, eu gritava “aquele fugiu!” e corria para avisar um guarda; mas eu acho que meu pai decidiu fazer camping depois que viu os preços dos hotéis, apesar da minha mãe avisar que, na primeira vez que aparecesse uma cobra, ela voltaria para casa correndo, e minha irmã (Su) insistir em levar o toca-disco e toda a coleção de discos dela, mesmo o meu pai dizendo que aonde nós íamos não teria corrente elétrica, o que deixou minha irmã (Su) muito irritada, porque, se não tinha corrente elétrica, como ela ia usar o secador de cabelo? Mas eu e o meu cachorro (Dogman) gostamos porque o meu pai disse que nós íamos pescar, e cozinhar nós mesmos o peixe pescado no fogo, e comer o peixe com as mãos, e se há uma coisa que eu gosto é confusão. Foi

muito engraçado o dia em que minha mãe abriu a porta do carro bem devagar, espiando embaixo do banco com cuidado e perguntando “será que não tem cobra?”, e o meu pai perdeu a paciência e disse “entra no carro e vamos embora”, porque nós ainda nem tínhamos saído da garagem do edifício.

Na estrada tinha tanto buraco que o carro quase quebrou, e nós atrasamos, e quando chegamos no lugar do camping já era noite, e o meu pai disse “este parece ser um bom lugar, com bastante grama e perto da água”, e decidimos deixar para armar a barraca no dia seguinte e dormir dentro do carro mesmo; só que não conseguimos dormir, porque o meu cachorro (Dogman) passou a noite inteira querendo sair do carro, mas a minha mãe não deixava abrirem a porta, com o medo de cobra; e no dia seguinte tinha a cara feia de um homem nos espiando pela janela, porque nós tínhamos estacionado o carro no quintal da casa dele, e a água que o meu pai viu era a piscina dele e tivemos que sair correndo. No fim conseguimos um bom lugar para armar a barraca, perto de um rio.

Levamos dois dias para armar a barraca, porque a minha mãe tinha usado o manual de instruções para limpar umas porcarias que meu cachorro (Dogman) fez dentro do carro, mas ficou bem legal, mesmo que o zíper da porta não funcionasse e para entrar ou sair da barraca a gente tivesse que desmanchar tudo e depois armar de novo. O rio tinha um cheiro ruim, e o primeiro peixe que nós pescamos já saiu da água cozinhando, mas não deu para comer, e o melhor de tudo é que choveu muito, e a água do rio subiu, e nós voltamos pra casa flutuando, o que foi muito melhor que voltar pela estrada esburacada; quer dizer que no fim tudo deu certo.

Veríssimo, Luis Fernando. *O Santinho.* Rio de Janeiro. Objetiva



ANEXO 4

Crônica: O Piquenique das Tartarugas	Crônica: O Piquenique das Tartarugas
	
<p><i>“Uma família de tartarugas decidiu sair para um piquenique.</i></p>	<p><i>“Uma família de tartarugas decidiu sair para um piquenique.</i></p>

<p>As tartarugas, sendo naturalmente lentas, levaram 7 anos preparando-se para o passeio.</p> <p>Passados 6 meses, após acharem o lugar ideal, ao desembalarem a cesta de piquenique descobriram que estavam sem sal. Então, designaram a tartaruga mais nova para voltar em casa e pegar o sal, por ser a mais rápida.</p> <p>A pequena tartaruga lamentou, chorou e esperneou. Concordou em ir, mas com uma condição: que ninguém comeria até que ela retornasse.</p> <p>Três anos se passaram... Seis anos... e a pequenina não tinha retornado. Ao sétimo ano de sua ausência, a tartaruga mais velha já não suportando mais a fome, decidiu desembalar um sanduíche. Nesta hora, a pequena tartaruga saiu de trás de uma árvore e gritou:</p> <p>- Viu! Eu sabia que vocês não iam me esperar. Agora que eu não vou mesmo buscar o sal.”</p> <p style="text-align: center;">(Millôr Fernandes)</p> <p>O tempo é mesmo tão relativo! As tartarugas e as pessoas também. São capazes de fazer cada uma!!! Pouca coisa ainda me surpreende...</p>	<p>As tartarugas, sendo naturalmente lentas, levaram 7 anos preparando-se para o passeio.</p> <p>Passados 6 meses, após acharem o lugar ideal, ao desembalarem a cesta de piquenique descobriram que estavam sem sal. Então, designaram a tartaruga mais nova para voltar em casa e pegar o sal, por ser a mais rápida.</p> <p>A pequena tartaruga lamentou, chorou e esperneou. Concordou em ir, mas com uma condição: que ninguém comeria até que ela retornasse.</p> <p>Três anos se passaram... Seis anos... e a pequenina não tinha retornado. Ao sétimo ano de sua ausência, a tartaruga mais velha já não suportando mais a fome, decidiu desembalar um sanduíche. Nesta hora, a pequena tartaruga saiu de trás de uma árvore e gritou:</p> <p>- Viu! Eu sabia que vocês não iam me esperar. Agora que eu não vou mesmo buscar o sal.”</p> <p style="text-align: center;">(Millôr Fernandes)</p> <p>O tempo é mesmo tão relativo! As tartarugas e as pessoas também. São capazes de fazer cada uma!!! Pouca coisa ainda me surpreende...</p>
---	---

ANEXO 5

<p>EEB Porto do Rio Tavares. Data: 26/09/13</p> <p style="text-align: center;">Tarefa</p> <p>Responda:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como você definiria o gênero crônica? 2. Quais são os tipos de crônica? 	<p>EEB Porto do Rio Tavares. Data: 26/09/13</p> <p style="text-align: center;">Tarefa</p> <p>Responda:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como você definiria o gênero crônica? 2. Quais são os tipos de crônica?
--	--

<p>3. Defina: crônica humorística.</p> <p>4. Cite o nome de alguns cronistas famosos.</p>	<p>3. Defina: crônica humorística.</p> <p>4. Cite o nome de alguns cronistas famosos.</p>
<p>EEB Porto do Rio Tavares. Data: 26/09/13</p> <p style="text-align: center;">Tarefa</p> <p>Responda:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como você definiria o gênero crônica? 2. Quais são os tipos de crônica? 3. Defina: crônica humorística. 4. Cite o nome de alguns cronistas famosos. 	<p>EEB Porto do Rio Tavares. Data: 26/09/13</p> <p style="text-align: center;">Tarefa</p> <p>Responda:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como você definiria o gênero crônica? 2. Quais são os tipos de crônica? 3. Defina: crônica humorística. 4. Cite o nome de alguns cronistas famosos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA
VERNÁCULAS



Plano de aula 02

EEB Porto do Rio Tavares

8ª série 801

Professora: Nadia Nardi Martins

Estagiária: Michelle de Araujo

Data: 16/10 – quarta-feira / Início: 10h30 / Duração: 1h/a (45min.)

Tema:

Crônica humorística.

Conteúdo:

- A literatura de humor;
- Charge política;
- Aforismos.

Objetivo geral:

Fazer com que os alunos reconheçam a estrutura de uma crônica.

Objetivo específico:

- Observar o senso de humor presente nas crônicas de Millôr Fernandes;
- Analisar o papel do humor como elemento de análise e crítica social em sua obra;
- Analisar alguns textos e desenhos de Millôr;
- Ler textos, observando os aforismos, máximas, ditos populares, pequenos poemas, em que sejam retratadas situações de humor;

Procedimentos:

- Apresentar a biografia de Millôr, através de um vídeo, para que os alunos conheçam melhor o autor. (15min);
- Passar o vídeo: Millôr de A a Z, com as frases mais célebres do autor. (15 min);
- Escutar o que os alunos acharam dos vídeos, problematizando-os. (10 min)
- Explicação da tarefa (anexo 2), pedir para que os alunos tragam uma crônica do Millôr para a próxima aula) (5min);

Recursos:

- Fotocópias, revistas e jornais;
- Datashow.

Avaliação:

- Participação e envolvimento do grupo.

Referências:

- Vídeo:

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=MSO6gFerDM4#t=369

Comentários:

Fiquei um pouco nervosa e frustrada com o data show da escola, pois ele tem uma imagem ruim e o áudio é bem baixo. Tentarei trazer uma caixa de som para as outras aulas programadas.

Os alunos adoraram os vídeos, principalmente a apresentação com as frases célebres do Millôr.

ANEXO 4

EEB Porto do Rio Tavares. Data: 04/10/13 TAREFA: Pesquisar uma crônica de Millôr Fernandes para a próxima aula.	EEB Porto do Rio Tavares. Data: 04/10/13 TAREFA: Pesquisar uma crônica de Millôr Fernandes para a próxima aula.	EEB Porto do Rio Tavares. Data: 04/10/13 TAREFA: Pesquisar uma crônica de Millôr Fernandes para a próxima aula.
EEB Porto do Rio Tavares. Data: 04/10/13 TAREFA: Pesquisar uma crônica de Millôr Fernandes para a próxima aula.	EEB Porto do Rio Tavares. Data: 04/10/13 TAREFA: Pesquisar uma crônica de Millôr Fernandes para a próxima aula.	EEB Porto do Rio Tavares. Data: 04/10/13 TAREFA: Pesquisar uma crônica de Millôr Fernandes para a próxima aula.

<p>EEB Porto do Rio Tavares. Data: 04/10/13</p> <p>TAREFA:</p> <p>Pesquisar uma crônica de Millôr Fernandes para a próxima aula.</p>	<p>EEB Porto do Rio Tavares. Data: 04/10/13</p> <p>TAREFA:</p> <p>Pesquisar uma crônica de Millôr Fernandes para a próxima aula.</p>	<p>EEB Porto do Rio Tavares. Data: 04/10/13</p> <p>TAREFA:</p> <p>Pesquisar uma crônica de Millôr Fernandes para a próxima aula.</p>
--	--	--

Plano de aula 03

EEB Porto do Rio Tavares 8ª série 801 Professora: Nadia Nardi Martins Estagiária: Michelle de Araujo Data: 17 /10 – quinta-feira / Início: 10h09 / Duração: 1h/a (38min.)

Tema:

Concordância nominal.

Conteúdo:

Regras gramaticais: concordância nominal.

Objetivo geral:

Fazer com que os alunos a compreendam o uso das regras gramaticais no cotidiano.

Objetivo específico:

- Revisar textos considerando o uso da norma-padrão da concordância verbal e nominal;
- Identificar o uso incorreto de frases em determinados contextos do dia a dia.

Procedimentos:

- Distribuir o texto teórico (anexo 1), explicando algumas regras básicas de concordância nominal. (13min);
- Entregar a lista de exercícios (anexo 2), explicando para os alunos como fazer. (10 min);
- Fazer a correção no quadro dos exercícios. (10 min);
- Entregar a tarefa, explicando como eles devem fazer. (anexo 3). (5 min)

Recursos

- Fotocópias;
- Lousa e canetão.

Avaliação:

- Participação e envolvimento do grupo.

Referências:

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 36 ed., SP: Companhia Editora Nacional, 1997.

Comentário:

Apesar da aula ser curtinha, consegui fazer tufo que planejei. É claro que o apoio de a ajuda da estagiária Mirelle contribui muito para isso. Enquanto vou explicando ou falando, ela vai passando alguns tópicos na lousa. Os recados e deveres também foram anotados por ela enquanto eu passava as folhas xerocadas. Bom, pensando no dia a dia, poderíamos pedir para que alguns alunos entreguem, com certeza, isso facilitará o nosso trabalho em sala.

ANEXO 1



Concordância nominal nada mais é que o ajuste que fazemos aos demais termos da oração para que concordem em gênero e número com o substantivo.

Teremos que alterar, portanto, o artigo, o adjetivo, o numeral e o pronome. Além disso, temos também o verbo, que se flexionará à sua maneira, merecendo um estudo separado de concordância verbal.

REGRA GERAL: O artigo, o adjetivo, o numeral e o pronome, concordam em gênero e número com o substantivo.

- *A pequena criança é uma gracinha.*
- *O garoto que encontrei era muito gentil e simpático.*

Alguns Casos:

1-Menos, alerta

- Em todas as ocasiões são invariáveis.

Preciso de menos comida para perder peso.
Estamos alerta para com suas chamadas.

2- É bom, é necessário, é proibido

- Essas expressões não variam se o sujeito não vier precedido de artigo ou outro determinante.

Canja é bom. / A canja é boa.

É necessário sua presença. / É necessária a sua presença.

É proibido entrada de pessoas não autorizadas. / A entrada é proibida.

3- Anexo, incluso, próprio, obrigado: Concordam com o substantivo a que se referem.

As cartas estão anexas.

A bebida está inclusa.

Precisamos de nomes próprios.

Obrigado, disse o rapaz.

4- Meio: Como advérbio: invariável. *Estou meio insegura.*

2- Como numeral: segue a regra geral. *Comi meia laranja pela manhã.*

ANEXO 2

Atividades sobre Concordância

1)(TJ-SP) Considerando a concordância nominal, assinale a frase correta:

- a) Ela mesmo confirmou a realização do encontro.
- b) Foi muito criticado pelos jornais a reedição da obra.
- c) Ela ficou meia preocupada com a notícia.
- d) Muito obrigada, querido, falou-me emocionada.
- e) Anexos, remeto-lhes nossas últimas fotografias.

2) Mediante os enunciados linguísticos em evidência, explicita seus conhecimentos acerca da concordância nominal, com vistas a registrar suas impressões:

É proibido entrada de visitantes nesta área do parque.

É proibida a entrada de visitantes nesta área do parque.

3) Partindo do pressuposto de que algumas classes de palavras se caracterizam como invariáveis, analise as orações abaixo, optando por atribuir-lhes o termo correspondente.

A – A garota parece ----- confusa. (meio/meia)

b – Comemos -----pizza durante o rodízio com amigos. (meio/meia)

c – São -----as reclamações sobre a mudança de itinerário.
(bastante/bastantes)

d – Por hoje já basta, pois estamos -----cansadas. (bastante/bastantes)

e – Perdemos -----chances de demonstrarmos nosso talento.
(bastante/bastantes)

4) (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa corretamente os espaços:

A entrada para o cinema foi..., mas o filme e o desenho... compensaram, pois saímos todos....

- a) caro – apresentado – alegre
- b) cara – apresentado – alegre
- c) caro – apresentados – alegres
- d) cara – apresentados – alegres
- e) cara – apresentados – alegre.

5) Tendo em vista algumas peculiaridades relacionadas entre o substantivo e o adjetivo, elabore enunciados utilizando-se das expressões “obrigado” e “anexo”.

Plano de aula 04

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Michelle de Araujo
Data: 18/10 – sexta-feira / Início: 10h30 / Duração: 2h/a (90min.)

Tema:

Crase.

Conteúdo:

O uso da crase em textos literários.

Objetivo geral:

Compreender o uso da crase no cotidiano, suas regularidades e suas funções.

Objetivo específico:

- Observar as regras, compreendendo o motivo pelo qual utilizamos a crase;
- Identificar a crase em textos literários de Carlos Drummond De Andrade, reconhecendo o uso adequado.

Procedimentos:

- Explicar algumas regras sobre o uso da crase, com texto explicativo. (anexo 1). (15min);
- Passar o vídeo sobre as placas, problematizando com os alunos se eles observam e identificam os possíveis erros ortográficos. (30 min);
- Aplicar o ditado da crase. Neste ditado, a estagiária irá ditar 10 frases que terão ou não crase. (15 min);
- Entregar o material com o texto “**As Sem -Razões do Amor**” (anexo 2) de Carlos Drummond de Andrade, fazendo a proposta de atividade anexa ao texto, corrigindo junto como os alunos. (15min).
- Passar a tarefa no quadro: os alunos deverão pesquisar uma frase em que o uso da crase está correto. (8 min)

Recursos:

- Fotocópias;
- Lousa e canetão.

Avaliação:

- Participação e envolvimento do grupo.

Referências:

- <http://www.casadobruxo.com.br/poesia/c/semrazoes>.

Comentário:

Os alunos adoraram o vídeo sobre crase e concordância. A apresentação feita por mim chamou a atenção dos alunos, pois eles mesmos faziam as devidas correções. Algumas questões de plural foram explicadas, mas creio que este assunto possa ser mais explorado em outras aulas. (plural de mão, pão e limão).

**ANEXO 1**

EEB Porto do Rio Tavares.

Data: 10/10/13

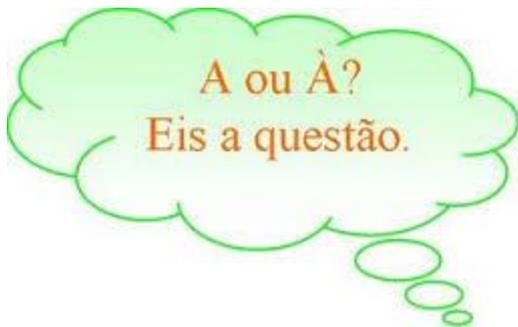
CRASE: COMO USAR?

A palavra **crase** é de origem grega e significa “fusão”, “mistura”. Na língua portuguesa, é o nome que se dá à “junção” de duas vogais idênticas. É de grande importância a crase da preposição “a” com o artigo feminino “a” (**s**), com o pronome demonstrativo “a” (**s**), com o “a” inicial dos pronomes **aquele (s)**, **aquela (s)**, **aquilo** e com o “a” do relativo **a qual (as quais)**. Na escrita, utilizamos o acento grave (`) para indicar a crase. O uso apropriado do acento grave, depende da compreensão da fusão das duas vogais. É fundamental também, para o entendimento da crase, dominar a regência dos verbos e nomes que exigem a preposição “a”. Aprender a usar a crase, portanto, consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome. **Observe:**

Vou **a** a igreja.

Vou **à** igreja.

No exemplo acima, temos a ocorrência da preposição “a”, exigida pelo verbo **ir** (ir a algum lugar) e a ocorrência do artigo “a” que está determinando o substantivo feminino **igreja**. Quando ocorre esse encontro das duas vogais e elas se unem, a união delas é indicada pelo acento grave. **Observe os outros exemplos:**



Conheço **a** aluna.
Refiro-me **à** aluna.

No primeiro exemplo, o verbo é transitivo (conhecer algo ou alguém), logo não exige preposição e a crase não pode ocorrer. No segundo exemplo, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e exige a preposição “**a**”. Portanto, a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino “**a**” ou um dos pronomes já especificados.

Há algumas maneiras de verificar a existência da crase, uma delas é:

- 2- Colocar um termo masculino no lugar do termo feminino que se está em dúvida. Se surgir a forma **ao**, ocorrerá crase antes do termo feminino.

Veja os exemplos:

Conheço “**a**” aluna. / Conheço **o** aluno.
Refiro-me **ao** aluno. / Refiro-me **à** aluna.

ANEXO 2

EEB Porto do Rio Tavares.
Data: 10/10/13

Texto: “As Sem –Razões do Amor”

Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

Carlos Drummond de Andrade

Atividade:

2- Assinale a frase em que à ou às está mal empregado:

- a) Amores à vista.
- b) Referi-me às sem-razões do amor.
- c) Desobedeci às limitações sentimentais.
- d) Estava meu coração à mercê das paixões.
- e) Submeteram o amor à provações difíceis.

2) Justifique com suas palavras a opção escolhida do exercício anterior:

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS**

Plano de aula 05

EEB Porto do Rio Tavares

8ª série 801

Professora: Nadia Nardi Martins

Estagiária: Michelle de Araujo

Data: 23/10 – quarta-feira / Início: 10h30 / Duração: 1h/a (45min.)

Tema:

Crase.

Conteúdo:

A crase.

Objetivo geral:

Fazer com que os alunos identifiquem alguns erros em placas de propagandas publicitárias.

Objetivo específico:

- Observar alguns erros recorrentes em placas publicitárias;
- Aplicar as regras aprendidas em atividades de fixação.

Procedimentos:

- Conversar com os alunos sobre as placas publicitárias, dizendo que podemos encontrar alguns erros ortográficos, destacando que a crase faz uma diferença no sentido de uma frase ou expressão (10 min);
- Entregar aos alunos uma fotocópia (anexo 1) com o jogo dos sete erros. Nele, os alunos deverão encontrar sete frases em que a crase está inserida de forma errônea; (15 min);
- Distribuir uma fotocópia (anexo 2) com uma atividade avaliativa sobre a crase. Esta atividade será individual e irá verificar se os alunos compreenderam o que foi visto até o momento. (15min);
- Passar a tarefa no quadro: faça uma pequena crônica, utilizando como tema: “A escola”. Os alunos deverão fazer em uma folha (anexo 3), (5 min).

Recursos:

- Fotocópias;
- Lousa e canetão.

Avaliação:

- Participação e envolvimento do grupo.

Referências:

-BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 36 ed., SP: Companhia Editora Nacional, 1997.

Comentário:

Os alunos fizeram atividades em duplas. No início senti que eles estavam agitados e que estavam perdendo o foco na aula, mas logo propus a correção no quadro, questionando-os sobre as questões. Com isso, a aula voltou a ficar dinâmica. Os alunos adoraram o tema da proposta de crônica.

Anexo 01

<p>EEB. Porto do Rio Tavares. Data: ___/___/___</p> <p>Proposta de atividade: jogo dos 7 erros. Com base no que foi estudado, encontre e circule os sete erros abaixo:</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;"> <p>Cuidado! Curva sinuosa à 50 metros. O computador está conectado à uma fonte de alimentação. Levei a minha filha à escola. Roberta foi de carona á festa. Ontem, deixamos as garotas em casa as 10hs. Feliz Natal à todos! Eu desejei um Feliz Natal à família toda! Fui á praia ontem. Revi o texto linha a linha. Agradeço à Deus!</p> </div>	<p>EEB. Porto do Rio Tavares. Data: ___/___/___</p> <p>Proposta de atividade: jogo dos 7 erros. Com base no que foi estudado, encontre e circule os sete erros abaixo:</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;"> <p>Cuidado! Curva sinuosa à 50 metros. O computador está conectado à uma fonte de alimentação. Levei a minha filha à escola. Roberta foi de carona á festa. Ontem, deixamos as garotas em casa as 10hs. Feliz Natal à todos! Eu desejei um Feliz Natal à família toda! Fui á praia ontem. Revi o texto linha a linha. Agradeço à Deus!</p> </div>
<p>EEB. Porto do Rio Tavares. Data: ___/___/___</p> <p>Proposta de atividade: jogo dos 7 erros. Com base no que foi estudado, encontre e circule os sete erros abaixo:</p>	<p>EEB. Porto do Rio Tavares. Data: ___/___/___</p> <p>Proposta de atividade: jogo dos 7 erros. Com base no que foi estudado, encontre e circule os sete erros abaixo:</p>

<p>Cuidado! Curva sinuosa à 50 metros. O computador está conectado à uma fonte de alimentação. Levei a minha filha à escola. Roberta foi de carona á festa. Ontem, deixamos as garotas em casa as 10hs. Feliz Natal à todos! Eu desejei um Feliz Natal à família toda! Fui á praia ontem. Revi o texto linha a linha. Agradeço à Deus!</p>	<p>Cuidado! Curva sinuosa à 50 metros. O computador está conectado à uma fonte de alimentação. Levei a minha filha à escola. Roberta foi de carona á festa. Ontem, deixamos as garotas em casa as 10hs. Feliz Natal à todos! Eu desejei um Feliz Natal à família toda! Fui á praia ontem. Revi o texto linha a linha. Agradeço à Deus!</p>
---	---

ANEXO 02

EEB Porto do Rio Tavares

Aluno: _____

Data: ___/___/___.

Atividade Avaliativa sobre crase.

Proposta 1:

Exercício de crase



Tente acertar neste exercício de crase qual das 3 opções está correta. Acento grave que indica a crase, acento agudo, ou sem acento? Curiosamente, essas 3 placas foram instaladas na mesma obra do novo metrô na Avenida Santo Amaro, zona sul de São Paulo, a menos de 50 metros de distância uma da outra. Será que a pessoa responsável pelo conteúdo resolveu cobrir todas as possibilidades e acertar ao menos uma delas? Nessa caso, faltou a versão também frequentemente encontrada "há 50 metros" :-).

A resposta a este exercício de crase encontra-se no post do blog "[crase em a 500 metros](#)". Mas se você reparar bem, vai encontrar a resposta no texto acima...

Resposta:

Proposta 2:



Na imagem acima, temos dois erros bem graves de acentuação! Você consegue observar?

R:

Proposta 3:



Nesta imagem a acentuação está correta? Justifique sua resposta.

R:

Plano de aula 06

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Michelle de Araujo
Data: 24/10 – quinta-feira / Início: 10h09 / Duração: 1h/a aula reduzida (38min.)

Tema:

Crase

Conteúdo:

A presença da crase em tirinhas.

Objetivo geral:

Propiciar ao aluno um momento de descontração através das tirinhas, fazendo com que ele aprenda o uso da crase de uma forma bem divertida e atraente.

Objetivo específico:

- Identificar a função da crase em uma frase;
- Aplicar os conhecimentos já vistos em atividades de fixação.

Procedimentos:

- Distribuir as fotocópias (anexo 1) para os alunos, pedindo para que eles leiam (silenciosamente) a tirinha do Zezé. (3 min);
- Pedir para que os alunos respondam no caderno as duas questões que seguem a tirinha. (5 min);
- Entregar aos alunos uma lista de exercícios com crase (anexo 2), pedindo que eles façam em dupla. (10 min).
- Pedir para que os alunos façam uma tirinha, na folha que a estagiária irá entregar (anexo 3). Na tirinha o aluno deverá produzir falas que contenham ao menos uma crase. Esta atividade será entregue até o final da aula, valendo nota. (15 min);
- Passar no quadro a tarefa: pesquisar ao menos dois casos em que não ocorre a crase. Fazer a pesquisa no caderno. (5min).

Recursos:

- Fotocópias;
- Lousa e caneta.

Avaliação:

- Produção das tirinhas.

Referências:

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 36 ed., SP: Companhia Editora Nacional, 1997.

- KANACHIRO, Regina. **Português: projeto aribá**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2007.

Comentário:

Aula curtinha de 38 minutos, assim, as atividades foram feitas com sucesso, entretanto, não deu tempo de entregar os deveres, pedi então para que eles anotassem rapidamente no caderno: trazer uma imagem, ou escrever no caderno uma placa que tenha visto em seu bairro, com algum desvio gramatical. Não foi feita a atividade da tirinha do Zezé, bem como a atividade proposta.

ANEXO 3

<p>EEB Porto do Rio Tavares. Aluno(a): _____ _____ Data: __/__/__.</p> <p>Proposta de atividade: tirinha</p> <p>De acordo com as tirinhas estudadas, crie uma tirinha que contenha ao menos uma crase em suas falas. Use a sua criatividade.</p>	<p>EEB Porto do Rio Tavares. Aluno(a): _____ _____ Data: __/__/__.</p> <p>Proposta de atividade: tirinha</p> <p>De acordo com as tirinhas estudadas, crie uma tirinha que contenha ao menos uma crase em suas falas. Use a sua criatividade.</p>
---	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA
VERNÁCULAS



Plano de aula 07

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Michelle de Araujo
Data: 25/10 – sexta-feira / Início: 10h30 / Duração: 2h/a (90min.)

Tema:

Crônica humorística.

Conteúdo:

A crônica humorística de Machado de Assis.

Objetivo geral:

Compreender a estrutura utilizada em crônicas humorísticas.

Objetivo específico:

- Identificar uma estrutura de crônica;
- Ler a crônica de Machado de Assis, observando a linguagem utilizada de acordo com a época que ela foi escrita.

Procedimentos:

- Ler para os alunos a crônica de Machado de Assis que fala sobre as regras para o uso do transporte da época. (10 min);
- Problematizar com os alunos a razão pelo qual as palavras do texto estão escritas de forma diferente, exemplo: imediatamente, afirmativo, incommodo, conductor, etc. Explicar para os alunos que esta é uma linguagem utilizada em meados do séc. XIX, e que a LP sofreu ao longo do tempo muitas modificações. (10min)
- Solicitar aos alunos que façam um texto de caráter humorístico, para os usuários de transporte coletivo mais comum da cidade. Entregar até o final da aula. (20 min);
- Copiar no quadro a seguinte tarefa para casa: pesquise qual a diferença entre conto e crônica, pontuando as principais características de ambos os gêneros. Fazer no caderno. (5min).
- Passar no quadro as atividades de concordância para os alunos, pedindo que eles realizem com bastante atenção, fazendo a correção. (25 min);
- Conversar com os alunos sobre o estágio, pontuando e agradecendo, explicando que as próximas aulas serão ministradas pela Mirelle. (15min);

Plano de aula 08

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Michelle de Araujo e Mirelle Jorge Cunha
Data: 25/10 – sexta-feira / Início: 10h30 / Duração: 2h/a (90min.)

Temas:

- Gramática;
- Produção Textual;
- Literatura;
- As placas do Brasil: os erros mais comuns no país;
- Variação Linguística no Brasil.

Conteúdos:

Concordância nominal e verbal, crase e crônicas.

Objetivos gerais:

- Compreender as consequências de usos não-normativos da escrita na esfera da comunicação humana;
- Reconhecer que no Brasil temos uma língua oficial e variantes dessa língua, tanto nos usos orais quanto escritos.

Objetivos específicos:

- Observar os erros mais comuns em placas e cartazes;
- Praticar análise linguística com os alunos;
- Refletir acerca dos diversos usos do Português Brasileiro e seus contextos;
- Discorrer acerca do “erro” e do “acerto” em relação aos usos da língua materna;
- Conscientizar os alunos sobre o preconceito linguístico.

Procedimentos:

- Assistir aos slides de placas que contenham alguns erros ortográficos, fazendo pausas, questionando sobre os erros, perguntando aos alunos se eles sabem como seria a forma correta. (20 min);
- Entregar a fotocópia com a atividade avaliativa de concordância para os alunos, pedindo que eles realizem com bastante atenção (anexos 01 e 02) (20 min);
- Entregar a proposta de produção textual (anexo 03), explicando como deve ser feita. Esta atividade será entregue na próxima aula para a estagiária Mirelle. (5min);

- Apresentação do estágio da Mirelle (3 min);
- Desenhar história em quadrinhos na lousa e solicitar que os alunos copiem no caderno (anexo 04) (2 min);
- A partir das reações dos alunos com a ilustração, iniciar aula expositiva sobre as variantes linguísticas do Português Brasileiro na oralidade e na escrita e acerca do preconceito linguístico (20 min);
- Explicar e entregar atividade (anexo 05): os alunos irão transformar um texto oral em escrito e vice-versa (5 min);
- Execução da atividade (10 min);
- Recolher as atividades e fazer a chamada (5 min).

Recursos:

- Data-show;
- Fotocópias da atividade avaliativa – 31 cópias;
- Fotocópias da atividade de produção textual – 31 cópias;
- Lousa branca e pincel;
- Fotocópias da atividade de transcrição de textos – 31 cópias.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados a partir do comportamento durante as atividades propostas; pelo interesse e desempenho nas atividades de escrita; e pelo resultado das atividades avaliativas.

Referências:

- TAKAZAKI, Heloisa Harue. **Língua portuguesa**. 1 ed. São Paulo: IBEP, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico – o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- SCLIAR, Moacyr. **A Glória do Falso**. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1408200004.htm> >
Acesso em 23 de setembro de 2013.

Comentário:

Essa aula não aconteceu em virtude de mudanças no Cronograma da Escola.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
Professora Orientadora: Daniela Bunn



Plano de aula 09

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Mirelle Jorge Cunha
Data: 30/10 – quarta-feira / Início: 10:30 / Duração: 1h/a (45min.)

Tema:

Literatura e Gramática

Conteúdo:

Crônicas de autores brasileiros, características do gênero crônica e introdução ao conteúdo de concordância verbal.

Objetivo geral:

Apreender as características do gênero crônica a partir da observação de textos de autores brasileiros.

Objetivos específicos:

- Apontar, nos textos selecionados, as particularidades do gênero crônica;
- Apresentar autores brasileiros do gênero crônica;
- Introduzir o conteúdo de concordância verbal.

Procedimentos:

- Requisitar que os alunos tragam um dicionário em todas aulas para possíveis consultas de vocabulário - até 06/11 (2 min);
- Recolher as crônicas produzidas pelos alunos (2 min);
- Solicitar que os alunos guardem todo o material escolar, empurrem todas carteiras para o fundo da sala e sentem em círculo no chão – montar data-show (3 min);
- Com o auxílio do data-show, apresentar slides (Anexo 01) com os autores Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino – vida e obra. Ao final da exposição acerca de cada autor, a Professora irá contar uma crônica, ressaltar os aspectos característicos do gênero e apontar os trechos nos quais ocorre o fenômeno da concordância verbal (30 min);
- Fazer a chamada e entregar fanzine (Anexo 02) confeccionado pela professora com o conteúdo dos slides apresentados e entrevista com os autores trabalhados –

quem for chamado irá até a mesa da professora e receberá o fanzine. Solicitar a leitura dos fanzines para a próxima aula (5 min).

Recursos:

- Data-show;
- Fotocópias dos fanzines.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela participação e envolvimento durante a atividade; pela organização pessoal no decorrer da aula; e pela produção textual que eles entregaram de tarefa.

Referências:

- LISPECTOR, Clarice. VASQUEZ, Pedro Karp (org.). **Crônicas para jovens – de amor e de amizade**. Rocco: Rio de Janeiro, 2010.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. BRAGA, Ruben. CAMPOS, Paulo Mendes. SABINO, Fernando. **Para gostar de ler: Crônicas**. Editora Didática. Ática: São Paulo, 1980.

Comentário:

Aula ministrada no dia 30 de Outubro, conforme planejamento.

No início da aula requisitei que os alunos trouxessem sempre o dicionário, eles me questionaram a razão disso, expliquei que trabalharíamos com Crônicas Literárias e que por isso precisaríamos consultar o dicionário às vezes, para conhecermos o significado de palavras diferentes que porventura aparecessem nos textos.

Planejei fazer uma roda de histórias, com os alunos no chão, para apresentar algumas crônicas antes de trabalhar com elas, no entanto, após assistir as aulas ministradas pela estagiária Michelle, achei mais conveniente mantê-los nas suas carteiras para preservar a ordem. Assim, cheguei durante o intervalo do recreio e reorganizei as carteiras, formando dois “U”, um na frente e um por trás, para tornar o ambiente mais descontraído e propício à contação de histórias. Aproveitei também para montar o aparelho de data-show.

Inicialmente questionei os alunos perguntando o motivo de chamarmos alguns textos de crônicas. Eles ficaram meio tímidos e arriscaram alguns palpites. Expliquei que chamamos alguns textos de crônicas porque eles se encaixam em determinadas características, descrevi então, as principais características do gênero (que as crônicas narram eventos; são normalmente em primeira pessoa; que são narrativas curtas, olhares sobre o cotidiano; que não têm a pretensão de informar o destinatário, mas refletir sobre o acontecido; que são veiculadas normalmente em jornais; podem ser baseadas em fatos reais ou históricos, reais ou ficcionais; retomei a etimologia da palavra - explicada anteriormente pela Michelle - e expliquei que

afirmar que crônicas seguem determinado tempo cronológico é sustentar que se trata de um texto sobre um ‘fato’ ocorrido, e sendo um fato, teve começo, meio e fim; que apesar de serem parecidas com textos informativos e jornalísticos, apresentam um toque estilístico próprio do seu autor, que inclui em seu texto elementos como ficção, fantasia, criticismo, sátira, ironia, humor, que essencialmente o texto informativo não contém; e que a linguagem utilizada é mais coloquial, bastante próxima à modalidade oral da língua).

Solicitei que os alunos pegassem o material que a Michelle entregou em uma de suas aulas, sobre os tipos de crônicas, li o primeiro item e fui pedindo para os alunos lerem os seguintes.

Em seguida, tentamos utilizar o aparelho de data-show para mostrar os slides (Anexo 01) com os autores das crônicas que levei para ler nesse dia. Infelizmente, havia apenas um aparelho disponível que estava com a lente bastante riscada e não permitia a apresentação dos slides na tela inteira. Perdemos um tempo importante da aula tentando regular o aparelho, sem sucesso.

Os slides eram ilustrativos, não havia nenhum conteúdo crucial para a aula neles, eram apenas as fotos e uma mini-biografia de cada autor. Assim, iniciei a atividade que tinha programado, distribuí cópias dos textos (Anexo 02) que levei para ler e na sequência fui mostrando os slides quase ilegíveis, intercalando com a leitura das crônicas e uma breve elucidação sobre a vida de cada autor.

A primeira autora a ser abordada foi Clarice Lispector, com a crônica “Por não estarem distraídos”. Procurei, após a leitura de cada texto, encontrar com os alunos as características do gênero crônica explicadas no início da aula com perguntas norteadoras do diálogo, como: existe um fato sendo descrito nesse texto?; foi escrito em qual pessoa do discurso?; é possível notar um posicionamento ou opinião do autor?; qual o tipo de linguagem utilizada? - buscando exemplos nos textos. Os alunos participaram bem da atividade, respondendo as perguntas e buscando no texto o que lhes era solicitado.

Os outros textos e autores trabalhados foram: *Menino de Cidade* - Paulo Mendes Campos; Carlos Drummond de Andrade; *Negócio de Ocasão* - Fernando Sabino e Rubem Braga.

Não restou tempo para ler todos os textos que levei, mas comentei sobre a vida e obra de todos os autores.

Depois das leituras, entreguei o *fanzine* (Anexo 03) que confeccionei com crônicas e informações sobre os autores trabalhados e trechos de uma entrevista feita com eles.

Encerrei a aula comunicando que na aula seguinte seria “Dia das Bruxas” e que nós teríamos uma visita muito especial, da Professora Salma Ferraz, para falar um pouco sobre o trabalho dela como pesquisadora, falei brevemente sobre seu trabalho, suas publicações e suas aulas, pois fui sua aluna na graduação. Eles ficaram muito empolgados. Por fim, recolhi as crônicas que a Michelle solicitou em sua última aula.

Observação: Após esse dia desisti de usar o aparelho de data-show nas minhas aulas, isso mudou um pouco meu planejamento, mas depois de duas semanas o outro aparelho de data-show da Escola que estava no conserto voltou, então tornei a contar com esse recurso. O aparelho que usei nessa aula é muito ruim, mas o outro é ótimo, muito superior.

- ANDRADE, Carlos Drummond de. BRAGA, Ruben. CAMPOS, Paulo Mendes. SABINO, Fernando. **Para gostar de ler: Crônicas. Editora Didática.** Ática: São Paulo, 1980.

Anexos:

- Anexo 01: slides



POR QUE CHAMAMOS AS CRÔNICAS DE GÊNERO, DE UM TIPO DE TEXTO?

Porque são parte do conjunto de textos que geralmente (mas não necessariamente) apresentam as seguintes características, por exemplo:

- 1. Como as crônicas narram eventos, normalmente em primeira pessoa, encontramos frequentemente no interior do texto verbos no pretérito perfeito e imperfeito;

- 2. São narrativas curtas, olhares sobre o cotidiano: o objetivo é refletir sobre o acontecido, e não informar o destinatário - podem ser baseadas em fatos reais ou históricos;

- 3. Afirmar que as crônicas (do latim *Chronica* e do grego *Khrónos* - tempo) seguem um tempo cronológico é sustentar que se trata de um texto sobre um 'fato' ocorrido, e sendo um fato, teve começo, meio e fim;

- 4. Há semelhanças entre a crônica e o texto exclusivamente informativo. Assim como o repórter, o cronista se inspira nos acontecimentos diários, que constituem a base da crônica. Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro. Após cercar-se desses acontecimentos diários, o cronista dá seu toque próprio, incluindo em seu texto elementos como: ficção, fantasia, criticismo, sátira, ironia, humor, elementos que o texto essencialmente informativo não contém;
- 5. A linguagem utilizada é mais coloquial, bastante próxima da modalidade oral;

6. TIPOS DE CRÔNICAS:
DESCRITIVA; NARRATIVA; DISSERTATIVA;
NARRATIVO - DESCRITIVA; HUMORÍSTICA;
LÍRICA; POÉTICA; JORNALÍSTICA; E HISTÓRICA.



VAMOS CONHECER ALGUNS CRONISTAS BRASILEIROS!



CLARICE LISPECTOR

“SOU TÃO MISTERIOSA QUE NÃO ME ENTENDO.”

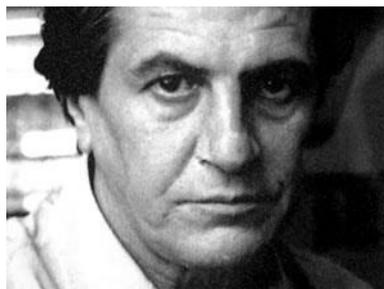
- Foi uma escritora e jornalista, nasceu na Ucrânia, mas veio para o Brasil com um ano e pouco e se considerava pernambucana, faleceu em 1977. Escreveu romances, como *Perto do Coração Selvagem*; traduziu obras do francês e do inglês, como *Entrevista com o Vampiro*, da Anne Rice; foi colunista de jornais, como o *Correio da Manhã* (RJ) e escreveu crônicas, como as reunidas no livro *De amor e de amizade*.



PAULO MENDES CAMPOS

“O TEMPO É AUDÍVEL; TAMBÉM SE PODE OUVIR A ETERNIDADE.”

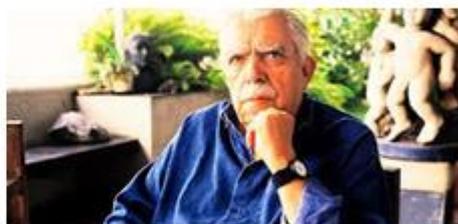
- Escritor mineiro, também estudou Odontologia, Veterinária e Direito, mas não concluiu os cursos. Escreveu principalmente crônicas, foi redator do jornal *Correio da Manhã* (RJ), repórter e tradutor de poesia e prosa inglesa e francesa, como *Shakespeare* e *Pablo Neruda*.



RUBEM BRAGA

“MEU IDEAL SERIA ESCREVER UMA HISTÓRIA TÃO ENGRAÇADA QUE AQUELA MOÇA QUE ESTÁ DOENTE NAQUELA CASA CINZENTA QUANDO LESSE MINHA HISTÓRIA NO JORNAL RISSE, RISSE TANTO QUE CHEGASSE A CHORAR E DISSÉSSE -- "AI MEU DEUS, QUE HISTÓRIA MAIS ENGRAÇADA!"”

- Carioca, cronista consagrado, trabalhou como jornalista desde os quinze anos. Cursou a faculdade de Direito, mas não exerceu a profissão. Fundou revistas e periódicos, como o *Folha do Povo* e a revista *Sem Problemas*. Foi correspondente de guerra com a F.E.B. (*Força Expedicionária Brasileira*) durante a Segunda Guerra Mundial. Escreveu para o *Jornal Hoje* da Rede Globo de Televisão por anos. Participou também da construção de várias Antologias, como a *Antologia dos Poetas Contemporâneos* e traduziu livros.



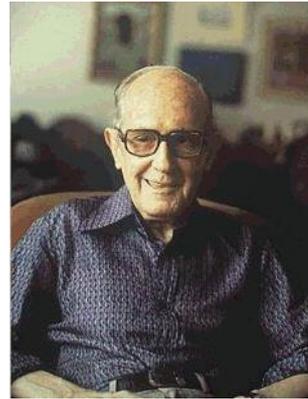
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“TENHO APENAS DUAS MÃOS E O SENTIMENTO DO MUNDO.”

- o Nasceu em Minas Gerais, formou-se em Farmácia, e com a colaboração de amigos fundou “A Revista”, para divulgar o modernismo no Brasil.

Começou a carreira de escritor como colaborador do *Diário de Minas*, trabalhou durante anos no serviço público (no Ministério da Educação e no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Escreveu romances, poesias, contos e crônicas. Um dos seus livros mais famosos é *A Rosa do Povo*. Traduziu obras de autores estrangeiros para o português e suas obras foram traduzidas para diversas línguas.



FERNANDO SABINO

“LIBERDADE É O ESPAÇO QUE A FELICIDADE PRECISA.”

- o Nascido em Minas Gerais, foi escritor e jornalista. Durante a adolescência, foi locutor de programa de rádio *Pila no Ar* e começou a colaborar regularmente com artigos, crônicas e contos em revistas da cidade, conquistando prêmios em concursos. Se formou em Direito no Rio de Janeiro e trabalhou em jornais, como o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*. *O encontro marcado*, uma de suas obras mais conhecidas, foi lançada em 1956, ganhando edições até no exterior, além de ser adaptada para o teatro. Em 1966, fez a cobertura da Copa do Mundo de Futebol para o *Jornal do Brasil*. Fundou, em 1967, em conjunto com Rubem Braga, a Editora Sabia, onde publicou livros de Vinicius de Moraes, Paulo Mendes Campos, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Clarice Lispector, entre outros. Publicou *O grande mentecapto* em 1979, iniciado mais de trinta anos antes. A obra, que lhe rendeu o Prêmio Jabuti, e foi adaptada para o cinema e para o teatro. Em julho de 1999, recebeu da Academia Brasileira de Letras o prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra.



O CONHECIMENTO É SEMPRE A MELHOR ARMA!!!



- Anexo 02: textos

CRÔNICAS

Assalto - Carlos Drummond de Andrade

Na feira, a gorda senhora protestou aos brados contra o preço do chuchu:

- Isto é um assalto!

Houve um rebuliço. Os que estavam perto fugiram. Alguém, correndo, foi chamar o guarda. Um minuto depois, a rua inteira, atravancada, mas provida de admirável serviço de comunicação espontânea, sabia que se estava perpetrando um assalto ao banco. Mas que banco? Havia banco naquela rua? Evidente que sim, pois do contrário como poderia ser assaltado?

- Um assalto! Um assalto! - a senhora continuava a exclamar, e quem não tinha escutado escutou, multiplicando a notícia. Aquela voz subindo do mar de barracas e legumes era como a própria sirena policial, documentando, por seu uivo, a ocorrência grave, que fatalmente se estaria consumando ali, na claridade do dia, sem que ninguém pudesse evitá-la.

Moleques de carrinho corriam em todas as direções, atropelando-se uns aos outros. Queriam salvar as mercadorias que transportavam. Não era o instinto de

propriedade que os impelia. Sentiam-se responsáveis pelo transporte. E no atropelo da fuga, pacotes rasgavam-se, melancias rolavam, tomates esborrachavam-se no asfalto. Se a fruta cai no chão já não é de ninguém; é de qualquer um, inclusive do transportador. Em ocasiões de assalto, quem é que vai reclamar uma penca de bananas meio amassadas?

- Olha o assalto! Tem um assalto ali adiante!

O ônibus na rua transversal parou para assuntar. Passageiros ergueram-se, puseram o nariz pra fora. Não se via nada. O motorista desceu, desceu o trocador, um passageiro advertiu:

- No que você vai a fim de ver o assalto, eles assaltam sua caixa.

Ele nem escutou. Então os passageiros também acharam de bom alvitre abandonar o veículo, na ânsia de saber, que vem movendo o homem, desde a idade da pedra até a idade do módulo lunar.

Outros ônibus pararam, a rua entupiu.

- Melhor. Todas as ruas estão bloqueadas. Assim eles não podem dar no pé.

- É uma mulher que chefia o bando!

- Já sei. A tal dondoca loura.

- A loura assalta em São Paulo. Aqui é a morena.

- Uma gorda. Está de metralhadora. Eu vi.

- Minha Nossa Senhora, o mundo está virado!

- Vai ver que está é caçando marido.

- Não brinca numa hora dessas. Olha aí sangue escorrendo!

- Sangue nada, tomate.

Na confusão, circulavam notícias diversas. O assalto fora a uma joalheria, as vitrinas tinham sido esmigalhadas a bala. E havia jóias pelo chão, braceletes, relógios. O que os bandidos não levaram na pressa, era agora objeto de saque popular. Morreram no mínimo duas pessoas, e três estavam gravemente feridas.

Barracas derrubadas assinalavam o ímpeto da convulsão coletiva. Era preciso abrir caminho a todo custo. No rumo do assalto, para ver, e no rumo contrário, para escapar. Os grupos divergentes chocavam-se, e às vezes trocavam de direção: quem fugia dava marcha à ré, quem queria espiar era arrastado pela massa oposta. Os edifícios de apartamentos tinham fechado suas portas, logo que o primeiro foi invadido por pessoas que pretendiam, ao mesmo tempo, salvar o pêlo e contemplar lá de cima. Janelas e balcões apinhados de moradores, que gritavam:

- Pega! Pega! Correu pra lá!

- Olha ela aí!

- Eles entraram na kombi ali adiante!

- É um mascarado! Não, são dois mascarados!

Ouviu-se nitidamente o pipocar de uma metralhadora, a pequena distância. Foi um deitar-no-chão geral, e como não havia espaço, uns caíram por cima dos outros. Cessou o ruído. Voltou. Que assalto era esse, dilatado no tempo, repetido, confuso?

- Olha o diabo daquele escurinho tocando matraca! E a gente com dor-de-barriga, pensando que era metralhadora!

Caíram em cima do garoto, que sorveteu na multidão. A senhora gorda apareceu, muito vermelha, protestando sempre:

- É um assalto! Chuchu por aquele preço é um verdadeiro assalto!

Negócio de Ocasão - Fernando Sabino

Quando mandou colocar mármore no chão de seu apartamento, o vizinho de baixo veio reclamar: às oito horas da manhã os operários começavam a quebrar mármore mesmo em cima de sua cabeça. Durma-se com um barulho desses!

- Está bem, está bem. – concordou ele, acalmando o vizinho:- Vou mandar começar mais tarde.

Mandou que os operários só comessem a trabalhar a partir das nove horas. Dois dias depois tornava o vizinho:

– Assim não é possível. Já reclamei, o senhor prometeu, e o barulho continua!

– Mas é só por uns dias- argumentou ele:- O senhor vai ter paciência...

E mandou que os trabalhos só se iniciassem a partir de dez horas. Com isso pensava haver contentado o vizinho. Para surpresa sua, todavia, o homem voltou ainda para protestar e desta vez furibundo, armado de revólver:

– Ou o senhor pára com esse barulho ou eu faço um estrago louco.

Olhou espantado para a arma e, cordato, convidou-o a entrar:

- Não precisa se exaltar, que diabo. Vamos resolver a coisa como gente civilizada. Eu disse que era só por uns dias... Se o senhor quiser que eu pare, eu paro. Cuidado com esse negócio, costuma disparar. Qual é o calibre?

– Trinta e dois.

– Prefiro trinta e oito. Mas esse parece ser muito bom... Que marca?

– Smith-Wesson.

– Ah! Então deve ser muito bom. Cabo de madrepérola.. . Quanto o senhor pagou por ele?

– Cinquenta.

– Não foi caro. Sempre tive vontade de ter um revólver desses. Quem sabe o senhor me venderia?

– Não vim aqui para vender revólver- explodiu o outro – mas para lhe avisar que esse barulho...

– Não haverá mais barulho, esteja tranqüilo. Agora, quanto ao revólver... Quer vender?

- O senhor está brincando...

– Não estou não: pela vida de minha mãezinha. Quer saber de uma coisa? Dou cem por ele. Sempre tive vontade. . . Vamos, aceite! Cem, ali na bucha, pago na hora.

O homem começou a titubear. Olhou o revólver, pensativo: cem era um bom preço. Já pensara mesmo em vendê-lo... Olhou o dono da casa, tornou a olhar o revólver:

– Toma: é seu- decidiu-se.

Antes de entrar na posse da arma, o comprador foi lá dentro buscar o dinheiro e estendeu-o ao vizinho. Depois empunhou o revólver e chegou-lhe aos peitos:

– Bem, agora ponha-se daqui para fora. E fique sabendo que eu faço o barulho que quiser e quando quiser, entendeu? Venha aqui outra vez reclamar e vai ver quem é que acaba fazendo um estrago louco.

Menino de Cidade - Paulo Mendes Campos

Papai, você deixa eu ter um cabrito no meu sítio?

Deixo.

E porquinho-da-índia? E ariranha? E macaco? E quatro cachorros? E duzentas pombas? E e um boi? Um rinoceronte?

Rinoceronte não pode.

Tá bem, mas cavalo pode, não pode?

O sítio é apenas um terreno do estado do Rio, sem maiores perspectivas imediatas. Mas o garoto precisa acreditar no sítio, como outras pessoas precisam acreditar no céu. O céu dele é exatamente o da festa folclórica, a bicharada toda, e ele, que nasceu no Rio e, de má vontade, vive nessa cidade sem animais.

Aliás, ele mesmo desmente que o Rio seja uma cidade sem bichos, possuindo o dom de descobri-los nos lugares mais inesperados. Se entra na casa de alguém, desaparece ao transpor a porta, para voltar depois de três segundos com um gato ou cachorro na mão. A gente vai andando por uma rua em Copacabana, ele some e ressurgue com um pinto em flor. É chegar na Barra da Tijuca, e daí a cinco minutos, já apanhou um siri vivo.

Localiza eletronicamente todos os animais da redondeza, anda pela rua em disparada, cumprimenta aqui um papagaio, ali um ganso, mais adiante um gato, incansável e frustrado.

Não distingue marcas de automóvel, em futebol não vai além de Garrincha e Nilton Santos, mas sabe perfeitamente o que é um *mastiff*, um *boxer*, um *doberman*. Dá informações sobre as pessoas de acordo com os bichos que possuam: aquele é o dono do Malhado, aquela é a dona do Lord... Ao telefone, pergunta por patos, gatos, e outros cachorros, centenas, milhares de cachorros, cachorros que prefere aos companheiros, cachorros que o absorvem na rua, na escola, na hora das refeições, cachorros que costumam latir e pular em seus sonhos, cachorros mil.

Sua literatura é rigorosamente especializada: livros coloridos sobre bichos. Engatinha mal e mal na leitura, mas fala com uma proficiência um pouco alarmante a respeito de répteis, batráquios etc. Filho de mãe inglesa, confunde *fork* e *knife*, mas sabe o que é *seal* e *walrus*. Se pede um pedaço de papel é para desenhar a zebra ou a baleia.

É claro que sua frustração causa pena. Por isso mesmo, há algum tempo, ganhou como consolo um canarinho-da-terra. Um dia, como lhe dissessem que iam dar o passarinho, caso continuasse a comportar-se mal, correu para a área e abriu a porta da gaiola.

Deram-lhe um bicudo, mas o bicudo morreu de tanto alpiste. Ganhou, mais tarde, uma tartaruga, pequenina e estúpida, que recebeu na pia do banheiro o nome de Henriqueta. Nunca qualquer outro quelônio deu tanto serviço. Foi ao dentista na cidade, e, ao voltar, disse ao pai, pela primeira vez, uma palavra horrível: *estou desesperado*. Tinha perdido a tartaruguinha na lotação.

Ficou o vazio em sua vida. O alívio era ligar o telefone interurbano para a avó e indagar pelos patos que “possuía” em outra cidade. Ou fazer uma visita à futura mãe de Poppy, este é um *poodle* que deverá nascer daqui a meio ano, prometido de pedra e cal para ele.

Outro expediente: caçar borboletas, mariposas, grilos, alojar carinhosamente os insetos nas gaiolas vazias, chamar-lhes pelos nomes dos antigos bichos mortos ou desaparecidos.

Um tio deu-lhe outra vez um canário, o carinho foi demais, o passarinho morreu. Não há nada a fazer, por enquanto, e ele dedicou-se à arte de desenhar bichos. De vez em quando, ainda se anima e entra em casa afogueado, mostrando alguma coisa invisível nas mãos: “Olha que estouro de grilo!”

Mas os grilos e as borboletas *legais* morrem ou saem tranqüilamente das gaiolas, e ei-lo novamente de mãos e alma vazias.

Deu um jeito: arranjou alguns pires sem uso e plantou sementes de feijão. O banheiro está cheio de brotos verdes, tímidos. E ele já sabe que possui uma fazenda.

Por não estarem distraídos - Clarice Lispector

Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede deles. Por causa de carros e pessoas, às vezes eles se tocavam, e ao toque - a sede é a graça, mas as águas são uma beleza de escuras - e ao toque brilhava o brilho da água deles, a boca ficando um pouco mais seca de admiração. Como eles admiravam estarem juntos!

Até que tudo se transformou em não. Tudo se transformou em não quando eles quiseram essa mesma alegria deles. Então a grande dança dos erros. O cerimonial das palavras desacertadas. Ele procurava e não via, ela não via que ele não vira, ela que, estava ali, no entanto. No entanto ele que estava ali. Tudo errou, e havia a grande poeira das ruas, e quanto mais erravam, mais com aspereza queriam, sem um sorriso. Tudo só porque tinham prestado atenção, só porque não

estavam bastante distraídos. Só porque, de súbito exigentes e duros, quiseram ter o que já tinham. Tudo porque quiseram dar um nome; porque quiseram ser, eles que eram. Foram então aprender que, não se estando distraído, o telefone não toca, e é preciso sair de casa para que a carta chegue, e quando o telefone finalmente toca, o deserto da espera já cortou os fios. Tudo, tudo por não estarem mais distraídos.

Referências:

- LISPECTOR, Clarice. VASQUEZ, Pedro Karp (org.). **Crônicas para jovens – de amor e de amizade**. Rocco: Rio de Janeiro, 2010.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. BRAGA, Ruben. CAMPOS, Paulo Mendes. SABINO, Fernando. **Para gostar de ler: Crônicas**. Editora Didática. Ática: São Paulo, 1980.

- Anexo 03: *fanzine*

Plano de aula 10

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Mirelle Jorge Cunha
Data: 31/10 – quinta-feira / Início: 10:09 / Duração: 1h/a reduzida (38min.)

Tema:

Gramática

Conteúdo:

Concordância Verbal

Objetivo geral:

Que os alunos consigam identificar e aplicar o fenômeno linguístico da concordância verbal.

Objetivos específicos:

- Explicitar as variações de uso da língua (uso formal e informal, contextos de uso);
- Investigar o fenômeno linguístico da concordância verbal;
- Impelir a compreensão da importância da refacção textual como técnica de produção de textos escritos;
- Incentivar a análise linguística.

Procedimentos:

- Realizar chamada (3 min);
- Montar aparelho de data-show (4 min);
- Destacar as atividades a serem desenvolvidas na aula – escrever as etapas na lousa branca. Entregar folhas pautadas – uma por aluno (5 min);
- Explicar, com o auxílio de slides, o fenômeno da concordância verbal. Nos slides serão apresentados trechos das crônicas produzidas pelos alunos para explicitar o conteúdo. A Professora irá solicitar que os alunos façam anotações acerca da matéria nas folhas distribuídas para avaliar a capacidade de assimilação da teoria explanada (12 min);
- Comentar acerca do uso da concordância verbal em diversos contextos sociais (5 min);

- Recolher as anotações dos alunos e expor a próxima etapa da atividade, que será desenvolvida na aula seguinte (5 min);
- Organizar a turma em duplas para o trabalho da aula de 25/10 (4 min).

Recursos:

- data-show;
- folhas pautadas.
- lousa branca e pincel.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela participação e envolvimento na atividade proposta; pelo comportamento em relação aos colegas de classe; através da vinculação entre teoria e prática; e pela capacidade para registrar dados referentes à explicação da Professora.

Referência:

- INFANTE, Ulisses. NICOLA, José de. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. Scipione: São Paulo, 1998.

Comentário:

Aula ministrada no dia 31 de Outubro. A aula desse dia foi reduzida em virtude da palestra com a Professora Salma Ferraz. Refiz o plano de aula por conta dessa mudança.

Iniciei a aula retomando o conteúdo da aula anterior, as crônicas e seus autores. Solicitei que os alunos pegassem o material distribuído anteriormente e que alguns deles lessem o texto “O Assalto” para turma. Analisamos o texto buscando as características do gênero crônica.

Perguntei se leram e se gostaram do *fanzine* entregue na aula anterior e comentei um pouco sobre a entrevista nele contida. Como a entrevista era com escritores e sobre o ato de escrever perguntei se algum dos alunos já havia pensado em ser escritor, surpreendentemente vários deles responderam que sim, os incentivei a seguir esse sonho e solicitei que arrumassem um detalhe do *fanzine* que foi prejudicado pela fotocópia.

Em seguida entreguei as crônicas corrigidas pela Michelle e solicitei que fossem reescritas para a aula da próxima quarta-feira. Questionei se eles imaginavam a razão de eu estar solicitando a reescrita, me responderam que o meu intuito era que corrigissem seus erros ortográficos, expliquei que não era apenas isso, falei brevemente sobre a importância da reescrita, caracterizando-a como uma das etapas do ato de escrever.

Passei as tarefas no quadro para que copiassem: fazer um comentário sobre a palestra da Salma Ferraz no caderno, para a aula seguinte e reescrever a crônica sobre a Escola para a próxima semana.

Solicitei que guardassem o material e contei que como era “Dia das Bruxas”, eu havia trazido um presente para sortear entre eles. Levei o livro Noite na Taverna, do Álvares de Azevedo. Falei um pouco sobre o livro e pedi que os alunos escrevessem seus nomes em pequenos papéis e os depositassem em um chapéu que levei para o sorteio.

Contei a história da “Festa de *Halloween*” e logo vieram nos chamar para a palestra. Expliquei que o livro havia sido a gostosura do “Dia das Bruxas”, mas que eu havia trazido também travessuras para eles: distribuí lembrancinhas - um saquinho com um pirulito e uma dentadura de vampiro - para cada e seguimos para a Palestra.

Acertei no presente! A Professora Salma falou justamente sobre os vampiros, do primeiro ao último livro publicado sobre o assunto. A Palestra foi muito interessante e os alunos adoraram.

Ao final, reuni a maioria dos alunos (alguns estavam olhando ou comprando livros da Salma Ferraz) e contei a lenda da abóbora de *Halloween*, um dos símbolos da festa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
Professora Orientadora: Daniela Bunn



Plano de aula 11

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Mirelle Jorge Cunha
Data: 01/11 – sexta-feira / Início: 10:30 / Duração: 2h/a (90min.)

Tema:

Gramática e Produção Textual

Conteúdo:

Concordância Verbal e Crônicas

Objetivo geral:

Que os alunos consigam identificar e aplicar o fenômeno linguístico da concordância verbal.

Objetivos específicos:

- Investigar o fenômeno linguístico da concordância verbal;
- Impelir a compreensão da importância da refacção textual como técnica de produção de textos escritos;
- Incentivar a análise lingüística;
- Proporcionar um momento de aprendizagem aluno/aluno, através da atividade em duplas;
- Desenvolver o espírito colaborativo e a socialização.

Procedimentos:

- Realizar chamada (3 min);
- Perguntar para os alunos acerca da leitura dos fanzines entregues na aula anterior: se gostaram, o que acharam das entrevistas, etc. (10 min);
- Solicitar que os alunos se organizem em duplas, como combinado na aula anterior (4 min);
- Devolver as crônicas redigidas pelos alunos corrigidas - fazer comentário sobre os trabalhos (5 min);
- Explicar a atividade a ser desenvolvida: os alunos deverão revisar o texto da sua dupla, destacando os trechos que julgarem necessitar de reescritura, em seguida irão ouvir indicações da Professora para a produção do texto e por fim, reescreverão

sua crônica, individualmente, porém com a possibilidade de trocar ideias com sua dupla (5 min)

- Requerer que os alunos iniciem a atividade de revisão do texto do colega (10 min) (Enquanto os alunos estiverem desenvolvendo a atividade, a Professora irá passar de carteira em carteira, auxiliando as duplas.)
- Utilizando a lousa, levantar questões a serem observadas durante a reescrita da crônica (concordância verbal entre verbo e sujeito – verbo antes e depois do sujeito; concordância entre artigos, pronomes, numerais e substantivos; concordância do verbo com o substantivo mais próximo; características do gênero crônica) (15 min);
- Requisitar que os alunos iniciem suas produções textuais, atentando para os aspectos apontados pela Professora e pela atividade em dupla (20 min);
- Orientar para que os alunos comecem a atividade em classe, mas terminem em casa, analisando a produção mais uma vez, como tarefa para a próxima aula (3 min)
- Solicitar que os alunos guardem todo o material e contar crônicas (Anexo 01) para a turma. (15 min)

Recursos:

Lousa branca e pincel.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados a partir dos comentários acerca da leitura do fanzine (participação, engajamento na atividade proposta); pela sua organização pessoal no decorrer da atividade; pela sua relação interpessoal (cooperação com os colegas, receptividade frente as críticas, constatação de seus erros e tentativa de superação); e pelo interesse e atenção na atividade realizada.

- Verificar o quanto o aluno apreendeu da leitura do material entregue pela professora na aula passada – fanzine;

Referência:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. BRAGA, Ruben. CAMPOS, Paulo Mendes. SABINO, Fernando. Para gostar de ler: Crônicas. Editora Didática. Ática: São Paulo, 1980.
- INFANTE, Ulisses. NICOLA, José de. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. Scipione: São Paulo, 1998.

Comentário:

Aula ministrada no dia 01 de Novembro. Nesse dia a turma foi presenteada com a visita de uma companhia de teatro. A Professora Nadia, regente da turma, não conseguiu me contatar para avisar que não haveria aula, assim, fui ao colégio normalmente. Ao saber que a turma seria dispensada para assistir à peça decidi lecionar até que viessem chamar os alunos.

Primeiramente, os alunos que estavam ausentes no momento em que contei a história da abóbora de *Halloween* solicitaram que eu contasse a lenda novamente. Contei a história e falei mais um pouco sobre a origem do “Dia das Bruxas”.

Passei o endereço do site da Professora Salma para que os alunos conhecessem melhor seu trabalho e para que pudessem fazer *download* de suas obras que estão disponíveis gratuitamente. Conversamos um pouco sobre a Palestra e falei sobre algumas obras da palestrante que eu já conhecia.

Relembrei a turma sobre as tarefas para o final de semana e logo vieram chamar a turma para assistir a peça, então encerrei a aula.

Plano de aula 12

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Mirelle Jorge Cunha
Data: 06/11 – quarta-feira / Início: 10:30 / Duração: 1h/a (45min.)

Tema:

Gramática e Manifestações político-sociais atuais brasileiras.

Conteúdos:

Os fenômenos da concordância verbal e da crase.

Objetivo geral:

Fixar os conteúdos de concordância verbal e crase.

Objetivos específicos:

- Proporcionar reflexões acerca do uso da língua materna;
- Informar os alunos sobre a atual situação política no Brasil;
- Incentivar o pensamento crítico e reflexivo dos alunos;
- Praticar análise linguística com os alunos.

Procedimentos:

- Fazer chamada (3 min);
- Recolher as crônicas reescritas pelos alunos e entregar as anotações sobre concordância verbal corrigidas na aula anterior (2 min);
- Montar data-show (3 min);
- Iniciar aula expositiva acerca das manifestações político-sociais que ocorreram no Brasil no ano de 2013 com o auxílio de slides (Marcha das Vadias, Ato contra o Estatuto do Nascituro, Manifestações contra o atual sistema de transporte público e Manifestações diversas) (Anexo 01) (23 min);
- Entregar fotocópias da música *Cálice* (Anexo 02) do Chico Buarque (2 min);
- Exibir clipe da música *Cálice* no *site youtube* e tocar a música no aparelho de som (o data-show da escola tem o volume muito baixo, é necessário o auxílio de um parêlo de som) (4 min);
- Comentar a respeito do título e da letra da música (6 min);

- Concluir a aula informando que a atividade acerca das manifestações continuará na aula seguinte, com a análise dos cartazes registrados nas passeatas (2 min).

Recursos:

- Data-show;
- Internet;
- Aparelho de som.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados de acordo com a sua postura e participação no decorrer das atividades trazidas para a aula.

Referência:

- HOLANDA, Chico Buarque de. *Cálice*. (clipe da música) <<http://www.youtube.com/watch?v=wV4vAtPn5-Q>> Acesso em 25 de Setembro de 2013.

Comentário:

Essa aula foi ministrada apenas no dia 14 de Novembro. Por conta da visita da Salma Ferraz e da Companhia de Teatro ao colégio todo o meu planejamento foi atrasado, assim, nessa aula de 06 de Novembro, retomei as atividades dos Planos de Aula 10 e 11, reorganizadas para encaixarem no Cronograma geral da docência.

Iniciei a aula comentando sobre o livro que fora sorteado, o *Noite na Taverna*, e seu autor, Álvares de Azevedo. Escrevi a epígrafe do livro no quadro, pedi que copiassem, e falei sobre a obra *Hamlet*, de William Shakespeare, de onde foi retirada. A aluna que ganhou o sorteio comentou que estava gostando bastante da leitura. Comentei sobre os endereços dos Sebos em Florianópolis, explicando onde os alunos poderiam comprar seus próprios livros, sem gastar muito.

A escolha do livro foi um sucesso, pois consegui traçar um paralelo entre a palestra da Professora Salma e o texto de Azevedo. A Professora falou bastante sobre literatura fantástica, que é o estilo do livro sorteado, por isso, ampliei um pouco mais a discussão, explicando acerca dessa literatura para os alunos.

Outro ponto interessante da palestra ficou um pouco sem atenção por conta de tudo que foi tratado, a verossimilhança. Perguntei se os alunos se recordavam que a palestrante tinha comentado sobre o assunto. Como previ, foi um ponto que ficou na sombra, diante de tantas informações novas. Aprofundei-me nesse tema, explicando o que é e como eles poderiam empregar esse recurso, utilizando como exemplo a literatura fantástica.

Retomei quais as tarefas eles precisavam me entregar, fazendo anotações no quadro. Agradei e elogiei o comentário que uma das alunas fez à Professora Salma após a palestra, ela congratulou a palestrante, deu sua opinião representando toda a turma 801 e se saiu muito bem.

Retomei a explicação sobre a importância da reescrita, frisando quais os aspectos eles deveriam levar em consideração ao produzir a deles a partir da primeira crônica que escreveram.

Aproveitei que estava tratando de literatura fantástica com a turma para sortear o segundo livro que escolhi para eles: Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol. Fiz o sorteio e discorri sobre o livro, seu autor, adaptações cinematográficas, possibilidades de interpretação e sobre a obra como exemplar da literatura fantástica. Recolhi as reescritas das crônicas.

Como eu pretendia trabalhar Concordância Verbal com os alunos (conforme solicitado pela Professora Nadia), decidi fazer primeiramente uma revisão sobre os Tipos de Sujeito, pois é uma matéria fundamental para a compreensão dos conteúdos que eu iria passar a trabalhar.

Entreguei as cópias de um exercício que planejei para a revisão e dei início à explicação do conteúdo. Planejei-me para que enquanto a turma resolvesse os exercícios eu pudesse corrigir os comentários sobre a palestra da Professora Salma que eu havia solicitado. Pedi que os alunos deixassem os cadernos sobre a minha mesa abertos na página da atividade, mas não deu tempo para corrigir.

Entreguei os *fanzines* que eles fizeram durante nossa Oficina (atividade extra-classe): o original e uma cópia que xeroquei, para que eles pudessem observar o resultado final da obra. Entreguei também uma cópia de cada *fanzine* para a Professora Nadia e encerrei a aula.

Anexos:

- Anexo 01: slides



Marcha das Vadias



Ato Contra o Estatuto do Nascituro



Manifestações Contra a Atual Situação do Transporte Público





Manifestações Diversas



Manifestações Diversas



Manifestações Diversas





ACORDA MEU POVO NÃO É SÓ A PASSAGEM, E SIM A



**SAÚDE
CORRUPÇÃO
VIOLÊNCIA
EDUCAÇÃO
SANEAMENTO
TRANSITO
MORADIA
POBREZA
ETC.. ETC... ETC...**

**ESTÁ TUDO ENTALADO, NOS SUFOCANDO
E ESTAMOS PRONTOS PARA
BOTAR TUDO PRA FORA**



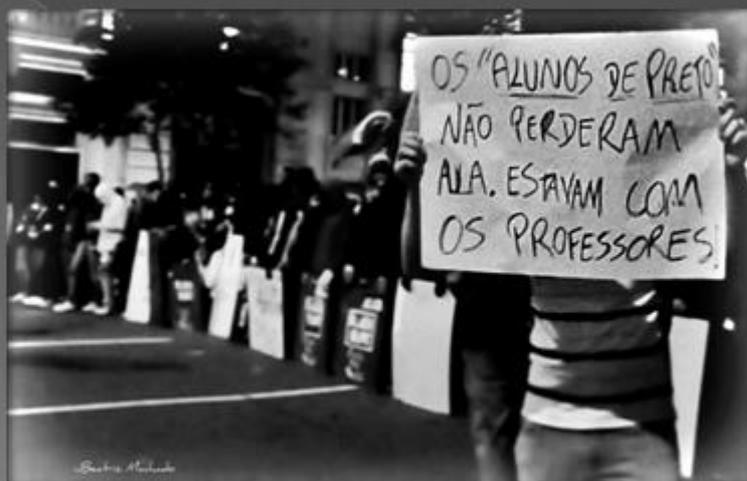
Manifestações dos Professores







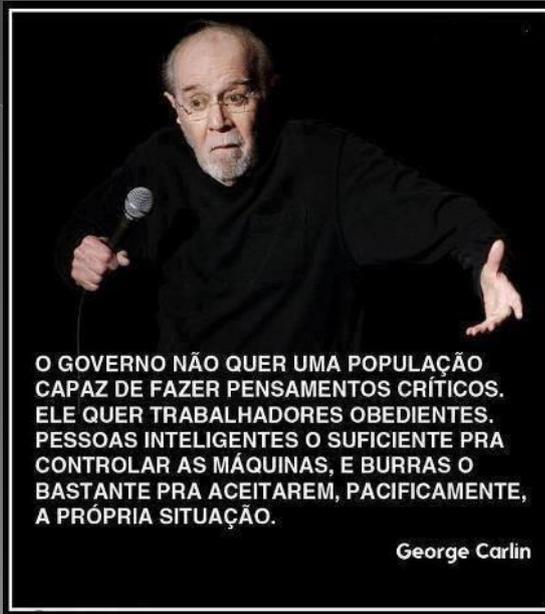




09/10/2013 - 14:42

Professores agradecem participação de Black Blocs nas manifestações de segunda-feira

RIO - Professores agradeceram a participação e o apoio de todos os grupos que participaram das manifestações desta segunda-feira, inclusive os Black Blocs. Segundo a assessoria de comunicação do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio (Sepe), o agradecimento faz parte de uma moção lida durante a assembleia que reuniu cerca de 5 mil professores da rede municipal, realizada nesta quarta-feira no Club Municipal, na Tijuca, Zona Norte do Rio. Ainda de acordo com o sindicato, todos os manifestantes serão bem-vindos nos próximos protestos.



O GOVERNO NÃO QUER UMA POPULAÇÃO CAPAZ DE FAZER PENSAMENTOS CRÍTICOS. ELE QUER TRABALHADORES OBEDIENTES. PESSOAS INTELIGENTES O SUFICIENTE PRA CONTROLAR AS MÁQUINAS, E BURRAS O BASTANTE PRA ACEITAREM, PACIFICAMENTE, A PRÓPRIA SITUAÇÃO.

George Carlin

Invasão ao Instituto Royal



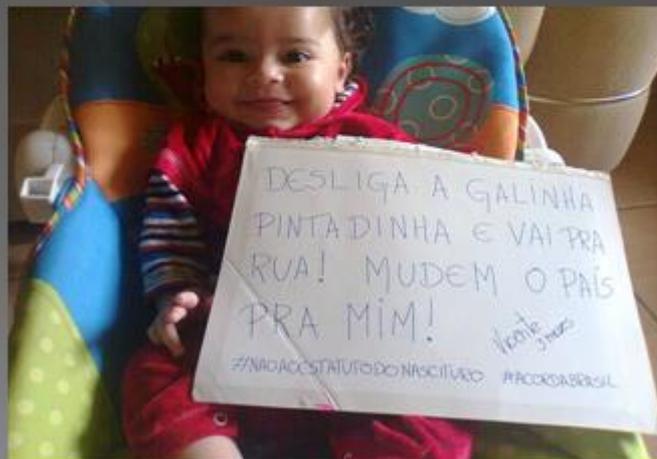


Cálice
- Chico Buarque -





*"Desliga a Galinha Pintadinha e vai pra rua!
Mudem o país por mim!
Vicente – 3 meses
#nãoaoestatutodonascimento / #acordabrasil"*



“Acorda Brasil? O movimento feminista nunca dormiu!”



“NÃO quero impeachment, quero REFORMA POLÍTICA!”



*"Sorria, você é linda mesmo
que a TV não diga!"*



*"Quer peito e coxa?
Compra um frango!"*



"Queremos cura para a fome"



"Afasta de mim esse cale-se"



“Vem pra rua!”



“Larga o Candy Crush e vem pra rua”



“Aborte o machismo!”



“Liberte-se do machismo”



"Aposentadoria: Professor 35 anos; Policial 30 anos; Político 8 anos. Pense bem!"



*"Quem semeia miséria, colhe revolta.
Quem semeia resistência, colhe
revolução."*



"Tire seus padrões do meu corpo"



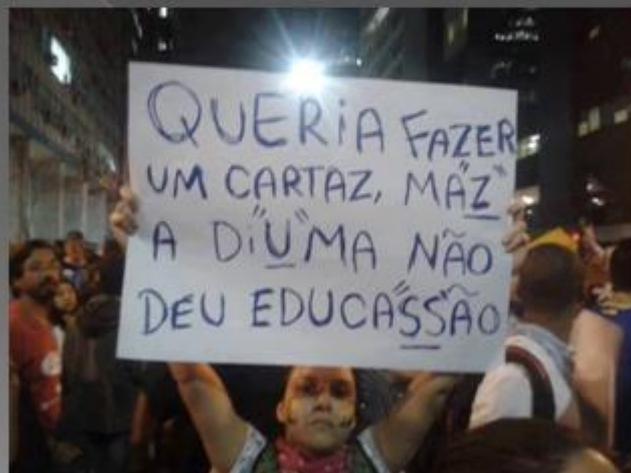
"Desliga a TV e liga o cérebro!"



“Só os beijos nos taparão a boca!”



“Queria fazer um cartaz, maz a Diuma não deu educassão.”



“Ash roubou minha bicicleta, preciso de um transporte público de qualidade.”



*“Estude!
Essa é sua única chance!
E “eles” têm medo disso...”*





- Anexo 02:

Letra da música *Cálice*

Chico Buarque de Holanda

Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor e engolir a labuta?
Mesmo calada a boca resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa?
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoadado eu permaneço atento
Na arquibancada, prá a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

De muito gorda a porca já não anda (Cálice!)
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, Pai, abrir a porta (Cálice!)
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade?
Mesmo calado o peito resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça!
Minha cabeça perder teu juízo.
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça

Plano de aula 13

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Mirelle Jorge Cunha
Data: 07/11 – quinta-feira / Início: 10:09 / Duração: 1h/a reduzida (38min.)

Tema:

Gramática e Manifestações político-sociais atuais brasileiras.

Conteúdos:

Os fenômenos da concordância verbal.

Objetivos gerais:

- Proporcionar reflexões acerca do uso da língua materna;
- Incentivar o pensamento crítico e reflexivo dos alunos.

Objetivos específicos:

- Informar os alunos sobre a atual situação política no Brasil;
- Fixar os conteúdos de concordância verbal e crase.
- Praticar análise linguística com os alunos;

Procedimentos:

- Fazer a chamada (3 min);
- Iniciar, com o auxílio dos slides (continuação dos slides - Plano 12), a análise de cartazes selecionados das manifestações. A professora irá guiar uma conversa com os alunos sobre cada cartaz através de perguntas previamente elaboradas. Nesse diálogo serão abordadas as manifestações e o uso da concordância verbal e da crase nos textos (32 min);
- Concluir a aula informando que a atividade irá continuar na aula seguinte e solicitando que os alunos tragam canetinhas e lápis de cor para a aula de sexta-feira, 01 (3 min).

Observação: Nessa aula a Professora irá contar com o auxílio da dupla de estágio. A chamada e a montagem do data-show serão realizadas pela colega, a fim de otimizar o tempo da aula reduzida.

Recursos:

- Data-show;
- Lousa branca e pincel.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pelo comportamento e participação durante a aula (a professora irá observar a apropriação dos fundamentos teóricos expostos em sala e a vinculação entre a teoria e a prática de análise linguística dos alunos); e pelo respeito às falas dos colegas durante a análise dos cartazes.

Referência:

- INFANTE, Ulisses. NICOLA, José de. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. Scipione: São Paulo, 1998.

Comentário:

Aula ministrada no dia 07 de Outubro. Continuação das aulas dos Planos 10 e 11.

Primeiramente expliquei aos alunos que iríamos expor os *fanzines* feitos pela turma na Feira de Ciências do Colégio. Convidei os que faltaram à Oficina a produzirem as suas próprias publicações, com o auxílio dos próprios colegas e também sugeri que fizessem outro *fanzine*, especialmente para a ocasião, mas era opcional.

Após o aviso iniciei a aula com uma frase do Carlos Drummond de Andrade, a qual solicitei que os alunos copiassem no caderno: “Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?” Feito o “convite”, expliquei que nessa aula trabalharíamos uma das chaves das quais precisamos para contemplar as palavras, a Concordância Verbal.

Relembrei que a Michelle havia trabalhado com eles a Concordância Nominal e perguntei se alguém poderia falar para a turma do que se tratava. Todos ficaram em silêncio. Expliquei que é a concordância entre um nome (um substantivo ou uma palavra com valor de substantivo) e um adjetivo (ou palavras com valor de adjetivo), que por sua vez, concordam com os nomes em gênero e número. E que na Concordância Verbal, estudaríamos como o verbo se relaciona com o sujeito de uma frase, e por isso faríamos uma revisão sobre os tipos de sujeito.

Perguntei se eles já haviam estudado sobre Concordância Verbal, a maioria respondeu que sim.

Comecei a passar a matéria sobre os tipos de sujeito para eles copiarem nos cadernos. Conforme eu ia escrevendo, ia explicando também. Procurei fazer uma explicação mais interativa, então sempre que eu passava exemplos no quadro

perguntava qual era o sujeito, qual era o verbo antes de grifá-los; com alguns exemplos perguntei também como eles achavam, com base na sua experiência no uso da língua, que o verbo deveria se comportar em relação ao sujeito; por exemplo.

As aulas de quinta-feira são reduzidas e não consegui terminar de passar a matéria. Entreguei o exercício (em anexo) que eu havia preparado sobre Tipos de Sujeito e solicitei que resolvessem em casa.

Avisei que em uma das aulas de sexta-feira trabalharíamos com o projeto *Cronicurando* (da Professora Nadia com um cineasta local) e que eles deveriam levar todo o material que já haviam produzido até o momento para trabalharmos em sala. Essa foi uma solicitação da Professora Nadia por causa do cronograma da Escola, contudo agregou-se perfeitamente à matéria sobre crônicas que eu estava trabalhando. Comentei com a Professora que eu gostaria de retomar o conteúdo sobre Crase que a Michelle já havia passado para os alunos e que estava receosa porque sem essa aula talvez não fosse dar tempo, ela afirmou que o conteúdo havia sido bem explicado, então mudei meus planos e me programei para fazer um momento de esclarecimento de dúvidas sobre os conteúdos antes de finalizar a docência, assim se tivesse ficado algum questionamento, seria esclarecido nesse momento. Em seguida me despedi da turma.

Anexo: Exercício de Revisão - Tipos de Sujeito

EEB - Porto Rio Tavares

Disciplina: Língua Portuguesa

Professora: Nadia Martins

Estagiária: Mirelle Cunha

Aluno(a): _____

Data: ___/11/2013

Exercícios de Revisão - Tipos de Sujeito

1) Sublinhe o sujeito e identifique o(s) núcleo(s); depois diga se o sujeito é simples ou composto:

a) A batucada continuou madrugada afora. _____

b) A animada orquestra volta de novo à cidade. _____

c) Patrões e empregados continuam as negociações. _____

d) Deixou rápido o palco o engraçado palhaço. _____

e) Greves e passeatas são formas de luta dos estudantes. _____

f) O longo desabafo trouxe-lhe a paz. _____

g) A psicóloga, o professor e a diretora analisaram o caso. _____

h) As duas meninas passeavam pela calçada. _____

i) Todos os atletas foram homenageados. _____

j) O prefeito e os vereadores se reuniram na Câmara. _____

2) Classifique o sujeito das orações abaixo em: determinado (oculto) ou indeterminado:

- a) Quebraram a vidraça da Dona Maria. _____
- b) Vou ao cinema na sessão das dez. _____
- c) Amanhã, viajaremos bem cedo. _____
- d) Roubaram meu talão de cheques. _____
- e) Andam pichando os muros lá de casa. _____
- f) Cumprirei a promessa. _____
- g) Dizem que a Gracinha vai casar. _____
- h) Esqueci a chave do carro em casa. _____
- i) Ficamos tristes com a notícia. _____
- j) Contaram a história errada. _____
- k) Que alegria! Fizeste a tarefa. _____
- l) **Procuraram** você por todos os lugares. _____
- m) Levaram minha carteira. _____
- n) Falarei com ele a respeito desta história. _____
- o) Resolveram o problema. _____
- p) Instalaram novas máquinas na fábrica. _____

3) Numere de acordo com o seguinte código:

- (1) Sujeito Simples
- (2) Sujeito Composto
- (3) Sujeito Oculto
- (4) Sujeito Indeterminado
- (5) Oração sem sujeito

- () Vou viajar hoje.
- () Faz muitos anos que ele partiu.
- () A chuva impediu-lhe a saída.
- () Estão aí fora o repórter e o fotógrafo.
- () Assaltaram a loja da esquina.
- () Precisamos de bons médicos.
- () Há bons filmes em exibição.
- () Aquele mecânico está procurando emprego.
- () A velhinha e o fiscal fizeram um acordo.
- () Tomaram a bicicleta do garoto.
- () Ventou muito ontem à noite.

4) *Os livros escolares devem ser tratados com carinho.* Nesta oração o tipo de sujeito é:

- a) composto
- b) indeterminado
- c) simples
- d) oração sem sujeito

5) *Meu amigo José estuda à noite.* Nesta oração o tipo de sujeito é:

- a) indeterminado
- b) composto
- c) simples
- d) nenhuma das anteriores

6) *Entusiasmo e disciplina caracterizaram o desfile.* Nesta oração o tipo de sujeito é:

- a) indeterminado
- b) composto
- c) oração sem sujeito
- d) simples

7) A oração sem sujeito caracteriza-se por:

- a) O sujeito está indeterminado.
- b) Não se atribui o fato a nenhum ser.
- c) O sujeito está simplesmente oculto.
- d) O fato é atribuído a um ser determinado.

8) Defina o tipo de sujeito desta oração: *Faz dez anos que cheguei aqui.*

- a) Sujeito oculto.
- b) Sujeito simples.
- c) Sujeito indeterminado.
- d) Oração sem sujeito.

9) *Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha.* Qual é o sujeito e o tipo de sujeito desta oração?

- a) Nunca ninguém / composto.
- b) Ninguém / simples.
- c) Ninguém / indeterminado.
- d) Nunca / simples.

10) *Amanhecia silenciosamente.* Nesta oração temos:

- a) Sujeito simples
- b) Oração sem sujeito.
- c) Sujeito indeterminado.
- d) Sujeito oculto.

11) (OSEC) Das orações: “Pede-se silêncio”, “A caverna anoitecia aos poucos”, “Fazia um calor temendo naquela tarde” – o sujeito classifica-se respectivamente como:

- a- () indeterminado, inexistente, simples
- b- () oculto, simples, inexistente
- c- () inexistente, inexistente, inexistente
- d- () oculto, inexistente, simples
- e- () simples, simples, inexistente

Plano de aula 14

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Mirelle Jorge Cunha
Data: 08/11 – sexta-feira / Início: 10:30 / Duração: 2h/a (90min.)

Tema:

Gramática, Literatura e Manifestações político-sociais atuais brasileiras.

Conteúdos:

Os fenômenos da concordância verbal e da crase.

Objetivo geral:

Reiterar os conhecimentos adquiridos acerca do gênero crônica e dos fenômenos linguísticos da concordância verbal e da crase.

Objetivos específicos:

- Proporcionar reflexões acerca do uso da língua materna;
- Informar os alunos sobre a atual situação política no Brasil;
- Incentivar o pensamento crítico e reflexivo dos alunos;
- Praticar análise lingüística com os alunos;
- Propiciar um ambiente de estudos que estimule a criatividade e a livre-expressão dos alunos;
- Promover a cooperação e o trabalho em grupo.

Procedimentos:

- Fazer chamada (3 min);
- Montar data-show (4 min);
- Concluir as explicações acerca dos conteúdos: concordância verbal, crase e crônica com o auxílio dos slides (mesmos slides do Plano 12) no data-show (15 min);
- Concluir o assunto das manifestações: a professora vinculará o assunto das manifestações político-sociais atuais com os conteúdos abordados e outros momentos históricos do país (20 min);
- Solicitar que os alunos se reúnam em grupos de quatro (5 min);

- Explicar a atividade a ser realizada: cada grupo deverá confeccionar um cartaz a ser fixado na parede da classe para que as ideias sejam socializadas; no cartaz os alunos deverão escrever seus desejos, ou palavras de ordem ou conselhos (25 min);
- Requisitar auxílio dos alunos para fixar os cartazes na parede da classe e para arrumar a sala (10 min);
- Fotografar os cartazes com seus autores (8 min).

Recursos:

- Data-show;
- Lousa branca e pincel;
- 10 cartolinas;
- canetinhas e lápis de cor;
- fita adesiva dupla-face;
- máquina fotográfica.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pelo comportamento e participação durante a aula (a professora irá observar a apropriação dos fundamentos teóricos expostos em sala e a vinculação entre a teoria e a prática de análise lingüística dos alunos); e pela cooperação com os colegas durante o trabalho em grupo.

Referência:

- INFANTE, Ulisses. NICOLA, José de. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. Scipione: São Paulo, 1998.

Comentários:

Aula ministrada no dia 08 de Novembro, ainda conforme adaptação dos Planos de Aula 10 e 11.

Iniciei a aula continuando a explicação sobre os Tipos de Sujeito. A turma estava mais agitada, então algumas partes da matéria eu escrevi no quadro e outras eu ditei. Um dos alunos decidiu não copiar coisa alguma, questionei-o e fui respondida com caretas. Expliquei que era importante que todos copiassem a matéria para poderem estudar depois e continuei com meu planejamento.

Eu pretendia finalmente iniciar a explicação da matéria de Concordância Verbal, mas quando comecei a corrigir o exercício de revisão que entreguei na aula anterior bateu o sinal indicando o término da primeira aula. A Professora Nadia falou que eu poderia continuar a aula mais um pouco, mas preferi deixar para começar esse assunto na aula seguinte, pois poderia dar continuação. Solicitei que os alunos resolvessem o exercício em casa e trouxessem na aula de quarta-feira da semana seguinte.

A Professora Nadia me pediu licença e solicitou que os alunos se reunissem nos grupos do projeto *Cronicurando*. O projeto foi iniciado com a apresentação de um filme de curtametragem de um cineasta catarinense. A partir disso foi solicitado às turmas 801 e 804 (a outra 8ª série do turno matutino) que produzissem seus próprios filmes de curtametragem para apresentação em um encontro com o cineasta que produziu o *curta* que assistiram. Eles deveriam também produzir uma camiseta, customizando-a, com o tema do curta que assistiram: diversidade sexual e homofobia.

Alguns grupos estavam bastante adiantados, porém outros não tinham nem escolhido a crônica com a qual iriam trabalhar. Eu e a Professora Nadia ficamos passando nos grupos conhecendo melhor os projetos de cada um e auxiliando os alunos. Foi bastante proveitoso, pois tive que retomar o gênero crônica e suas características durante o auxílio aos alunos na atividade de transformar as crônicas em roteiro para os filmes. A maioria dos alunos utilizou crônicas que eu e a Michelle passamos nas aulas anteriores e um dos grupos escreveu sua própria crônica.

Plano de aula 15

EEB Porto do Rio Tavares

8ª série 801

Professora: Nadia Nardi Martins

Estagiária: Mirelle Jorge Cunha

Data: 13/11 – quarta-feira / Início: 10:30 / Duração: 1h/a (45min.) (+ 1h/a (45min) antecipada)

Tema:

Gramática, Literatura e Produção Textual

(Apresentação do trabalho desenvolvido no estágio e encerramento.)

Conteúdo:

Gramática, Literatura e Produção Textual – Concordância nominal e verbal; crase; e o gênero crônica.

Objetivo geral:

Encerrar o trabalho desenvolvido durante o estágio.

Objetivos específicos:

- Concluir o estágio de docência;
- Averiguar o aproveitamento das aulas pela perspectiva dos alunos;
- Valorizar os alunos, parabenizando pelas atividades desenvolvidas;
- Instigar o desejo pelo conhecimento através da leitura do mini-conto “Porta Negra” e da entrega de fanzines.

Procedimentos:

- Fazer a chamada (3 min)
- Aplicar auto-avaliação (ler e explicar a atividade para os alunos) (Anexo 01) (6 min);
- Aplicar avaliação das aulas ministradas durante o estágio (ler e explicar a atividade para os alunos) (Anexo 02) (6 min);
- Exibir e comentar slides com as atividades desenvolvidas durante o estágio (7 min);
- Valorizar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, comentando brevemente cada um deles (8 min);
- Contação do texto “Porta Negra” (Anexo 03) (4 min);

- Sortear dois fanzines-caixa (confeccionados pela Professora) para a turma (Anexo 04) (5 min);
- Entregar fanzine de poesias e pensamentos (confeccionado pela Professora) para a turma (Anexo 05) (2 min);
- Agradecer à turma e à Professora Nadia pela parceria desenvolvida (4 min).

Recursos:

- Data-show;
- Fotocópias do texto “Porta Negra” (32);
- Fotocópias do *fanzine* de poesias e pensamentos (32);
- Fotocópias das avaliações (64).

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela participação durante a aula (comportamento, cooperação, explicitação de dúvidas e comentários).

Referência:

- Texto “A Porta Negra”: disponível em
< <http://www.meusonhonaotemfim.org.br/abrenota.asp?id=148>> Acesso em 25 de Setembro de 2013.

Comentário:

Aula ministrada no dia 13 de Novembro. Finalização do planejamento dos Planos de Aula 10 e 11. Nesse dia ministrei duas aulas, pois a Professora de Educação Física cedeu a sua aula para conseguirmos finalizar nosso Cronograma.

No meu planejamento inicial essa seria minha última aula, no entanto a utilizei para terminar a explicação acerca da Concordância Verbal.

Comecei a aula escrevendo no quadro quais seriam as atividades do dia: 1. Estudar o que é Concordância Verbal; 2. 1ª Avaliação: anotações do conteúdo; 3. 2ª Avaliação: correção da crônica do colega e reescrita da crônica (me aprofundarei em cada item no decorrer do comentário).

Expliquei a primeira avaliação: os alunos deveriam anotar, nas folhas que eu entregaria, os pontos importantes da minha exposição sobre a Concordância Verbal. Disse que eu não falaria o que eles deveriam ou não copiar, que ficaria a critério deles, e que ao final da explicação eu recolheria as anotações para avaliá-las. Esclareci que essa atividade serviria como treino para o Ensino Médio e para a Faculdade, pois nesses contextos eles deverão discernir o que é fundamental na explicação do Professor para realizarem suas anotações e estudarem para as provas. Com a ajuda da Michelle entreguei as folhas pautadas que havia levado para a atividade.

Iniciei a explicação acerca da Concordância Verbal esclarecendo sobre o que é o verbo. Expliquei que eles iriam estudar isso com mais tempo no Ensino Médio,

que estava apenas passando o assunto brevemente para que se situarem na matéria.

Passei a matéria no quadro, esclareci sobre como se dá a Concordância Verbal, exemplificando como o verbo concorda com cada tipo de sujeito (que havíamos estudado recentemente). A cada exemplo solicitei a opinião dos alunos antes de esclarecer os casos particulares de concordância.

Para finalizar essa parte da aula escrevi no quadro algumas frases que retirei das crônicas que os próprios alunos escreveram e solicitei que as analisássemos juntos. Recolhi as anotações.

Na sequencia entreguei as crônicas que os alunos escreveram sobre a Copa das Confederações e as manifestações e solicitei que quem fosse recebendo sua crônica fosse formando duplas (não entreguei as crônicas com notas, apenas com um visto para que minha avaliação não influenciasse a dos colegas). Orientei-os para que quem não tivesse recebido a crônica permanecesse no seu lugar e que todos copiassem as indicações que eu iria passar no quadro.

Orientações para as duplas: 1. cada aluno irá corrigir a crônica do colega e ao final da correção deverá anotar uma sugestão para que ele considere durante a reescritura da mesma (frisei que os alunos que fizessem a correção deveriam escrever seu nome na folha da crônica, mas poucos fizeram); 2. em seguida, devolver a crônica para seu respectivo autor, que deverá reescrevê-la levando em consideração os comentários do colega; 3. quem terminar a reescritura pode entregar e para quem não terminar, fica como tarefa para a próxima aula.

Tive algumas dificuldades para realizar essa atividade, a aula foi extensa e os alunos estavam cansados, alguns não haviam feito a crônica e não puderam participar, outros tinham copiado uma letra de música ao invés de escrever a crônica. Para esses, solicitei que aproveitassem para escrever a primeira versão da crônica em sala, e escrevi a orientação no quadro, descrevendo o tema da crônica a ser escrita.

Comentei novamente sobre a importância da reescritura e frisei alguns aspectos que eles deveriam levar em consideração durante a mesma, como as características das crônicas e as concordâncias verbal e nominal.

Dei um tempo para que os alunos se organizassem, mas a aula já estava chegando ao fim, então pedi que guardassem o material e prestassem atenção porque eu tinha algo importante a falar: mostrei o livro que levei para sortear nessa semana, o *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley. Contei que esse é um dos meus livros preferidos e contei um pouco da história para a turma, que me pareceu bastante interessada. Sorteie o livro e encerrei a aula.

Anexos:

- Anexo 01: Ficha de Auto-avaliação:

Aluno (a): _____

Aspectos	Ótimo	Bom	Regular	Insatisfatório
01 – Assiduidade e pontualidade para com as aulas				
02 – Atendimento às solicitações de atividades extra-classe				
03 – Empenho na elaboração das atividades propostas				
04 – Em relação ao material de apoio para as aulas				
05 – Pontualidade na entrega dos trabalhos				
06 – Realização das leituras solicitadas				
07 – Aproveitamento do tempo em aula				
08 – Participação nas aulas e nos grupos				
09 – Relacionamento com os colegas da sala				
10 – Seu crescimento na disciplina pode ser considerado				
Atribua uma nota de 0 a 10 para o seu desempenho				

Justifique o porquê desta nota descrevendo seu crescimento na disciplina:

- Anexo 02: Avaliação das aulas ministradas pelas estagiárias Mirelle e Michelle:

Avaliação das aulas ministradas pelas Professoras estagiárias Michelle e Mirelle: _____	Avaliação das aulas ministradas pelas Professoras estagiárias Michelle e Mirelle: _____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

- Anexo 03: Texto “A Porta Negra” (autor desconhecido):

Há algumas gerações atrás, durante uma das mais turbulentas guerras no Oriente Médio, um general persa capturou um espião e o condenou à morte.

O general, um homem de grande inteligência e compaixão havia adotado um estranho costume em tais casos. Ele permitia ao condenado que escolhesse. O prisioneiro podia enfrentar um pelotão de fuzilamento, ou podia atravessar a “porta negra”.

Um pouco antes da execução, o general ordenava que trouxessem o espião à sua presença para uma breve e final entrevista, sendo seu principal objetivo saber qual seria sua resposta: o pelotão de fuzilamento ou a “porta negra”.

Esta não era uma decisão fácil e o prisioneiro vacilava e preferia invariavelmente o pelotão ao desconhecido e aos espantosos horrores que poderiam estar por detrás da tenebrosa e misteriosa “porta negra”. Momentos após se escutava o rajar das balas que davam cumprimento à sentença.

O general, com os olhos fixos em suas bem polidas, botas voltava-se para o seu ajudante de ordens e dizia:

- “Eis ali o que é o homem, prefere o mal conhecido ao desconhecido. É uma característica dos humanos temer o incerto. Você vê, eu disse a ele para escolher”.

- Afinal, o que existe atrás da “porta negra”? - perguntou seu ajudante de ordens.

- A “liberdade” - respondeu o general – “e poucos têm sido os homens que tiveram o valor de decidir-se por ela”.

“O futuro tem muitos nomes... Para os fracos, é o inatingível. Para os temerosos, o desconhecido. Para os valentes, é a oportunidade”. - Victor Hugo

- Anexo 05: fotos do *Fanzine-caixa*.

Dentro:



Atrás:

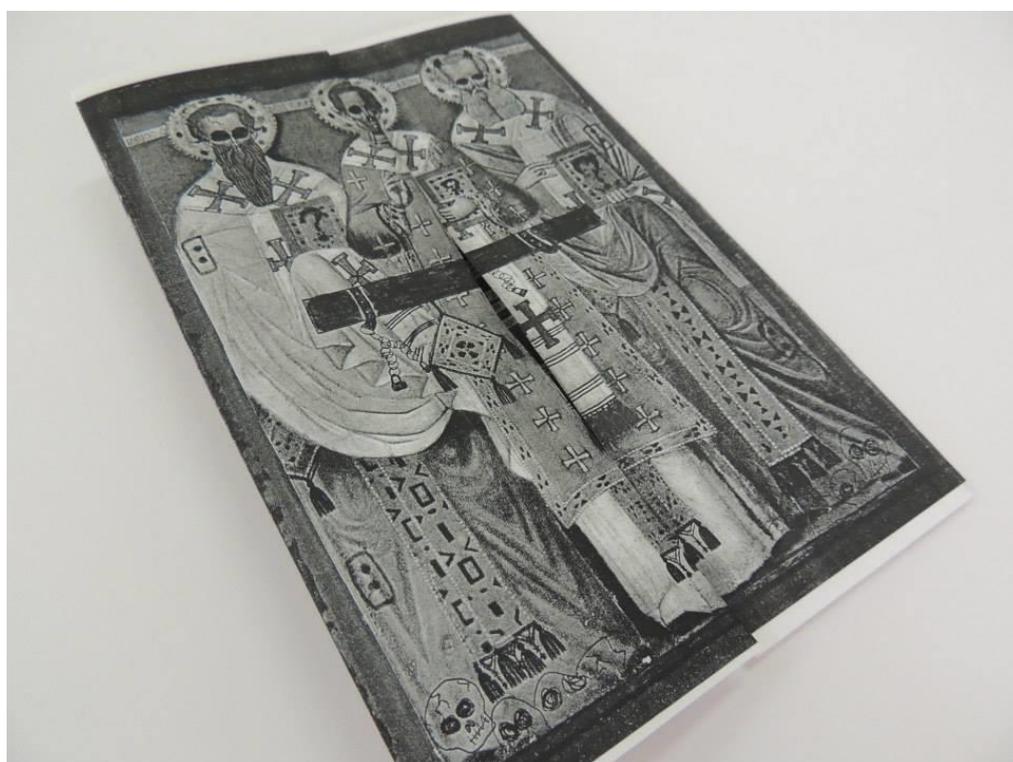


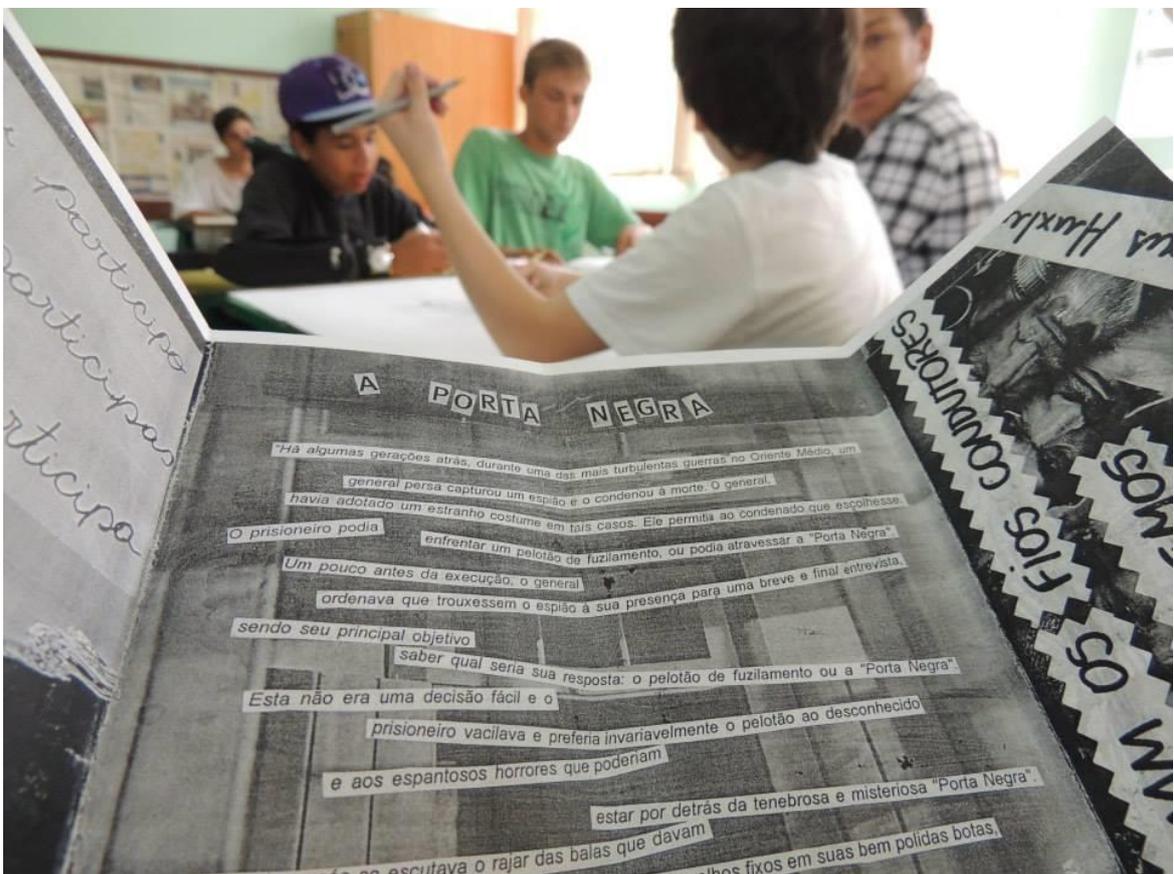
Frente:



- Anexo 06:

Fanzine de pensamentos e poesias:





Aula 14 de Novembro

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiária: Mirelle Jorge Cunha
Data: 14/11 – quinta-feira / Início: 10:09 / Duração: 1h/a reduzida (38min.)

Comentário:

Aula ministrada no dia 14 de Novembro, correspondente ao Plano de Aula 12.

Nesse dia levei os alunos para assistirem a aula no auditório. Utilizei o aparelho de data-show que funciona bem e dei uma aula expositiva sobre as manifestações populares que ocorreram esse ano no Brasil.

Iniciei a aula recordando que a Michelle já havia falado com eles a respeito das manifestações que ocorreram durante a Copa das Confederações e expliquei que eu iria comentar mais um pouco esse assunto, falando sobre outras manifestações que também ocorreram no país nesse ano.

Expliquei que na segunda parte da aula iríamos analisar as frases de alguns cartazes que os manifestantes levaram para as ruas.

Primeiramente perguntei se os alunos já tinham ouvido falar da Marcha das Vadias. Eles responderam que sim, que conheceram através da Professora de História. Conte para eles a história dessa Marcha:

Esse movimento surgiu a partir de um protesto realizado em abril de 2011 em Toronto, no Canadá e desde então se internacionalizou, sendo realizado em diversas partes do mundo. Tudo começou quando um policial aconselhou as mulheres de Toronto a “não se vestirem como vadias para evitar que fossem esturpadas”. As mulheres ficaram indignadas, pois acreditam que têm o direito de se vestirem como quiserem e não serem esturpadas, foi aí que surgiu o grito de guerra: “se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias” e o nome do movimento. Desde 2011 ocorrem passeatas, reuniões e ações dos grupos em todo o mundo. No Brasil, várias cidades também se organizaram e participam do movimento. Essa foto é da última manifestação em Florianópolis, em maio desse ano. Os manifestantes defendiam o fim da cultura do estupro, liberdade civil e segurança para as mulheres, entre outras questões feministas.

Em seguida, com o auxílio dos *slides* projetados, comentei acerca do Ato Contra o Estatuto do Nascituro:

O Estatuto do Nascituro é um projeto de lei brasileiro de 2005 que visa garantir proteção integral ao nascituro (feto). Foi proposto pelos deputados Osmânio Pereira e Elimar Máximo Damasceno. O

projeto também pode proibir a pesquisa com células tronco embrionárias no país. Foi arquivado em 31 de janeiro de 2007, mas os ex-deputados Luiz Bassuma (PT-BA) e Miguel Martini (PHS-MG) ressuscitaram o projeto, que foi aprovado no início de junho na Comissão de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados. Agora o projeto segue para análise da Comissão de Constituição e Justiça. O Ato foi organizado pela coordenação da Marcha das Vadias, em Florianópolis, e ocorreram diversos outros por todo país. Os manifestantes acreditam que o estatuto viola os direitos das mulheres, pois tira a responsabilidade criminal do estuprador e a transfere para a mulher, que não pode mais optar se quer ou não carregar o fruto da violência, e ainda é obrigada a criar vínculos com o agressor. “O direito ao aborto nos casos de estupro é uma conquista obtida na década de 1940. Se o projeto for aprovado, será retrocesso.” Isso porque o projeto prevê ainda o pagamento de benefício, chamado por contrários à proposta de ‘bolsa estupro’. Conforme o artigo 13, inciso 2, o feto tem “direito a pensão alimentícia equivalente a um salário-mínimo até que complete 18 anos”. Em parágrafo único, o projeto detalha a responsabilidade pelo pagamento: “Se for identificado o genitor, será ele o responsável pela pensão alimentícia a que se refere o inciso 2 deste artigo; se não for identificado (...), a obrigação recairá sobre o Estado”. O projeto também prevê a proibição do aborto em casos de deficiências, mesmo que não haja sobrevida fora do útero, e ainda impede o congelamento de embriões, comum em casos de inseminação artificial.

Em seguida comentei acerca das manifestações contra a atual situação do transporte público em diversas cidades:

A revolta popular que originou o Movimento Passe Livre aconteceu em Salvador, capital da Bahia. Em 2003, milhares de jovens, estudantes, trabalhadores e trabalhadoras fecharam as vias públicas, protestando contra o aumento da tarifa. Durante 10 dias, a cidade ficou paralisada. O evento foi tão significativo que se tornou um documentário, chamado “A Revolta do Buzu”, de Carlos Pronzato. As mobilizações tiveram fim quando entidades estudantis tradicionais (como a UNE e a UJS) se colocaram como lideranças da revolta que não haviam iniciado, e foram negociar com a Prefeitura em sala fechada. Esses grupos apresentaram 10 pautas, das quais 9 foram alcançadas, entre elas a meia-passagem para estudantes de pós-graduação e o direito do uso da meia passagem estudantil nos finais de semana, feriados e férias. A principal reivindicação das manifestações de rua não foi atendida: o aumento continuou em vigor. Após a negociação, porém, a população foi desmobilizada e as ações de rua perderam a força. Em 2001 iniciou-se uma movimentação juvenil dos Diretórios Acadêmicos das Universidades Públicas e grêmios de Escolas Públicas da capital catarinense. Em 2004, um grupo em Florianópolis, inspirado pela experiência de Salvador, já se articulava numa proposta diferente das organizações estudantis tradicionais. Ao longo de uma semana de intensas mobilizações, a cidade parou na famosa “Revolta da Catraca” ou “Amanhã vai ser maior”. A reivindicação era, mais uma vez, a redução das tarifas de ônibus, e havia a participação de outros grupos, como associações de moradores, professores, punks e a população em geral. Os protestos foram bem-sucedidos, e naquele ano o aumento foi revogado. Em 2005, um novo aumento foi anunciado, porém, após um mês de manifestações, a prefeitura anunciou seu cancelamento. Durante os anos seguintes, manifestações contra aumentos de tarifa e contra o atual sistema de transporte ocorreram em diversas regiões brasileiras, como São Paulo, Itu, Belo Horizonte, Curitiba, Cuiabá, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Brasília, Joinville, Blumenau, Fortaleza, Recife, Aracaju, Rio Branco, entre outras. Em 2006, a tarifa de ônibus diminuiu após mobilizações populares em Vitória. Em 2013, o movimento começou em março, em Porto Alegre e se espalhou para outras cidades como São Paulo, Belém, Curitiba, Brasília, Rio de Janeiro e Salvador. Os protestos receberam destaque nas principais agências de comunicação internacionais, que ressaltaram a “truculência” da polícia brasileira e o “clima de insegurança” presente na véspera de grandes eventos esportivos a serem sediados no país. Após os acontecimentos do dia 13 de junho, protestos em solidariedade aos participantes das manifestações de São Paulo foram marcados em Portugal, França, Alemanha, Irlanda, Canadá, dentre outros países, perfazendo um total de 27 cidades no mundo. Manifestantes da Turquia também expressaram em mensagens apoio aos protestos no Brasil. Pela repercussão do

movimento, e em busca de soluções, em 24 de Junho a presidente Dilma Rousseff recebeu no Palácio do Planalto quatro representantes do MPL e essa história ainda não teve um desfecho.

Mostrei a eles também as diversas manifestações que aconteceram, em prol de diversos interesses, durante o ano:

Na “onda” das manifestações que vêm ocorrendo no país, muitas pessoas saíram às ruas para protestar contra suas insatisfações – no campo da política ou não – o que trouxe recordes de manifestantes nas ruas do país. Cartazes e gritos contra a corrupção, contra emendas na Constituição, mostrando repúdio aos investimentos na Copa do Mundo apareceram em todos os lugares. Nas manifestações contra a tarifa de ônibus, principalmente, o que trouxe bastante confusão para o movimento. Os cidadãos brasileiros, insatisfeitos com diversas coisas, viram nesses movimentos citados uma oportunidade para expressar seus sentimentos em relação ao país, desorganizando as manifestações que ocorriam por outros temas e dificultando a negociação com os políticos, já que entre tantas reclamações, os objetivos primeiros de várias manifestações ficaram diluídos.

Falei também sobre as manifestações da classe dos Professores e as aparições dos *black blocs*:

Em outubro milhares de Professores da rede estadual e municipal do Rio de Janeiro (que estavam em greve há mais de dois meses) foram para as ruas da cidade para manifestar contra os planos de cargos e salário aprovado pela Câmara Municipal e sancionado pelo prefeito.

Em Belém do Pará os Professores também foram para as ruas. A manifestação foi uma resposta ao governo de Simão Janete, que se nega a negociar com eles sobre as pautas da categoria das quais a principal era renegociar o horário da jornada de trabalho.

No Dia dos Professores várias pessoas resolveram ir para as ruas para apoiar os Professores e reivindicar melhorias na educação pública do país. Nesse dia ocorreram manifestações em diversas cidades, como São Paulo, Goiás, Natal, Recife, Juiz de Fora, Brasília, Vitória, João Pessoa, Campina Grande, Londrina, Cascavel, Curitiba, Porto Alegre e Macapá.

Muitos Professores e manifestantes foram presos e muitos machucaram-se em confrontos com a Tropa de Choque da Polícia.

Os *Black blocs* ficaram famosos nesse período por apoiarem e protegerem os Professores durante as manifestações. O nome *Black bloc* vem do inglês *black*, negro; *bloc*, agrupamento de pessoas para uma ação conjunta ou propósito comum, esse é o nome dado a uma tática de ação direta, de corte anarquista, caracterizada pela ação de grupos de afinidade mascarados e vestidos de preto que se reúnem para protestar em manifestações de rua, utilizando-se da propaganda pela ação para desafiar o senso comum e as forças da ordem. Esses grupos são estruturas efêmeras, informais, não hierárquicas e descentralizadas. As roupas e máscaras pretas, que dão nome à tática, visam garantir o anonimato dos indivíduos participantes, caracterizando-os, em conjunto, como um único e imenso bloco.

E, por fim, falei sobre a mais recente manifestação que ocorreu até a data da aula, a invasão ao Instituto Royal:

Manifestantes anarquistas ecolibertários invadiram o Instituto Royal, em São Paulo, e levaram consigo os cães do local. Eles eram cobaias deste laboratório que fazia testes em animais e já havia sido denunciado por maus-tratos.

O Instituto fechou, mas tem outra sede em Porto Alegre que não testa em animais e continua funcionando. Nele eram realiza testes pré-clínicos com vistas ao desenvolvimento de

medicamentos para o tratamento de doenças como câncer, diabetes, hipertensão, epilepsia entre outros.

Essa manifestação ainda estava em pauta na mídia quando dei essa aula, acredito que por essa razão os alunos se sentiram mais a vontade para expressarem suas opiniões. Conversamos um pouco sobre o assunto.

Quando terminei de falar sobre as manifestações acabou a aula, ainda faltava mostrar a música *Cálice*, de Chico Buarque, e comentar sobre ela, o que ficou para a aula seguinte.

Gostei bastante das participações dos alunos, os comentários foram muito ricos. Eles gostaram e se envolveram bastante com a aula.

Aula 22 de Novembro

EEB Porto do Rio Tavares

8ª série 801

Professora: Nadia Nardi Martins

Estagiária: Mirelle Jorge Cunha

Data: 22/11 – sexta-feira / Início: 10:30 / Duração: 2h/a (90min.)

Comentário:

Só pude retomar minhas aulas no dia 22 de Novembro porque no dia 15 foi feriado e não tivemos aula; e nos dias 20 e 21 aconteceu a Feira de Ciências da Escola. Fui assistir à Feira, vi as apresentações dos teatros da turma sobre Intolerância Religiosa e organizei um *stand* para expor os *fanzines* dos alunos. Confeccionei cartazes (Anexo 01) explicando o que é um *fanzine* e do que se tratava a atividade realizada pela 8ª série 801. A Professora Nadia emprestou as cópias dela dos *fanzines* dos alunos e as dispôs em uma mesa sob os cartazes.

Nessa aula do dia 22 utilizei os Planos de Aula 12, 13 e 14. Cheguei na classe um pouco mais cedo para montar o aparelho de data-show para poder passar os *slides*. Primeiramente entreguei a todos um exercício sobre Concordância Verbal (Anexo 02) e entreguei também um texto com essa matéria digitalizada (Anexo 03). No dia que expliquei sobre esse tema pedi para que os alunos fizessem anotações livres, corrigindo essas anotações percebi que muita coisa importante ficou de fora, assim, disponibilizei as informações fornecidas em forma de texto para que eles pudessem consultar essa matéria no futuro com segurança.

Tentamos ouvir a música *Cálice*, mas não conseguimos acessar a internet. Como estávamos perdendo tempo tentando fazer isso, decidi deixar a música para o final da aula e passei para a análise dos cartazes dos manifestantes que selecionei.

Fui mostrando os cartazes através dos *slides* e os alunos foram acompanhando na folha de exercícios. A cada frase eu fazia uma série de perguntas relacionadas à sua morfologia, sintaxe e semântica. Esse momento foi ótimo, os alunos estavam muito envolvidos, me surpreenderam com suas respostas e deu para notar que entenderam o conteúdo.

No final da folha de exercícios estava a letra da música *Cálice* e os alunos insistiram para ouvir. A Professora Nadia foi atrás de conseguir outra senha para acessar a *internet*, mas não conseguimos. Então, surpreendentemente, mesmo sem conhecer a melodia, alguns alunos começaram a cantar e logo praticamente toda turma estava cantando, cantei com os alunos e nos aplaudimos no final.

Questionei a turma acerca do título da música e expliquei sua história. Todos gostaram bastante.

Em seguida chamei a atenção para o fato de a maioria dos verbos dos cartazes estarem no modo imperativo. Expliquei o que significa o verbo estar nesse modo (que o falante está exprimindo um desejo, uma ordem) e que diferentemente do português europeu e do que está prescrito nas gramáticas tradicionais, o português brasileiro apresenta variação para o uso do modo imperativo exibindo a variante expressa pelo modo indicativo (cantA, bebE e partE) e a variante expressa pelo modo subjuntivo (cantE, bebA e partA) para a segunda pessoa do discurso: tu/você.

Pesquisas mostram que nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste há preferência pela forma indicativa e na região Nordeste, preferência pela forma subjuntiva.

Há uns 50 anos, as pessoas em todo o Brasil costumavam usar mais a forma do imperativo que decorre do subjuntivo (fale e não fala) do que do indicativo. De acordo com pesquisas lingüísticas isso pode ter acontecido por alguns motivos:

1. A escolha por usar o modo imperativo no indicativo ao invés da variante do subjuntivo pode ser uma escolha de cunho sociológico: apesar das gramáticas prescreverem o uso do modo derivado do subjuntivo, a escolha pelo indicativo pode ser derivada de um preconceito desenvolvido em relação à população nordestina. Por ser o imperativo subjuntivo uma marca da fala dessa população, as pessoas do sul e sudeste podem ter escolhido, mesmo inconscientemente, se afastar do estereótipo do nordestino, como vemos caracterizado nos programas de televisão e filmes brasileiros: o iletrado, cômico, uma paródia da cultura do nordeste, uma avacalhação.

2. Houve um “abrasileiramento” no imperativo do português que falamos no Brasil: uma das pesquisas que falei mostra que ocorreu um pico de variação do imperativo no ano de 1922. Esses pesquisadores analisaram peças teatrais escritas no intervalo do período de 1844 e 1992 e notaram que justamente no ano da Semana de Arte Moderna (1922) ocorreu o ápice do uso dessa variação. Isso não foi uma mera coincidência. Nesta ocasião, se destaca no Brasil as expressões tipicamente brasileiras, como forma de comportamentos relacionados à identidade nacional, em todas as áreas de nossa cultura, inclusive a língua.

3. Outras pesquisas muito interessantes apontam para mais um motivo para a variação do uso do imperativo: De 1964 a 1985 vivemos um período de ditadura no Brasil. Nesse período, militares governaram o país e ocorreram a supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

Nos últimos anos desse governo, o Brasil apresentava vários problemas: a inflação era alta e a recessão (declínio na taxa de crescimento econômico do país) também. Enquanto isso, a oposição ganhava terreno com o surgimento de novos partidos e com o fortalecimento dos sindicatos. Em 1984, políticos de oposição, artistas e milhões de brasileiros participam do movimento das Diretas Já!. O

movimento era favorável à aprovação da Emenda Dante de Oliveira que garantiria eleições diretas para presidente naquele ano.

Nunca houve no Brasil uma mobilização popular das mesmas proporções. Durante seis meses, milhões de brasileiros foram às ruas reafirmando o direito de votar para presidente. A campanha Diretas Já! teve início em novembro de 1983, com um comício em São Paulo, que reuniu 10 mil pessoas. Prosseguiu em janeiro de 1984 com um comício em Curitiba e a concentração de 300 mil pessoas na Praça da Sé, em São Paulo e também com a passeata no Rio de Janeiro, da Candelária à Cinelândia, com 60 mil pessoas. No dia 16 de abril, 1,7 milhão de pessoas se mobilizaram pela causa novamente na capital paulista. Foram ao todo cerca de 40 comícios espalhados por todo o Brasil manifestando a vontade do povo para com a volta da democracia política.

Todos estes acontecimentos refletiram não só na história política do nosso país, mas também na vida cotidiana e nos sentimentos de toda uma nação. Um acontecimento de tão grande proporção e intensidade não pode ter passado sem deixar marcas na língua, em especial na língua escrita, sejam estas no imperativo ou em outras estruturas do português brasileiro. Afinal, as línguas são também analisadas como forma de comportamento cultural, se relacionam com as predisposições culturais das pessoas que as falam (e/ou as escrevem) e que com elas se identificam.

Esse aumento de uso do imperativo associado ao indicativo pode ter sido então reflexo deste momento político, uma vez que, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, a forma do imperativo associado ao subjuntivo desperta nos ouvintes uma sensação de maior autoritarismo, enquanto a forma imperativa associada ao indicativo é recebida como sendo de maior proximidade e solidariedade. É como se ouvir *faça comigo!* remetesse a um maior distanciamento e tivesse um tom maior de autoridade do que *fale comigo!*

Esses pesquisadores acreditam que, com o fim da ditadura, e em função dos traumas por ela deixados, a população tenha passado a repugnar condutas e formas de expressão que remetessem a um maior autoritarismo, como um manifesto inconsciente de desaprovação ao regime decaído.

Neste caso, os usuários da língua teriam se manifestado lingüisticamente diferente do período ditatorial, expandindo inconscientemente a variante inovadora para a escrita e culturalmente aproximando-se a uma nova ordem democrática que usaria, em termos de imperativo, uma forma vista e sentida sem tanta força autoritária: associada, portanto, ao indicativo.

Esse foi, sem dúvida, um dos períodos de maior mudança política no Brasil, não só em relação aos personagens políticos e ao regime praticado, mas também em termos de comportamento da população, pois esta acreditava na força que tinha e pretendia mudar os rumos da história do Brasil.

Com base no exemplo do que aconteceu no país após a ditadura, tanto na política quanto no comportamento e até na língua dos brasileiros, convidei os alunos

a pensarem no que está realmente acontecendo e o que pode vir a acontecer no futuro com todas essas manifestações que estão acontecendo ao nosso redor.

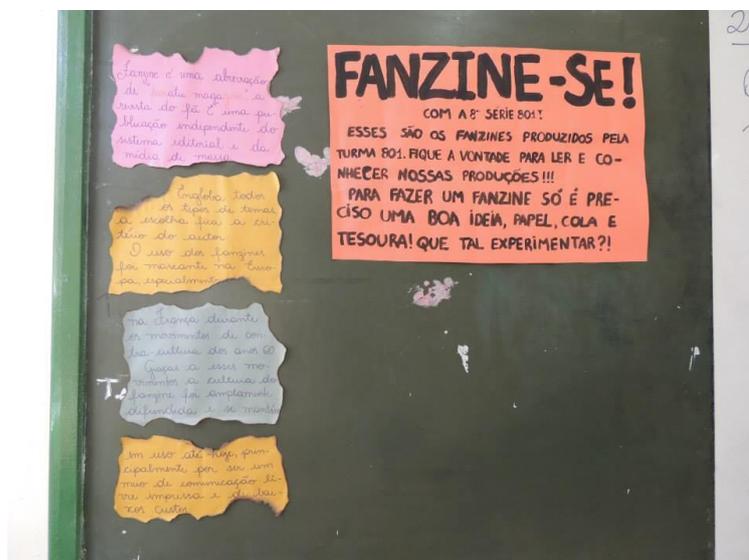
Em seguida solicitei que pegassem os exercícios sobre os Tipos de Sujeito e formassem duplas para a próxima atividade. Requeri que os alunos corrigissem os exercícios uns dos outros, agora que já conheciam melhor a matéria. Essa parte foi um pouco complicada porque a maioria dos alunos não havia completado todo o exercício e os que iriam corrigir não teriam muito que fazer, mesmo assim mantive a atividade.

Expliquei que continuaríamos as atividades relacionadas às manifestações populares na aula seguinte, pois eu havia levado cartolinas para que os alunos produzissem seus próprios cartazes, mas não deu tempo, e vendo o material eles ficaram curiosos.

Os alunos fizeram a correção, passei nas carteiras auxiliando-os, recolhi o material e finalizei a aula sorteando um par de cadernos para dois alunos. Expliquei que desde o início da minha docência eu vinha sorteando livros, mas que nessa semana decidi sortear cadernos porque eu queria que eles fossem leitores e também escritores. Os alunos ficaram bastante animados. Sorteie dois alunos pela chamada, os ganhadores agradeceram e encerrei a aula lembrando que de acordo com o cronograma da Escola eles teriam prova bimestral de Português no dia 29. Eu e a Michelle combinamos com a Professora Nadia que elaboraríamos a avaliação, mesmo sem sermos nós a aplicá-la, assim, passei a matéria da prova no quadro e pedi que todos copiassem em seus cadernos. Combinei com os alunos que na aula seguinte teríamos um tempo para o esclarecimento de dúvidas acerca do conteúdo da prova e sugeri que estudassem para tirarem as dúvidas na aula seguinte, pois essa seria a última antes da avaliação.

Anexo 01:

Cartazes para a Feira de Ciências:



Anexo 02:

EEB Porto Rio Tavares

Disciplina: Língua Portuguesa

Professora: Nadia N. Martins

Professora estagiária: Mirelle Jorge Cunha

8ª série 801

Concordância Verbal

1. O que é verbo?

Verbo é a palavra que se flexiona em:

- Número (singular, plural);
- Pessoa (1ª: eu/nós; 2ª: tu/vós; 3ª: ele,ela/eles,elas);
- Tempo (passado, presente, futuro...)
- Modo (característica do verbo que indica qual a relação do falante com o fato que anuncia: amo=indicativo [a atitude do falante é de certeza, o fato é ou foi uma realidade]; se eu amasse=subjuntivo [a atitude do falante é de incerteza, uma possibilidade]; ame=imperativo [atitude de ordem, desejo].)
- Voz (ativa/passiva: essas vozes indicam a relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo - o sujeito pode praticar ou sofrer uma ação [O homem feriu o animal. = o sujeito "homem" pratica a ação = voz ativa// O animal foi ferido pelo homem. = o sujeito "animal" sofre a ação = voz passiva] ou praticar e sofre uma ação ao mesmo tempo [O homem feriu-se.]

(Vocês irão estudar esse conteúdo com mais detalhes no Ensino Médio!)

2. O verbo varia em número e pessoa de acordo com o seu sujeito = **CONCORDÂNCIA VERBAL**.

3. O verbo sempre faz parte do predicado, e o predicado é a declaração que se refere ao sujeito. Por isso, o verbo como parte do predicado, sempre concorda em número e pessoa com o sujeito. Assim, precisamos reconhecer o núcleo do sujeito para fazermos com que o verbo concorde com ele.

4. Regra Geral: O VERBO CONCORDA EM NÚMERO E PESSOA COM O SEU SUJEITO.

Sujeito	Verbo
Eu	cheguei
Tu	chegaste
O aluno	chegou
Os alunos	chegaram

Observação: O verbo concorda com o sujeito mesmo se ele estiver deslocado, por exemplo:

- **Faltaram** (verbo), naquele dia, **cinco pessoas** (sujeito).

5. Sujeito com um núcleo (sujeito simples):

- Teu **vestido** (sujeito no singular) de baile **era** (verbo no singular) branco.

- **Eu** (sujeito no singular) **sonhei** (verbo no singular) que **tu** (sujeito no singular) **estavas** (verbo no singular) tão linda.

6. Sujeito com mais de um núcleo (sujeito composto): o verbo vai para o plural.

- **Pablo e Tiago** (sujeito composto=eles) **foram** (verbo no plural) à festa.

- **Eu e ele** (sujeito composto=nós) **dividimos** (verbo no plural) o mesmo quarto.

7. Sujeito coletivo: o verbo fica no singular. Nesse caso o verbo vai concordar com o artigo, se não houver artigo, fica no singular.

- **Minas Gerais** (sujeito) **produz** (verbo no singular) muito leite.

- **As Minas Gerais** (sujeito) **produzem** (verbo no plural) muito leite.

- **Férias** (suj.) **faz** (V. sing.) bem.

- **As férias** (suj.) **fazem** (V. plu.) bem.

* Para o nome de obras literárias/artísticas, admite-se também a concordância ideológica com a palavra obra, implícita na frase: "**As Primaveras**" é poesia romântica./ "**As Primaveras**" são poesias românticas.

8. O sujeito é o pronome relativo 'que': Nesse caso, o verbo concordará em número e pessoa com o antecedente. Por exemplo:

"Apascento* os pianos **que** gritam
E transmitem o antigo calor do homem
Que reclamando a contemplação
Sonha e provoca a harmonia."

(Esse é um trecho de uma poesia de Murilo Mendes. *Apascento é a conjugação do verbo apascentar na primeira pessoa do singular, que significa "entreter-se, recrear-se, deleitar-se".)

9. Voz passiva sintética: Como comentei nas nossas aulas, as Vozes Verbais são conteúdo do Ensimado Médio. De qualquer forma, vocês encontrarão frases como:

- **Consertam** (V. 3ª p.p.) **-se** (pronome apassivador) **aparelhos elétricos** (sujeito na 3ª p.p.).

Em casos como esse, o "se" é objeto direto do verbo. O que nos interessa por enquanto é saber como concordar o verbo da frase com o sujeito.

Na voz passiva sintética temos a seguinte formação: verbo que possui objeto direto na terceira pessoa (singular ou plural, concordando com o sujeito) mais o pronome apassivador "se". Outro exemplo:

- **Aluga** (V. 3ª p.p.) **-se** (pronome apassivador) **apartamento** (sujeito na 3ª p.p.).

Nesses casos devemos concordar o verbo com o sujeito em número e pessoa, como temos feito com os outros casos.

Importante: Não confundir a voz passiva sintética com indeterminação do sujeito. Na frase “PRECISA-SE DE OPERÁRIOS”, por exemplo, o “se” é índice de indeterminação do sujeito; o verbo não é transitivo nem direto, nem indireto e aparece sempre na terceira pessoa do singular.

10. Sujeito oracional: Esse é o caso no qual o sujeito é uma oração substantiva subjetiva. Nesses casos, o verbo ficará sempre na terceira pessoa do singular. Por exemplo:

- **É** (V. 3ª p.s.) importante **que todos sejam aprovados** (sujeito).

11. Verbos impessoais: Esses verbos não têm sujeito e só aparecem na terceira pessoa do singular (daí serem chamados de impessoais). Os verbos que indicam fenômenos da natureza se enquadram nessa categoria. Por exemplo:

- **Nevou** muito nas serras gaúchas.

- **Choveu** ontem à noite.

O verbo haver no sentido de existir também é impessoal, sendo empregado apenas na terceira pessoa do singular. Observe:

- **Houve** um momento em que todos pararam.

- **Havia** muitos alunos na sala.

Os verbos haver e fazer indicando tempo decorrido também são impessoais; portanto só são usados na terceira pessoa do singular.

- **Faz** três anos que eu estudo nessa escola.

- **Há** três anos estudo nessa escola.

12. O verbo ser: A concordância desse verbo na maioria das vezes é optativa, podendo ser feita tanto com o sujeito, quanto com o predicativo, dependendo de qual termo se quer destacar. Se o predicativo ou o sujeito for um nome próprio ou indicar pessoa(s), ele prevalecerá, em termos de concordância. Por exemplo:

- “**Tudo** (sujeito) **é** (verbo) **flores** (predicativo) no presente.” (Gonçalves Dias)

- “**Eram** (verbo) **tudo** (sujeito) **travessuras de criança** (predicativo).” (Machado de Assis)

Nas orações impessoais, o verbo ser concorda com o predicativo:

- “**São** chuvas de verão.” (Fernando Lobo)

- Hoje **são** doze de dezembro.

- Hoje **é** dia doze de dezembro.

13. Os verbos bater, dar, soar – quando se referem às horas do dia, concordam com o numeral. Veja:

- **Bateu** (verbo) **meio-dia** (numeral) no relógio da Matriz.

- **Bateram** (verbo) **doze** (numeral) horas no relógio da Matriz.

- **Soaram** (verbo) **três** (numeral) horas e o calor tornava-se insuportável.

- **Deu** (verbo) **uma** (numeral) hora.

Quando o sujeito for relógio, ou qualquer outro substantivo que indica o mecanismo que assinala a passagem do tempo, o verbo concordará com ele:

- **O relógio** (sujeito) da Matriz **bateu** (verbo) doze horas.

- **O sino** (sujeito) da aldeia **bateu** (verbo) doze horas.

* Em certos casos de concordância, é comum a Gramática aceitar duas construções para uma mesma mensagem com a justificativa que o uso é optativo. Assim, podemos ter:

- Os professores exigem...

- Os professores exigimos...

No entanto, não podemos considerar as duas construções com o mesmo valor e afirmar que seu uso é optativo. Observe que no primeiro caso, o orador dá um tom impessoal (verbo na terceira pessoa) ao seu discurso; o mesmo não ocorre no segundo, em que o orador usa a primeira pessoa do plural, tornando evidente a sua postura pessoal, isto é, ele não é apenas um simples porta-voz dos professores mas é um dos reivindicantes. Portanto, o emprego desse tipo de construção não é optativo, mas obedece a razões estilísticas.

Anexo 03:

EEB - Porto Rio Tavares

Disciplina: Língua Portuguesa

Professora: Nadia N. Martins

Professora Estagiária: Mirelle Jorge Cunha

Exercício de Fixação

Aluno(a): _____ Data: __/11/2013

Concordância Verbal

Vamos revisar o que aprendemos acerca da Concordância Verbal. As frases abaixo foram selecionadas de cartazes das manifestações populares que ocorreram no Brasil no ano de 2013. **Observem atentamente cada frase e especifiquem qual o verbo, qual o sujeito e se há ou não há concordância gramatical em cada caso:**

(Sobre o sujeito: especifique qual é o sujeito da frase e digam qual tipo de sujeito é.)

1. *“Desliga a Galinha Pintadinha e vai pra rua! Mudem o país por mim!
Vicente – 3 meses #nãoaoestatutodonascituro/ #acordabrasil”*

- Qual o sujeito da primeira frase? E o verbo? _____

- Qual o sujeito da segunda frase? E o verbo? _____

- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

2. *“Acorda Brasil? O movimento feminista nunca dormiu!”*

- Qual o sujeito da primeira frase? E o verbo? _____
- Qual o sujeito da segunda frase? E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____
- Esse cartaz questiona *“Acorda Brasil!”*. A que se refere? _____

3. *“NÃO quero impeachment, quero REFORMA POLÍTICA!”*

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

4. *“Sorria, você é linda mesmo que a TV não diga!”*

- Quais os sujeitos da frase acima? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____
- Essa frase é uma paródia de outra frase que encontramos bastante por aí. Você consegue lembrar qual? _____

5. *“Quer peito e coxa? Compre um frango!”*

- Qual o sujeito da primeira frase? E o verbo? _____
- Qual o sujeito da segunda frase? E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

6. *“Queremos cura para a fome”*

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

7. *“Afasta de mim esse cale-se”*

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____
- Esse cartaz faz referência a uma música importante na história do Brasil. Qual? _____

8. *“Vem pra rua!”*

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

9. *“Larga o CandyCrush e vem pra rua”*

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

10. *“Aborte o machismo!”*

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

11. *“Liberte-se do machismo”*

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

12. *“Aposentadoria: Professor 35 anos; Policial 30 anos; Político 8 anos. Pense bem!”*

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

13. “*Quem semeia miséria, colhe revolta. Quem semeia resistência, colhe revolução.*”

- Qual o sujeito da primeira frase? E o verbo? _____
- Qual o sujeito da segunda frase? E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

14. “*Tire seus padrões do meu corpo*”

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____
- A quais padrões o cartaz se refere? _____

15. “*Desliga a TV e liga o cérebro!*”

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

16. “*Só os beijos nos taparão a boca!*”

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____
- A frase desse cartaz refere-se a que? _____

17. “*Queria fazer um cartaz, maz a Diuma não deu educassão.*”

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____
- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____

18. “*Ash roubou minha bicicleta, preciso de um transporte público de qualidade.*”

- Qual o sujeito da frase acima? _____
- E o verbo? _____

- Há concordância verbal? Explique: _____
- A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____
- Você conhece o personagem citado na frase? Quem é ele? _____

19. “Estude! Essa é sua única chance! E “eles” têm medo disso...”

- Qual o sujeito da primeira frase? E o verbo? _____
 - Qual o sujeito da segunda frase? E o verbo? _____
 - Qual o sujeito da terceira frase? E o verbo? _____
 - Há concordância verbal? Explique: _____
 - A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____
 - Quem você acha que são “eles”? _____
-

20. “Tenho em mim todos os sonhos do mundo.”

- Qual o sujeito da frase acima? _____
 - E o verbo? _____
 - Há concordância verbal? Explique: _____
 - A qual manifestação você acha que esse cartaz pertence? _____
 - Essa frase é um trecho de uma poesia muito famosa. Qual é essa poesia? Qual o seu autor? _____
-

Cálice

Chico Buarque

Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 De vinho tinto de sangue

Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga
 Tragar a dor, engolir a labuta
 Mesmo calada a boca, resta o peito
 Silêncio na cidade não se escuta

De que me vale ser filho da santa
 Melhor seria ser filho da outra
 Outra realidade menos morta
 Tanta mentira, tanta força bruta

Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 De vinho tinto de sangue

Como é difícil acordar calado
 Se na calada da noite eu me dano
 Quero lançar um grito desumano
 Que é uma maneira de ser escutado
 Esse silêncio todo me atordoia
 Atordoado eu permaneço atento
 Na arquibancada pra a qualquer

momento
Ver emergir o monstro da lagoa

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me
esqueça.

Anexo 04:

Cadernos sorteados:



Aula 27 de Novembro

EEB Porto do Rio Tavares

8ª série 801

Professora: Nadia Nardi Martins

Estagiária: Mirelle Jorge Cunha

Data: 27/11 – quarta-feira/ Início: 10:30 / Duração: 1h/a (45min.)

Comentário:

Aula ministrada no dia 27 de Novembro, correspondente ao Plano de Aula 14.

Iniciei a aula recolhendo os exercícios sobre os Tipos de Sujeito que os alunos corrigiram. Em seguida perguntei se alguém tinha alguma dúvida sobre os conteúdos da prova. Eu e a Michelle esclarecemos algumas dúvidas e na sequência expliquei a atividade que iríamos realizar: a confecção de cartazes. Solicitei que os alunos formassem grupos e pegassem cartolinas em cima da minha mesa.

Assim que eles se organizaram escrevi a orientação da atividade no quadro: eles deveriam confeccionar cartazes com frases de ordem, de desejo (com verbos no imperativo), exprimindo quais suas vontades para o futuro.

Infelizmente não tivemos muito tempo para essa atividade que ficou sem conclusão, pois havíamos combinado com a Professora Nadia que cederíamos alguns minutos da aula para que ela e a Coordenadora da Escola pudessem comentar a finalização do estágio de docência. Ainda assim foi uma experiência rica, pois em grupo os alunos debateram sobre seus sonhos e desejos e também nos questionaram um pouco mais sobre o uso do modo imperativo dos verbos.

Em seguida ouvimos a fala da Professora Nadia e da Coordenadora da Escola e agradecemos a participação e o envolvimento de todos. Fomos presenteadas com lindas violetas, muitos abraços e um agradecimento especial dos alunos.

Sorteei o último presente que eu havia programado levar para os alunos: um *fanzine-caixa* que confeccionei especialmente para a turma, pois durante a realização da Oficina de *Fanzines*, nossa atividade extra-classe, comentei acerca da existência dessa versão da publicação e eles ficaram bastante curiosos.

Terminamos a aula com uma fotografia da turma e combinando os últimos detalhes para a saída de campo, programada para o dia seguinte.

Faltou tempo para aplicar a auto-avaliação e a avaliação das aulas que ministramos, como planejamos no Plano 14, assim, decidi retornar ao colégio para realizar essas atividades em outro momento.

Encerramento:



Saída Pedagógica

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora: Nadia Nardi Martins
Estagiárias: Mirelle Jorge Cunha e Michelle de Araújo
Data: 28/11 – quarta-feira/ Início: 08:00 - Término: 11:55 / Duração: 5h/a (225min.)

Objetivo:

Tendo em vista que este é o último ano dos nossos alunos no Ensino Fundamental decidimos proporcionar a eles um contato com a Universidade, a fim de incentivá-los a seguirem a carreira acadêmica e esclarecer algumas curiosidades sobre a UFSC.

Cronograma:

- Saída da Escola: 08:00h
- Chegada na UFSC: 08:30h
- Recepção aos alunos - passeio pelo Campi: visita à Reitoria, ao Centro de Eventos, ao lago, ao RU, ao Planetário e ao MArquE - Museu de Arqueologia da UFSC para visitar a exposição “Lendas Urbanas: entre boatos e verdades”.
- Visita à Biblioteca: 09:30h (sob a orientação da Yara Menegatti - Serviço de Recuperação da Informação)
- Lanche: 10:00h
- Palestra com a participação do Professor José Ernesto: 10:15h
- Encerramento: 11:15h

Observações - passeio pelo Campi:

A UFSC foi fundada em 1960, agregando as faculdades de Direito, Farmácia, Odontologia, Ciências Econômicas, Filosofia e Medicina, já existentes, e criando a Faculdade de Engenharia, com três cursos. Em 1961, o governo estadual doou à União os terrenos da Fazenda Modelo Assis Brasil, localizada junto à Paróquia da Santíssima Trindade.

O governo do Estado tinha planos de criar uma universidade no local e em 1956 foi feito um plano neste sentido; o “Plano Viário” começou a ser executado no ano seguinte, e o traçado do eixo viário principal mantido pela UFSC. Como a

universidade não possuía um corpo técnico com atribuições específicas, foi encomendado à Divisão de obras da UFRGS um novo plano, o “Projeto Piloto do Campus da Universidade de Santa Catarina”, de 1964, que deu diretrizes básicas de zoneamento e ocupação do solo, seguindo o traçado delimitado pelos eixos viários internos e pelos cursos naturais das águas (UFSC, 1998).

Os primeiros prédios foram o da Engenharia (atual Reitoria), o Pavilhão da Mecânica e o Prédio da Faculdade de Filosofia (Básico), projetados buscando simplicidade e economia nas obras (por isso, eram horizontais e de até dois andares). A estrutura do HU também começou a ser executada, junto a obras de infra-estrutura.

Foram contratados os serviços do paisagista Roberto Burle Marx, para desenvolver projeto paisagístico do campus, que foi apresentado em 1970 com elogios pela beleza e profundidade de detalhamento, inclusive indicando os espécimes de árvores e o local onde deveriam ser plantadas, todas nativas. O desenho partia de uma Praça Cívica inteiramente pavimentada, da qual, partiam caminhos sinuosos ligando os diversos setores da universidade. Anos depois, para resolver a circulação interna de veículos, a Praça da Cidadania foi cortada pela interligação dos eixos viários centrais do campus, hoje fechados com cancelas.

Mosaico da Reitoria: Foi feito pelo artista plástico Rodrigo de Haro, e resume a história das Américas por meio de relatos de viagens, crônicas pré-colombianas, lendas amazonenses, literatura colonial poemas de autores contemporâneos. Rodrigo de Haro se destacou no cenário artístico cultural estadual ainda na década de 1950, ligando-se ao Grupo Sul e ao GAPF - Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis.

Monumento às Vítimas do Descobrimento da América: Foi instalado em 1995 e representa a ruptura cultural ocorrida a partir do encontro entre ameríndios e europeus. Cerca de 80 trabalhos participaram do concurso para decidir qual seria a forma do monumento. Ivens Fontoura, Márcia Simões e Aurora Mendes foram as vencedoras com esse monumento feito em sucata de ferro oxidado e concreto recoberto por material cerâmico que possui imagens que remetem a símbolos de distintos momentos da história das populações da América. Acima do bloco uma caixa metálica representa o Sol.

Escultura do Lago - Boitatá: A Obra “Boitatá Incandescente” é uma escultura pública de grande porte em homenagem ao centenário do artista e historiador Catarinense Franklin Cascaes. A obra é do artista Laércio Luiz e representa o personagem folclórico Boitatá que na cultura açoriana representa os medos e as crendices do imaginário popular.

A escultura “Boitatá Incandescente” foi construída em estrutura metálica com 15 metros de altura. Parte da escultura foi produzida com a reciclagem de 6 vigas de ferro, retiradas na reforma da Ponte Hercílio Luz.

A Obra estabelece um vínculo entre passado e futuro. Essa ligação é retratada no uso da estrutura metálica da Ponte Hercílio Luz com a preocupação da reciclagem de materiais e com tecnologia inserida na obra de arte com a instalação de um LED no Olho do Boitatá e câmeras em sua cabeça conectadas a WEB da UFSC.

Planetário e Parque Viva a Ciência: O Planetário é um referencial da Astronomia em SC. Existe desde 1971 desenvolvendo atividades dirigidas ao ensino e a divulgação da Astronomia e ciências afins.

O Parque Viva a Ciência é uma obra multifuncional com diversos brinquedos científicos. Esse parque existe para articular pessoas e recursos para a criação de um Museu de Ciências Interativo aqui em Florianópolis.

Concha Acústica: Tem aproximadamente 70m² e destina-se a apresentações artísticas da UFSC da comunidade.

MARQUE - Museu: Esse é o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC. Ele é aberto à comunidade e nos oferece conhecimento sobre o nosso passado e nossa cultura catarinense, tão diversificada. Possui um importante acervo de Arqueologia Pré-Colonial e Histórica, e de Etnologia Indígena (etnologia é o estudo das características de qualquer etnia - agrupamento humano). Esse Museu é também guardião de mais de 2.700 peças (desenhos, manuscritos e esculturas) do artista Franklin Joaquim Cascaes, que foi um importante pesquisador da cultura açoriana, e também folclorista, ceramista, gravurista e escritor brasileiro.

Exposição “Lendas Urbanas: entre boatos e verdades”: Essa exposição foi criada pela turma da 6ª fase do Curso de Museologia da UFSC e trata das lendas que costumamos ouvir aqui na cidade. Essas lendas são textos fantásticos, como já estudamos em sala, materializadas nessa exposição.

Palestra:

Slides:

LÍNGUA PORTUGUESA: *a última flor do Lácio*

“ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO, INCULTA E BELA,
ES, A UM TEMPO, ESPLENDOR E
SEPULTURA:
OURO NATIVO, QUE NA GANGA IMPURA
A BRUTA MINA ENTRE OS CASCALHOS
VELA...”

AMO-TE ASSIM, DESCONHECIDA E OBSCURA.
TUBA DE ALTO CLANGOR, LIRA SINGELA,
QUE TENS O TROM E O SILVO DA PROCELÁ,
E O ARROLO DA SAUDADE E DA
TERNURA!...”

OLAVO BILAC

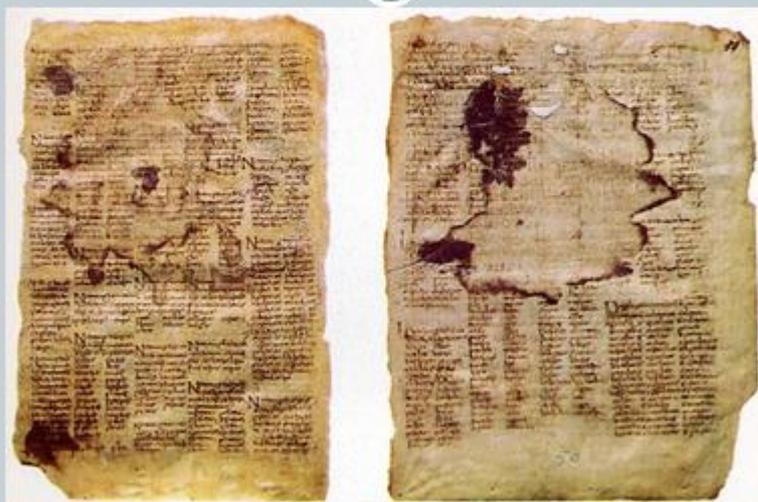
Origem da Língua Portuguesa



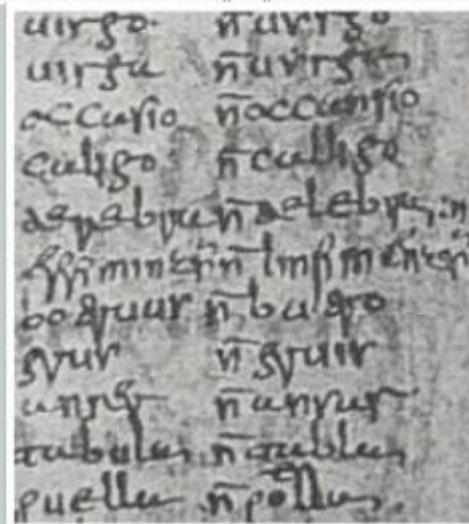
Expansão Romana



Appendix Probi



Appendix Probi



Appendix Probi

- *Speculum non speclum;*
 - *Vacua non vaqua;*
- *Cultellum non cuntellum;*
- *Aquaeductus non aquiductus;*
 - *Formica non furmica;*
 - *Bravius non brabeum.*

Curiosidades: Heranças latinas



Provérbios



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Provérbios

- ***Veni, vidi, vici***: "Vim, vi, venci": Frase dita pelo general romano Júlio César ao vencer a Batalha de Zela ;
- ***Acum in meta foeni quaerere***: Procurar agulha em palheiro;
- ***Amor caecus***: O amor é cego.

O plural do Português Brasileiro

Exemplos:

- mão → mano/ manos → mãos;
- leão → leone/ leones → leões;
- pão → pane/ panes → pães.

Fiat Lux!



Procurando Nemo



Curiosidades: Heranças latinas

- A palavra *plico*, em Latim significa 'dobrar'. A preposição *ex* tem o sentido de 'para fora'. Daí resultou nossa palavra EXPLICHO, portanto explicar é tirar as dobras, deixar liso, claro, para outra pessoa;
- No Latim casa chamava-se *domus*, e mantemos essa origem em algumas palavras → doméstico;
- As palavras pensar e pêndulo têm a mesma raiz: *pondus*, que significa pesar, por na balança;
- Bisavô: *bi* = duas vezes; avô (do latim *aviolu-*, diminutivo de *avus*) -> pai do avô ou da avó = "avô duas vezes".
- Suicida/ Genocida: *-cida* = que mata/ *sui-* si mesmo, si próprio/ *geno-* vem do grego génos = exprime sentido de nascimento, origem, gene.

Verbos no Latim X Verbos no Português

Pessoas Gramaticais	Raiz	Vogal Temática	Desinência Número-Pessoal
1ª pessoa do singular = ego	habit-	-	o
2ª pessoa do singular = tu	habit-	a	s
3ª pessoa do singular = ille/illi	habit-	a	t
1ª pessoa do plural = nos	habit-	a	mus
2ª pessoa do plural = uos	habit-	a	tis
3ª pessoa do plural = ille/illi	habit-	a	nt

Flor do Lácio inculta e bela?



Roteiro de apresentação da Palestra:

1. Última flor do Lácio?

Olavo Bilac escreveu uma poesia chamada “Língua Portuguesa” na qual se refere ao Português como a última língua derivada do Latim falado no Lácio, região italiana. Vamos explicar brevemente a origem da Língua Portuguesa e depois quero que vocês me digam por que o escritor chamou o Português de “inculto e belo”.

“Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

- * Ganga: Em trabalho de mineração, resíduo de minério não aproveitável numa jazida ou filão./ Soma de restos, de coisas não aproveitáveis num conjunto maior.
- * Clangor: Som forte e estridente de alguns instrumentos metálicos, como a trombeta.
- * Trom: o som do canhão.
- * Arrolo: o canto com que se adormenta a criança quando a embalam.

2. Origem da Língua Portuguesa:

A maior parte das línguas faladas hoje na Europa e nas Américas, assim como no Irã e na Índia, apresentam uma série de coincidências gramaticais e de vocabulário que se explicam por uma origem comum uma única e mesma língua falada numa época muito antiga, o indo-europeu.

Não temos registros dessa língua que já não existe mais. Até hoje não se pode determinar a sede do povo indo-europeu. O certo é que eram nômades. Levados pelo seu espírito aventureiro e impelidos pela falta de lugar devido a numerosa população, dispersaram-se em busca de novas terras.

Quando Roma assumiu a hegemonia tanto social como política, o dialeto romano do indo-europeu, o Latim, conseguiu alcançar a importância de língua mundial. O Latim é então a língua veicular da parte ocidental e o grego, da oriental.

À extraordinária expansão política e militar está ligado o desenvolvimento de uma cultura brilhante, inicialmente simples variedade local da civilização grega, depois, pouco a pouco, sempre mais original. Esta cultura greco-romana, junto com o cristianismo, é a base do que se convencionou a chamar a civilização ocidental.

Roma foi um dos mais vastos impérios de todos os tempos e com os povos submetidos a sua cultura o Latim foi se impondo como língua que exprimia uma cultura mais avançada e que abria melhores perspectivas de negócios e ascensão política e social.

A língua Portuguesa, assim como o Francês, o Espanhol, o Italiano entre outras línguas, teve origem no Latim. O Latim era a língua falada na região do Lácio, a região do entorno de Roma.

O Português originou-se do Latim, mas de um uso específico deste: o Latim vulgar, que era usado pelo povo, pelos trabalhadores, membros do exército e pessoas comuns. A elite, os governantes, os poetas e os filósofos utilizavam a variante que chamamos de Latim Clássico, que é a mesma que foi ensinada nas escolas até umas décadas atrás.

O Latim vulgar não é uma "versão" do Latim Clássico, ambas as línguas surgiram na mesma época. Essas duas línguas refletem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado uma sociedade fechada, conservadora e

aristocrática; de outro, a de uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos externos.

Desde a formação do Latim Clássico, as pessoas que se propunham a tarefa de escrever, por menor que fosse seu nível de instrução, procuram fazê-lo usando a variedade culta, que permaneceu como norma por vários séculos.

No final do primeiro milênio existia uma grande quantidade de dialetos de origem latina em uso, sendo que alguns deles se transformaram com o tempo em línguas nacionais. Vários fatores ocorreram para o aparecimento das línguas neo-latinas: o tempo, a política de dominação dos romanos, a vastíssima extensão geográfica do Império e sua fragmentação política e, principalmente, a relação dos dialetos com as línguas dos povos vizinhos e dos povos vencidos e conquistados.

A partir do século XVI, por motivos históricos e sociais, se marca a fixação do português padrão. O Latim foi a língua oficial de Portugal até 1296, quando foi substituído pelo português. Temos a publicação de *Os Lusíadas*, do escrito Luiz Vaz de Camões, em 1572 como marco histórico da fixação do uso do Português. Essa obra conta principalmente a descoberta do caminho marítimo pra Índia por Vasco da Gama, mas também descreve outros episódios da história de Portugal.

Antes da chegada dos portugueses no Brasil, estima-se que mais de 1500 línguas indígenas eram faladas por aqui. Logo os jesuítas passaram a ensinar o português para os nativos e com o tempo se desenvolveram duas línguas gerais no país, uma do norte e outra do sul. Essas línguas eram compilações das línguas indígenas com o português, usadas para facilitar as transações comerciais e o dia-a-dia no Brasil da época.

Em 1758 o Marques de Pombal proibiu o uso de qualquer outra língua que não fosse o português no país. A língua é uma das características principais de uma nação, e era isso que ele pretendia, fundar a sua nação em outras terras. Mas, a essa altura, o português falado no Brasil já estava diferente do falado em Portugal.

Nessa época, com o tráfico negreiro, diversos africanos também vieram pra cá, e com eles muitas outras línguas que passaram a conviver com a nossa. Logo depois da abolição da escravatura vieram também diversos imigrantes europeus em busca de trabalho, e nessa salada de idiomas a nossa língua continuou mudando, a caminho de ser a que conhecemos hoje.

A primeira gramática do português brasileiro foi escrita justamente para que o latim pudesse ser ensinado aos falantes dessa língua. Aprendemos as funções dos termos de outras línguas comparando-as com as funções dos termos da nossa língua, por exemplo, para aprender qual é o sujeito em uma frase em latim, precisamos saber qual é o sujeito no português e sua função. Assim, esses conhecimentos foram organizados e seguimos padrões de uso da língua estabelecidos pelas gramáticas.

Claro, as gramáticas atuais são bastante diferentes das gramáticas do Brasil colonial. Elas foram se transformando para acompanhar as mudanças que ocorreram na língua nos últimos tempos, mas ainda assim, como vocês já devem ter percebido, há um grande abismo entre o que falamos e o que está prescrito nas

gramáticas do Português. Isso acontece porque a língua muda muito rápido e nem todas as mudanças permanecem em uso. Imaginem se a cada gíria que passa a ser usada um novo dicionário tivesse que ser publicado! As reformas ortográficas organizadas pelo governo tentam dar conta dessas transformações, mas nem sempre conseguem. Na última, por exemplo, caiu o uso obrigatório do trema, acento que a maior parte da população já não utilizava mais.

Continuamos tendo nas gramáticas um guia da língua, especialmente para o uso escrito. Esse guia é importante para nos comunicarmos com as pessoas de todo o país, que usam a língua de formas específicas em cada região. É também um instrumento político importante, pois unifica os diversos falares do Brasil, pelas suas características comuns, reforçando a ideia de que somos uma nação por falarmos uma única língua.

Há também um lado social opressor na obrigatoriedade do uso formal da língua indicado pelas gramáticas: nascemos e aprendemos em casa nossa língua materna, o português brasileiro, mas aprendemos a modalidade informal da língua. À essa modalidade todos têm acesso. Já à modalidade formal, só tem acesso quem tem a oportunidade de frequentar a escola. Assim, a dicotomia entre uso formal e informal da língua ultrapassa os limites linguísticos e invade o nosso meio social: se a pessoa não domina a modalidade formal ela provavelmente será excluída e marginalizada pela nossa sociedade que admira o falar que chama “correto”, mas sabemos que chama apenas formal.

Essa dicotomia não é novidade na história da nossa língua. Como eu comentei com vocês havia também no Latim mais de uma forma de falar: o latim vulgar (que podemos comparar à nossa fala informal por ser usada pelos populares) e o latim clássico (que podemos comparar ao uso formal do português, encontrado nas duas épocas na literatura, no ambiente do governo, nas esferas do poder dominador).

Vamos observar agora um trecho de um documento muito antigo que prova essa dicotomia que acabei de comentar, o *appendix probi*.

3. Appendix Probi:

Appendix Probi é uma lista dos “erros” mais freqüentes na fala latina do século IV d.C. Não sabemos qual seu autor, mas esse texto foi encontrado em um palimpsesto do século VIII intitulado *Instituta artium* que estava na Biblioteca do Vaticano.

Esses “erros”, na verdade, eram representações da língua evoluindo, mudando por ser viva, sempre em mutação. Essa lista compara as formas do latim clássico com suas correlatas no latim vulgar. (Lembrar que o vulgar não é mera correspondência “errada” do clássico, mas que evoluiu ao seu lado durante o passar do tempo.)

Exemplos:

1. *Speculum non speclum;*
2. *Vacua non vaqua;*
3. *Cultellum non cuntellum;*
4. *Aquaeductus non aquiductus;*
5. *Formica non furmica;*
6. *Bravium non brabeum.*

4. Curiosidades: Herança latina

4.1. Provérbios:

- **Ars et scientia**: "Arte e conhecimento (ciência)" : lema da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC;
- **Veni, vidi, vici**: "Vim, vi, venci": Frase dita pelo general romano Júlio César ao vencer a Batalha de Zela ;
- **Acum in meta foeni quaerere**: Procurar agulha em palheiro;
- **Amor caecus** O amor é cego.

4.2. O plural do Português Brasileiro:

Em uma das aulas do estágio, quando a Prof. Michelle estava passando os slides sobre as 'Placas do Brasil', um dos alunos perguntou sobre o plural da palavra limão, pois esta estava escrita *limãos* na placa.

Se falamos mãos (de mão), por que não falamos *limãos* (de limão)?

Acontece que mantemos os plurais latinos de algumas palavras, observem:

- mão vem de mano, cujo plural latino é manos;
- leão vem de leone, cujo plural latino é leones; (o mesmo caso da palavra limão);
- pão vem de pane; cujo plural latino é panes.

Por isso falamos mãos, leões, limões e pães. Essas palavras, no singular, se fixaram todas em -ão, mas nos seus plurais podemos perceber sua origem vocabular.

4.3. Outras curiosidades:

- Tem uma marca de fósforos que chama-se FIAT LUX, o que significa em Latim, FAÇA-SE A LUZ;

- Procurando Nemo: alguém já assistiu esse filme? Pode me contar a história? *Nemo* em Latim significa 'ninguém'. Talvez esse filme não trate da busca do pai pelo filho, mas da busca do pai por si mesmo, pois no final da história, o pai do Nemo encontra não só o filho, como a felicidade;

- A palavra *plico*, em Latim significa 'dobrar'. A preposição *ex* tem o sentido de 'para fora'. Daí resultou nossa palavra EXPLICICO, portanto explicar é tirar as dobras, para fora!

- Vocês já pararam para pensar por que quando nos referimos a alguma coisa de casa falamos que é algo doméstico e não ‘casístico’? É porque no latim casa chamava-se *domus*, e mantemos essa origem em algumas palavras;

- As palavras pensar e pêndulo têm a mesma raiz: *pondus*, que significa pesar, por na balança;

- Bisavô: *bi* = duas vezes; avô (do latim *aviolu-*, diminutivo de *avus*) -> pai do avô ou da avó = “avô duas vezes”.

- Suicida/ Genocida: -cida = que mata/ *sui-* si mesmo, si próprio/ *geno-* vem do grego génos = exprime sentido de nascimento, origem, gene.

4.4. Verbos no Latim X Verbos no Português:

Vamos observar brevemente como um verbo regular era flexionado no presente do indicativo.

Pessoas Gramaticais	Raiz	Vogal Temática	Desinência Número-Pessoal
1ª pessoa do singular = ego	habit-	-	o
2ª pessoa do singular = tu	habit-	a	s
3ª pessoa do singular = ille/illi	habit-	a	t
1ª pessoa do plural = nos	habit-	a	mus
2ª pessoa do plural = uos	habit-	a	tis
3ª pessoa do plural = ille/illi	habit-	a	nt

Se retirarmos os ‘t’ temos praticamente a mesma forma de flexionar que nossos antepassados utilizavam a mais de mil anos atrás.

(As referências para a montagem desse texto foram as aulas e materiais disponibilizados pelos Professores de Língua Latina durante a graduação, principalmente a apostila *Legenda Roma*, elaborada pelos Professores José Ernesto de Vargas, Mauri Furlan e Zilma Gesser Nunes, sem publicação.)

Comentário:

A saída pedagógica foi um sucesso. Os alunos ficaram fascinados pela Universidade e bastante animados com a ideia de prestarem o concurso vestibular.

O passeio começou com quase uma hora de atraso, porque o ônibus que levaria os alunos só chegou à Escola às 08:30h. Já na UFSC a turma foi recepcionada pelo Professor José Ernesto de Vargas que os acolheu e comentou sobre a Universidade.

Em seguida fomos visitar a exposição no MARquE, pelo caminho fomos comentando sobre as obras de arte que encontrávamos e a estrutura da Universidade. A exposição “Lendas Urbanas: mitos ou verdades” estava fantástica,

todos adoraram. Não ficamos muito tempo apreciando a exposição, pois tínhamos hora marcada para visitar a Biblioteca.

Na sequencia seguimos para a B.U. com uma pausa no monumento do Boitotá para que explicássemos do que se tratava. Na Biblioteca fomos recepcionados pela bibliotecária Yara Menegatti, do Serviço de Recuperação da Informação. Ela dividiu a turma em duas, convidou outra bibliotecária para guiar um delas e partimos para o *tour*.

Os alunos ficaram muito interessados e empolgados com a ideia de usufruírem dos serviços da B.U. Dali fomos para o pátio do CCE - Centro de Comunicação e Expressão para fazermos um lanche, durante a caminhada chamamos atenção para o mosaico da Reitoria, feito pelo artista Rodrigo de Haro.

Durante o lanche aproveitamos para conversar um pouco mais com os alunos a respeito da Universidade. Em seguida fomos para uma das salas do CCE, onde realizamos a Palestra planejada.

Os alunos prestaram bastante atenção e se interessaram pelos conteúdos expostos, fizeram diversas perguntas, que respondemos com a ajuda do Professor José Ernesto. A saída foi planejada para durar até às 11:15h, mas como atrasamos bastante seu início, prolongamos esse horário até às 12h.

No final da Palestra o Professor José Ernesto nos presenteou com um discurso apaixonado sobre a UFSC e as diversas possibilidades que ela proporciona aos seus alunos e à comunidade.

Agradecemos a presença de todos e lembramos que a UFSC é de todos nós, mesmo dos que não estudam na graduação podem usufruir de sua estrutura e dos eventos que sedia.

Na saída fomos fotografadas com todos os alunos (participaram da atividade as duas oitavas séries do período matutino, turmas 801 e 804).

Aula 29 de Novembro

EEB Porto do Rio Tavares

8ª série 801

Professora: Nadia Nardi Martins

Estagiária: Mirelle Jorge Cunha

Data: 29/11 – sexta-feira/ Início: 10:30 / Duração: 2h/a (90min.)

Comentário:

Apesar de já termos finalizado oficialmente nosso estágio de docência ainda faltava aplicarmos o questionário de auto-avaliação e a avaliação das aulas que ministramos, conforme o Plano de Aula 14.

Nesse dia tínhamos a apresentação da nossa experiência de docência no II Simpósio “Formação de Professores e Práticas Pedagógicas” da UFSC (Anexo 01). Apresentamos nosso trabalho, a Michelle ficou no evento para o debate posterior às apresentações e eu fui à Escola aplicar as avaliações.

Cheguei na classe quando os alunos estavam realizando a avaliação bimestral (Anexo 02) que havíamos preparado. Expliquei que estava ali para aplicar as outras avaliações e que à medida que fossem terminando a avaliação bimestral eu iria passar distribuindo as cópias.

A atividade correu como o planejado. Agradei mais uma vez a participação de todos no nosso estágio, entreguei os últimos trabalhos que corrigi e ainda não havia entregado e me despedi da turma.

A atividade de auto-avaliação ficou com a Professora Nadia para que ela considerasse essa nota no momento de fechar a média dos alunos.

Foi muito gratificante ler as avaliações sobre as nossas aulas. Encontramos depoimentos como: “Gostei muito das professoras, achei muito legal o trabalho delas. Também gostei muito do passeio, queria muito que elas continuassem com a gente...”; “As aulas que elas deram para a gente foram muito bem explicadas, aprendi muitas coisas novas com elas. Eu seria muito grata se algum dia eu fosse aluna delas novamente.”; “Foram ótimas, pois as aulas foram ministradas de forma divertida e que todos podiam compreender e prestar atenção.”; “É muito bom termos conhecimento novos, com elas aprendi muito mais do que eu já sabia, uma experiência nova ter em nossa escola umas estagiárias tão legais e dedicadas como elas. Parabéns! Espero que vocês tenham gostado da gente como gostamos de vocês. Voltem sempre que quiserem.”; “Achei as aulas bem preparadas, ensinaram o conteúdo de uma maneira que todos pudessem aprender. Seja sorteando livros

para incentivar a leitura ou o fato de expressarem mais o que os jovens pensam. O conteúdo foi bem explicado, e as aulas eram sempre diferentes.”; “Gostei muito de vocês e também das crônicas e dos *fanzines*. Desejo sucesso a vocês e também muito dinheiro! Beijo, espero encontrar vocês de novo.”.

Ficamos muito satisfeitas com todos os comentários.

Anexo 01:

Apresentação no II Simpósio “Formação de Professores e Práticas Pedagógicas” da UFSC:



3) Complete as frases com a ou à: (0,1- 0,8)

- a) Vou escola e feira.
- b) Devolva ficha atendente.
- c) Mostre-nos calça que você ganhou.
- d) Peça desculpas supervisora e vá sala de aula.
- e) Você irá reunião de pais?
- f) Entregue prova professora.
- g) O rapaz disse namorada que voltaria tarde.
- h) turma deu uma rosa diretora.

4) **Complete** os espaços com a forma apropriada entre parênteses: (0,2-1,0)

- a) A aluna limitou-se a dizer: muito _____ . (obrigado-obrigada)
- b) Já são duas e _____. (meio-meia)
- c) No final do semestre estamos todos _____ ocupados. (bastante-bastantes)
- d) Os documentos seguem _____. (anexo-anexos).
- e) _____ salgados por encomenda. (vende-se – vendem-se)



5) Na imagem a seguir temos a seguinte frase “Proibido a entrada e permanência de ambulantes no condomínio”. **Responda:** (1,0)

- a) A frase está **adequada** ou **há erro** de concordância? Justifique.

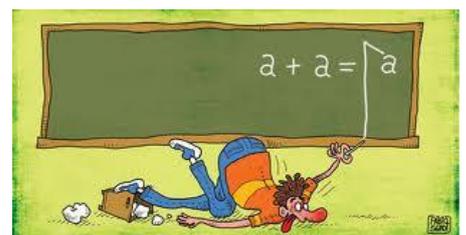
6) Leia atentamente a crônica e responda a questão a seguir: (1,5)

Uma experiência

Talvez seja uma das experiências humanas e animais mais importantes. A de pedir socorro e, por pura bondade e compreensão do outro, o socorro ser dado. Talvez valha a pena ter nascido para que um dia mudamente se implore e mudamente se receba. Eu já pedi socorro. E não me foi negado.

Senti-me então como se eu fosse um tigre perigoso com uma flecha cravada na carne, e que

estivesse rondando devagar as pessoas medrosas para descobrir quem lhe tiraria a



dor. E então uma pessoa tivesse sentido que um tigre ferido é apenas tão perigoso como uma criança. E aproximando-se da fera, sem medo de tocá-la, tivesse arrancado com cuidado a flecha fincada.

E o tigre? Não, certas coisas nem pessoas nem animais podem agradecer. Então eu, o tigre, dei umas voltas vagarosas em frente à pessoa, hesitei, lambi uma das patas e depois, como não é a palavra o que tem importância, afastei-me silenciosamente.

(Texto de Clarice Lispector, publicado no livro *De Amor e De Amizade - Crônicas para jovens*, da editora Rocco)

Cite **três características** do Gênero Crônica e **comprove-as** com exemplos do texto *Uma experiência*:

1. _____
2. _____
3. _____

7) Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (1ª: eu/nós; 2ª: tu/vós; 3ª: ele[a]/eles[as]), tempo (passado, presente, futuro...), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo) e voz (ativa, passiva). **Explique qual é a regra geral da concordância verbal e cite um exemplo** para comprovar sua resposta. (1,0)

8) Observe a frase e responda as questões a seguir: (0,2-1,0)

“Não, certas coisas nem pessoas nem animais podem agradecer.”

- a) qual é o **verbo** da frase acima? _____
- b) qual é o **sujeito** da frase? _____
- c) esse sujeito é composto por um ou mais **núcleos**? _____
- d) qual é o **tipo** desse **sujeito**? Simples, composto, oculto, indeterminado ou não há sujeito na frase? _____
- e) essa frase obedece à regra geral da concordância verbal? Por que? _____

9) Analise as frases abaixo e **explique** se há ou não concordância verbal em cada uma delas: (0,25-0,5)

- a) *“Desliga a TV e vai pra rua!”*

b) Mariana e seus irmãos saiu para jogar bola no parque.

10) Complete as frases a seguir considerando o fenômeno da concordância verbal. Lembre-se que para identificarmos a ocorrência da concordância verbal é necessário conhecer qual o verbo e qual o sujeito da frase. (0,125 -1,0)

- a) A multidão _____ o campo. (invadir)
b) Os Estados Unidos _____ um país capitalista. (ser)
c) A turma _____ do passeio de ontem. (gostar)
d) As férias _____ um período de descanso. (ser)
e) Férias _____ tempo de festa! (ser)
f) _____ meio-dia no relógio da Matriz. (bater)
g) _____ doze horas no relógio da Matriz. (bater)
h) O relógio da Matriz _____ doze horas. (bater)

Se você já terminou a avaliação e seus colegas ainda estão envolvidos na atividade, aproveite para conhecer mais essa crônica divertida do Luis Fernando Veríssimo!

A Barata

Veio o *maître*, chamado pelo garçom, e perguntou:

- Algum problema, cavalheiro?

- Problema, não. Barata.

- Pois não?

- Olhe.

O *maître* olhou e viu a barata no meio da salada.

- Sim...

- "Sim" diz você. Eu digo não. Pedi uma salada *niçoise* que, até onde eu sei, não leva barata.

- Por favor, fique calmo.

- Eu estou calmo.

- Vamos trocar por outra salada.

- Eu não quero outra salada. Quero uma satisfação.

- Foi um acidente.

- "Acidente" diz você. Eu digo: não sei não. Acidente seria se uma barata perdida, separada da sua turma, entrasse na cozinha por engano e pousasse na minha

salada. Mas não foi isso que aconteceu. Para começar, esta barata está morta. Não duvido que o tempero da salada esteja de matar, duvido que tenha sido o causador da morte da barata. Obviamente, a barata já estava morta antes de cair na salada. Não há sinais de violência em seu corpo, logo ela deve ter sido vítima de agentes químicos, usados numa matança generalizada de baratas e outros bichos dentro da sua cozinha. É impossível precisar quando isso se deu. Só uma autópsia da barata revelaria a hora exata da morte. A dedetização da cozinha pode estar ainda afetando os alimentos, não só adornando-os com insetos mortos como temperando-os com veneno indivisível. Se isso for verdade, quero uma satisfação. Sou um cidadão. Conheço meus direitos. Isso é uma democracia.

- Vou chamar o gerente.

Veio o gerente, chamado pelo *maître*, e disse que sim, a cozinha tinha sido dedetizada, mas um mês antes. Fora fechada para a operação. Não havia perigo de intoxicação dos alimentos, nem indício de que a barata na salada fosse resultado de uma dedetização recente.

- Então - sugeriu o cliente - ela demorou a morrer. Cambaleou, agonizante, pela cozinha durante um mês, até enxergar minha salada *niçoise* e escolher esta alface como sua mortalha. Eu vou botar a boca no mundo! Onde é que estamos?!

O gerente telefonou para o dono do restaurante que dali a pouco entrou pela porta pedindo desculpas e considerações. A dedetização da cozinha fora ordenada pela Secretaria Municipal de Saúde. Para confirmar isto, o dono do restaurante tinha trazido o secretário municipal de saúde, que disse ter agido seguindo diretrizes do Ministério da Saúde. O ministro da Saúde foi convocado e, na chegada ao restaurante, se responsabilizou por tudo. Menos pela barata. A barata na salada não podia, cronologicamente, ser uma decorrência da dedetização. A não ser que alguém da cozinha a tivesse guardado, conservando no gelo e esperado a ocasião para...

O cliente interrompeu a especulação do ministro com um tapa na mesa e perguntou quem era seu superior. O ministro suspirou e tirou seu telefone celular do bolso para convocar o presidente da República, que chegou em menos de meia hora, vestido a rigor. Deixara uma recepção no palácio para atender ao chamado.

- O que foi? - perguntou o presidente.

- Olhe.

- O presidente olhou e viu a barata. Disse:

- E daí?

- A responsabilidade é sua.

O presidente concordou com a cabeça. Perguntou o que o outro queria.

- Uma satisfação.

O presidente pediu desculpas. O homem não aceitou. O presidente ofereceu uma indenização. O homem não quis. Chamaram o ministro do Exército.

O general chegou e perguntou, como o *maître*:

- Algum problema, cavalheiro?

O homem apontou para a salada. O general olhou, disse "Oba, uma azeitona!", pegou a barata e engoliu. Depois o homem foi preso e processado por fazer acusações falsas ao restaurante. Era uma democracia até certo ponto.

2.9. Recursos

Lousa branca; pincéis para lousa branca; aparelho de data-show; aparelho de som; cartolinas; fotocópias; canetinhas e lápis de cor; fita adesiva dupla-face; máquina fotográfica; acesso à internet.

2.10. Avaliação

Compreendemos que a avaliação não é um fim, mas um meio para identificarmos se os objetivos planejados estão sendo alcançados ou não. Nessa perspectiva, o trabalho de avaliar é constante e contínuo e possibilita que nos planejemos de acordo com as deficiências e sucessos de aprendizagem que identificaremos durante a nossa docência.

Pretendemos avaliar os alunos de acordo com suas atitudes; seus modos de pensar e agir; os seus hábitos de trabalho; pela colaboração com as Professoras durante as aulas; pela cooperação com os colegas e pelo interesse, compreensão e aplicação dos conteúdos.

Acreditamos que a avaliação é mais um exercício de aprendizagem, e não uma mera prestação de contas de conteúdos assimilados.

Ao final do estágio aplicaremos, ainda, uma auto-avaliação guiada e uma avaliação livre das aulas que ministraremos, porque desejamos que os alunos sintam-se parte do processo de ensino e aprendizagem do qual participam.

3. Ensaaios

3.1. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE ESTÁGIO COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO DOCENTE

Michelle de Araujo¹

“O valor da escola e do professor é algo diretamente ligado à cultura e às prioridades de uma sociedade” (VESENTINI, p.236)

No início era só uma estudante, com muitas leituras e teorias impressas em seu cognitivo. Leituras e mais leituras ao longo do curso. Ao deparar-me com tantos teóricos, aos poucos fui percebendo e identificando aqueles que futuramente, iriam dialogar em meus trabalhos e pesquisas. Tinha como ponto de partida alguns nomes que, com certeza levaria para a sala de aula: Mikhail Bakhtin², Paulo Freire³, Irandé Antunes⁴, João Wanderley Geraldi⁵, bem como os PCN'S⁶. Mas, era chegada a

¹ Acadêmica da oitava fase do curso de Letras Português e Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina. Formada no curso de Magistério pela instituição EEB Aníbal Nunes Pires e Pedagogia pela Uniasselvi.

² Foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e as artes. Bakhtin foi um verdadeiro pesquisador da linguagem humana, Seus escritos, em uma variedade de assuntos, inspiraram trabalhos de estudiosos em um número de diferentes tradições (o marxismo , a semiótica , estruturalismo , a crítica religiosa) e em disciplinas tão diversas como a crítica literária, história, filosofia, antropologia e psicologia.

³ Paulo Freire é considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência política.

⁴ É uma linguista brasileira com doutorado em Linguística pela Universidade de Lisboa, com tese intitulada "Aspectos da coesão do texto - uma análise em editoriais jornalísticos", e mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco.

⁵ Formado em letras e direito, mestre e doutor em linguística, é professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp. Orienta dissertações de mestrado e teses de doutorado nas áreas de análise do discurso e ensino de língua materna. É autor de obras como *Linguagem e ensino - exercício de militância e divulgação*, Campinas, Mercado de Letras, 1996; *Portos de passagem*, São Paulo, Martins Fontes, 2002; e organizador da coletânea *O texto na sala de aula*, São Paulo, Ática,

hora, o campo de estágio já estava definido: EEB Porto do Rio Tavares, com uma turma de 8ª série (currículo antigo). Dupla formada, dia do início marcado e meu ser já era tomado de tantas perguntas...

Uma das questões que me interpelavam, era: será que a turma vai aceitar-me de tal forma que eu consiga lecionar para eles? Preocupação... Bom, primeiramente a dupla de estagiárias tinha a missão de observar algumas aulas da professora de Língua Portuguesa. Conforme aprendido no curso, é no momento de observar que registramos as principais características do grupo, bem como eles se organizam, como se portam mediante a disciplina, e também como é a relação entre professor-aluno no dia a dia.

Com o passar dos dias, os questionamentos iam aumentando demasiadamente. Será que os conteúdos selecionados pela professora para que nós fizéssemos os nossos planos eram de acordo com o que eles estavam estudando, ou seja, será que eles tinham a base para aprender novos conceitos?

Os conteúdos a serem passados aos alunos eram: crase, concordância verbal e nominal, bem como pano de fundo para essa gramática o gênero textual “crônica”. Diante de uma gama de tipos de crônicas, escolhemos as crônicas humorísticas como um texto mais de acordo com a realidade dos alunos já conhecidos.

E outras dúvidas iam surgindo ao longo dos dias de observação. Como será que será a nossa docência em sala? Pois, o (a) professor (a) titular da escola, muitas vezes, pode não se sentir à vontade com a presença do estagiário e a turma não compreender o porquê do mesmo só comparecer uma vez por semana, como se o aluno/professor fosse uma “visita” na sala de aula.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais o:

[...] estágio supervisionado constitui um processo de transição profissional, que procura ligar duas lógicas “Educação e trabalho”, e que proporciona ao estudante a oportunidade de demonstrar conhecimentos e habilidades adquiridas e também treinar as competências que já detém sob supervisão de um profissional da área. (PCN, 2002, p.27).

Nesta perspectiva pode-se entender a prática de ensino como eixo articulador entre academia e escola, como possibilidade privilegiada de efetivação teoria e

1997; com Rodolfo Ilari, publicou *Semântica*, São Paulo, Editora Ática, 1998; com Beatriz Citelli, *Aprender e ensinar com textos de alunos*, São Paulo, Cortez Editora, 1997.

⁶ Constituem um referencial de qualidade para a educação do Ensino Fundamental em todo o país. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual.

prática, integrando as realidades sociais, econômicas e culturais com os conteúdos do curso, por meio de projetos. Para a Escola o estágio não deve ser:

[...] ser compreendido como ação de terminalidade do curso, mas incorporado ao processo de formação do aluno e encarado com atividade curricular capaz de estimular a reflexão crítica e a criatividade, a construção do conhecimento sobre a realidade social e a sensibilização dos estudantes para o atendimento das necessidades sociais a partir do respeito aos valores éticos que devem orientar a prática profissional. Trata-se, portanto, de uma espécie de “mergulho” na realidade, com vistas a analisá-la, compreendê-la e, a partir desse caminho, planejar o modo de interferir nos diferentes espaços sociais, mediado pelo saber produzido no ambiente acadêmico” (ESEBA/UFU. www.eseba.ufu.br).

Neste processo as dúvidas, anseios e questionamentos vão aumentando cada vez mais. Será que estamos efetivamente “prontas” para dar aula de Língua Portuguesa? E o planejamento? Conseguiremos seguir à risca tudo o que planejamos e pesquisamos para com os alunos?

O dia a dia foi nos deixando um pouco mais seguras, pois a primeira questão já havia sido resolvida: a turma nos aceitara muito bem. Percebíamos que nossa presença em sala tinha uma abertura tanto da professora, quanto dos queridos educandos.

Com isso, as observações foram chegando ao fim, e antes mesmo de entrarmos em sala, já tínhamos um grande desafio: passar uma manhã toda com os alunos com um projeto extra-classe. Neste projeto, contemplamos a produção artística e livre dos alunos através dos *Fanzines*⁷. Assim, além de criarmos um vínculo como os educandos, também nos foi possível, observar as preferências de cada um, suas singularidades e saber como estava a motivação para a produção de textos na escola.

Estas vivências propiciaram-nos reflexões e indicaram um caminho: pesquisar. FREIRE (2004) diz que “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro”. Dessa forma fechamos o projeto, certos de que necessitávamos ainda de muita pesquisa para preparar os nossos engenhosos planos de aula.

A cada plano de aula pronto, era uma dúvida que surgia. Será que conseguiríamos contemplar aqueles planos com excelência? E os alunos?

⁷ É uma abreviação de fanatic magazine, mais propriamente da aglutinação da última sílaba da palavra magazine (revista) com a sílaba inicial de fanatic. Fanzine é portanto, uma revista editada por um fan (fã, em português). Trata-se de uma publicação despreziosa, eventualmente sofisticada no aspecto gráfico, dependendo do poder econômico do respectivo editor (faneditor). Engloba todo o tipo de temas, assumindo usualmente, mas não necessariamente, uma determinada postura política, com especial incidência em histórias em quadrinhos (banda desenhada), ficção científica, poesia, música, feminismo, vegetarianismo, veganismo, cinema, jogos de computador e Vídeo-games, em padrões experimentais.

Aceitariam bem as leituras em sala das crônicas? Participariam dos exercícios propostos com envolvimento? Dúvidas!

Mas a oficina dos fanzines já havia sido uma pequena amostra. Ao menos no extra-classe eles haviam se envolvido muito, participaram e até nos surpreenderam com tamanha criatividade!

E finalmente chegou o grande dia em que eu entraria em sala! Levei o jornal local, pois a proposta era que eles identificassem em que suporte veiculavam as crônicas. Li naquela manhã a crônica e achei-a muito interessante, pois ela fazia uma crítica social.

E realmente foi tudo como planejado. Os alunos foram muito receptivos a tudo, questionaram e participaram a todo o momento. Em alguns instantes, percebia que eles conversavam, até mesmo para testar como eu me saía naquelas situações.

Entretanto creio que fui feliz com minha estratégia. A todo tempo, circulava entre eles, chamando a atenção para o que estava acontecendo, ou sendo falado em sala. Pedia a participação deles, solicitando leituras e falas de alguns alunos.

Assim, os dias foram passando, e minhas dúvidas e perguntas foram sendo respondidas: não há uma fórmula, não há um planejamento rígido, em que tudo sai perfeito. Na verdade, a perfeição está ali...na aula que é viva! Que acontece como tal. Os alunos são os personagens principais e o professor o co-adjuvante. O aluno conduz não apenas aquele plano do dia, mas, propicia ideias para as próximas aulas que estão por vir.

Gosto de pensar que todas as teorias que estudei ao longo do curso, foram sem dúvidas, essenciais para uma diretriz em minha prática. Com elas tive um *norte*, sabendo exatamente para onde seguir. E os alunos foram essa estrada, o fio condutor, em que eu, excepcionalmente fui feliz por percorrer.

Se a prática de estágio, realmente é este momento, em que nos perguntamos “será que quero mesmo dar aula? Será que tenho vocação? Vou conseguir ser uma boa professora?”; tive a certeza que sim! Pois a prática me ensinou a não apenas expor os conteúdos aos alunos, mas, dialogar e ouvir o que eles têm, ou sabem sobre determinado assunto. É uma eterna troca de saberes, em que eles aprendem algo de novo, assimilando e acomodando esses novos conhecimentos, e o educador vivência com os o alunos momentos que a academia não ensina...

Freire(1996) já citava em seus estudos que o professor ao ensinar ao aluno aprende, e o aluno ao aprender ensina, e é neste processo que ambos vão tecendo um processo chamado *ensino-aprendizagem*. Note que o **hífen** que junta as palavras, dão a ideia de transição, em que um, transita para o outro, num interminável processo. Interminável sim, pois a educação não é acabada, e sim constante!

Faz-se necessário destacar que além da prática ter respondido todos os meus anseios, ensinou-me algo que quero levar até o final de minha docência: **o saber avaliar!**

A avaliação é processual, pois o educador não avalia determinado aluno apenas em um momento. O educador deve avaliá-lo ao longo do processo, levando em consideração tudo o que o aluno fez ou não dentro do contexto escolar.

E neste processo de avaliação é fundamental que o professor também avalie a sua práxis, refletindo sobre a sua ação.

Na avaliação inclusiva, democrática e amorosa não há exclusão, mas sim Diagnóstico e construção. Não há submissão, mas sim liberdade. Não há Medo, mas sim espontaneidade e busca. Não há chegada definitiva, mas. Sim Travessia permanente em busca do melhor. Sempre!

Luckesi

CONCLUSÃO

Finalizo minha prática na certeza de ter feito a escolha certa! Sabendo que irei sim, abdicar muitos finais de semana, corrigindo provas e trabalhos, repensando e planejando. Pesquisando...na busca da melhor aula, mesmo que ela não saia como previsto! O importante é que sei, que aquela sensação que sinto a cada vez que estou em sala de aula tem um nome: prazer!

3.2. DO DESEJO AO ENSEJO

A prática do estágio de docência como oportunidade.

Mirelle Jorge Cunha¹

*“Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é
ainda vai nos levar além.” Paulo Lemiski*

Dediquei os últimos anos da minha vida a um sonho que tive quando criança: tornar-me Professora. Eis que no dia 30 de Outubro deste ano deparei-me com a sua realização: lá estava eu, diante de 31 alunos que me fitavam com olhos de curiosidade e interesse, brilhantes e ansiosos, prestes a absorver qualquer informação que eu me dispusesse a lhes oferecer. Quase paralisei. Meu coração acelerou e as palavras, quase ensaiadas, saíram gaguejadas.

Era a realização de um sonho, mas o meu nervosismo se deu pela tomada de consciência da minha posição de poder diante daqueles alunos. No seu ensaio *Aula*, Roland Barthes nos alerta que o poder, por ser plural, está presente “até mesmo nos impulsos libertadores que tentam contestá-lo”, assim, para que o ensino seja livre, é “necessário indagar-se sob que condições e segundo que operações o discurso pode despojar-se de todo o desejo de agarrar”. (BARTHES: 12) Essas palavras ecoavam na minha cabeça e por mais que eu estivesse segura da minha opção em tornar-me Professora, assustei-me com a responsabilidade que essa escolha requeria.

Não que eu fora desprevenida para essa missão, escolhi o lugar social de Professora de Português justamente por querer assumir responsabilidades no âmbito da transformação do nosso contexto social.

Durante a graduação aprendi que nenhum enunciado pode ser neutro, por estar sempre inscrito no interior de algumas formações discursivas, ou seja, estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo. O que me assustou, portanto, foi a constatação dessa afirmação na prática docente e a preocupação em repassar conhecimentos de uma forma que instrumentalizasse os alunos frente às faces do poder e não de uma forma que os oprimisse ou excluísse de alguma maneira.

¹ Acadêmica da oitava fase do curso de Letras Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

Todo sujeito está fadado a significar, afirma Orlandi, em *Autoria e Interpretação*: “a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas. Disso resulta a impressão do sentido único e verdadeiro.” (ORLANDI: 65)

A autora explica que por efeito da ideologia, a interpretação se nega como tal, ao mesmo tempo em que ela se dá. Ao falar, o sujeito está interpretando, mas atribuindo sentido às palavras de acordo com opções específicas, sem perceber isso, como se os sentidos estivessem apenas nas palavras, ignorando suas condições de produção e conseqüentemente apagando o modo pelo qual a exterioridade o constitui. Ignorar esse processo é interpretar o mundo hermeticamente, excluindo outros pontos de vista, outras culturas e outros horizontes axiológicos.

Observei a turma 801 em 14 aulas antes de começar minha docência, ainda assim não pude depreender quais as possíveis interpretações que os alunos poderiam ter sobre o meu discurso em sala de aula. O ideal seria que eu conhecesse e entendesse os mecanismos de aprendizagem e interpretação dos meus alunos para poder direcionar o conteúdo de maneira mais eficiente, de acordo com as necessidades de cada um, seus contextos sociais e níveis de desenvolvimento. Esse ideal é inalcançável no contexto do estágio.

Minha primeira aula seguiu conforme meu planejamento, mas saí da classe com a certeza de ter encontrado a minha Porta Negra² e que naquele momento era preciso decidir-me entre transpassá-la ou ir em direção ao pelotão de fuzilamento. Refleti durante todo o dia. No dia seguinte eu iria para minha segunda aula e não queria carregar tudo o que senti durante a primeira para essa trajetória. Lembrei-me de um texto de Abramovich que questiona a tradição do ensino escolar e sugere que é urgente uma ruptura com o antigo para que floresça o novo, de acordo com a autora “Pode-se viver em temor. E fazer dele uma conquista, ao compreendê-lo. E uma vitória ao enfrentá-lo”. (ABRAMOVICH: 94)

² Texto *A Porta Negra*, trabalhado na disciplina de Metodologia do Ensino do Português - MEN7000 no semestre 2013.1, de autor desconhecido: *Há algumas gerações atrás, durante uma das mais turbulentas guerras no Oriente Médio, um general persa capturou um espião e o condenou à morte.*

O general, um homem de grande inteligência e compaixão havia adotado um estranho costume em tais casos. Ele permitia ao condenado que escolhesse. O prisioneiro podia enfrentar um pelotão de fuzilamento, ou podia atravessar a “porta negra”.

Um pouco antes da execução, o general ordenava que trouxessem o espião à sua presença para uma breve e final entrevista, sendo seu principal objetivo saber qual seria sua resposta: o pelotão de fuzilamento ou a “porta negra”.

Esta não era uma decisão fácil e o prisioneiro vacilava e preferia invariavelmente o pelotão ao desconhecido e aos espantosos horrores que poderiam estar por detrás da tenebrosa e misteriosa “porta negra”. Momentos após se escutava o rajar das balas que davam cumprimento à sentença.

O general, com os olhos fixos em suas bem polidas, botas voltava-se para o seu ajudante de ordens e dizia:

- “Eis ali o que é o homem, prefere o mal conhecido ao desconhecido. É uma característica dos humanos temerem o incerto. Você vê, eu disse a ele para escolher”.

- Afinal, o que existe atrás da “porta negra”? - perguntou seu ajudante de ordens.

- A “liberdade” - respondeu o general – “e poucos têm sido os homens que tiveram o valor de decidir-se por ela”.

Ao refletir compreendi que meu temor é oriundo da minha experiência escolar que fora podadora e castradora da minha criatividade, individualidade e liberdade de expressão. A escola fora pra mim um ambiente de domesticação e não de instrumentalização para que eu pudesse ser aceita na vida social de minha cidade. Essa postura opressora da escola não é traço exclusivo da mesma, pois esta reflete toda a sociedade na qual se insere, portanto, enfrentar esse mal-estar não se resumiria apenas ao meu posicionamento diante da instituição escolar, mas à sociedade como um todo.

Há ainda outra autora que me auxiliou nesse processo, Irandé Antunes, linguista brasileira, que afirma ser necessário à prática docente tanto engajamento quanto “tempo para estudo e reflexão; (...) inserir-se em projetos de pesquisa; ter acesso à uma biblioteca especializada; oportunidade de participar de cursos de atualização e estar em sincronia com as mais novas orientações e propostas da área da linguagem”. (ANTUNES: 171)

Conclui, então, que dispunha do necessário para transpor esse obstáculo e que apesar do fato da língua sempre que proferida estar a serviço do poder eu poderia não me submeter a ele (ou não sucumbir ao “desejo de agarrá-lo”, como afirmou Barthes), mas poderia, através de uma postura crítica, indagando as formulações ideológicas que me foram impostas, tentar construir algo diferente do que eu vivi para os meus alunos.

Destarte, decidi por “renovar o homem usando borboletas”, como escreveu o poeta Manoel de Barros:

*A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 06 horas da tarde, que vai lá fora,
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.*

Nesse poema podemos notar o desejo pela ruptura com a tradição conservadora, que domestica e aprisiona. Também não quero “ver a uva”, como vi e revi em diversas cartilhas de alfabetização, nem trabalhar mecanicamente em nenhuma área da minha vida, quero a reflexão, não a repetição, quero o novo ainda que aterrador e mais que desejar sinto que é necessário fazê-lo. Afinal, a mudança que almejo não é individual, mas coletiva, e esse foi o motivo primeiro que me trouxe ao curso de Letras.

Superado o susto inicial, busquei auxílio na bibliografia que conheci durante a graduação a fim de transcender a tradição da cultura escolar e ao mesmo tempo tornar-me exemplo para os meus alunos, não para que imitassem minhas atitudes,

mas para suscitar neles o mesmo desejo radical de transformação social que me trouxe até esse momento.

A experiência da prática de docência foi extremamente rica: além de testar a aplicação dos caminhos que mais me seduziram durante a graduação, as teorias dos autores que se tornaram meus preferidos, como Mikhail Bakhtin, Paulo Freire, Roland Barthes, Irandé Antunes, entre outros; pude testar a mim mesma, meus objetivos de vida e minha postura diante deles.

Desejei ensinar Português de uma maneira diferente da qual aprendi e acredito ter obtido sucesso: ao invés de partir da metalinguística para a leitura do mundo, como apregoa a tradição escolar; decidi partir da leitura individual de mundo dos meus alunos, passar pela metalinguística, e incitar a reflexão, visando o aprendizado da língua materna como algo que deveria ser trabalhado em si e não mais como objetivo da minha prática de docência.

Esse processo requereu tempo para pesquisa e reflexão e transformou minha vontade de ser Professora em uma certeza.

Pude confirmar com essa experiência, que é possível outra realização das aulas de português, embasada nos autores que citei, senti-me segura para arriscar o novo e pude observar os resultados ainda durante o estágio, através das falas e atividades dos meus alunos.

O estágio foi um “ensaio-geral” para o grande dia em que assumirei minha própria turma, pois criou para mim situações semelhantes às que irei encontrar no exercício da profissão. Digo semelhantes porque não irei contar com a supervisão de uma orientadora, com o apoio de uma Professora experiente e com o auxílio de outra Professora - a minha dupla no estágio; quando estiver efetivamente trabalhando em uma escola na posição de Professora.

Durante o estágio preparei-me para ensinar e me dispus a aprender com meus alunos; essa troca realmente aconteceu, juntos descobrimos e produzimos conhecimentos, pautando-nos em uma relação horizontal de comutação dos saberes, com humildade e respeito, ao contrário do que ocorreria se eu tivesse tomado uma posição vertical, diminuindo o papel dos alunos nesse processo e potencialmente abusando do poder que me foi legado por lecionar.

O estágio foi um espaço de testes e pude conferir nesse momento do tempo que a educação linguística é realmente a instrução que irá fornecer as ferramentas para que os alunos possam se posicionar criticamente diante das faces do poder.

Querer ser exatamente aquilo que pretendi ser durante toda a minha vida - Professora - certamente me levou além: trouxe-me a segurança da certeza que mesmo na máxima expressão do poder que é a língua reside a possibilidade da mudança, mãe das liberdades.

*“O futuro tem muitos nomes... Para os fracos, é o inatingível.
Para os temerosos, o desconhecido. Para os valentes, é a oportunidade”.*

Victor Hugo

4. Conclusão

Através da prática de docência experimentada durante o Estágio Supervisionado I pudemos colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante a graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literatura, assim como experimentar as teorias de ensino e aprendizagem com as quais mais nos identificamos nesse percurso.

Concordamos que a experiência foi extremamente satisfatória, tendo em vista que alcançamos os objetivos propostos. Descobrimos que as teorias que nos envolveram durante a graduação são eficazes e geram justamente os resultados que sonhávamos encontrar.

Superamos o desafio de transpor os conhecimentos que adquirimos durante a o curso de Letras, pois durante a graduação tínhamos além da vontade de seguir os teóricos pelos quais nos apaixonamos, um certo receio de como faríamos da teoria, prática.

Acreditamos termos ampliado as competências dos alunos para o uso irrestrito da língua, em circunstâncias de oralidade, de leitura e de escrita, através dos estudos sobre o gênero crônica, e pontuando os conteúdos de concordâncias verbal e nominal, e crase.

Procuramos desmistificar, através da caracterização de uso formal informal da fala e da escrita, a compreensão da língua como algo uniforme, passível de “erros” e “acertos”, propiciando a compreensão de que a língua – objeto de estudo – é a mesma que eles utilizam em seu meio social.

Trabalhamos da melhor forma que pudemos fazer, ora com afinco e pesquisa, ora ponderando o imponderável ao imaginar as reações dos alunos e da Escola frente às nossas proposições.

Mais que uma etapa cumprida rumo à conclusão do curso de Letras, vivemos através deste estágio a experimentação de uma realidade que só conhecíamos através da teoria: o ensino inovador da Língua Portuguesa como espaço da transformação social.

É com muita satisfação que nos despedimos dessa aventura, nos sentindo mais seguras e experientes para concretizar o antigo sonho de lecionar.

5. Referências gerais

- ABRAMOVICH, Fanny. **O professor não duvida! Duvida?** São Paulo: Summus, 1990.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação.** Editora Parábola.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico – o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BARCELLOS, Gládis M. F.; NEVES, Iara C. B. **A Hora do Conto: da fantasia ao prazer de ler: subsídios a sua reatização em Bibliotecas Públicas e Escolares.** Porto Alegre, RS: Editora Sagra- DC Luzzatto, 1995.
- BARTHES, Roland. **Aula.** São Paulo, SP: Editora Pensamento.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 36 ed., SP: Companhia Editora Nacional, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** 3ª ed., São Paulo, SP: Editora Cortez, 1983.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** 31ª ed., São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 1996.
- INFANTE, Ulisses. NICOLA, José de. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa.** Scipione: São Paulo, 1998.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** S. Paulo: Cortez, 1999.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs), texto processado, http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf [cópia sem data].
- PILETTI, Claudino. **Didática Geral.** 7ª ed., São Paulo, SP: Editora Ática, 1986.

6. Projeto Extraclasse

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

PROJETO EXTRACLASSE:

O Fanzine como instrumento de comunicação e expressão no âmbito escolar

Florianópolis
Setembro 2013

1. Introdução:

Este projeto visa contemplar as vivências com a turma de 8ª série 801 do colégio EEB Porto do Rio Tavares. Realizado no 2º semestre do ano de 2013, com objetivos de finalizar o curso de Licenciatura em Letras Português.

Apresentaremos o instrumento no qual trabalhamos em sala de modo significativo: o Fanzine. Através deste abordaremos muitos temas de interesse dos alunos como: poesia, ideologia, política, drogas, relacionamentos, entre outros.

2. Fundamentação teórica:

Fanzines são revistas amadoras, geralmente de pequena tiragem, produzidas de forma artesanal pelo esforço de pessoas apaixonadas por uma determinada temática, e que desejam compartilhar informações ou produções artísticas. Por serem publicações independentes acabam por se tornar uma forma de livre expressão de seus produtores, que não precisam se preocupar com editoras ou venda.

Livre também é a periodicidade, que varia de acordo com a vontade do produtor. Mais tempo, mais dinheiro disponível: maiores as chances de o *fanzine* sobreviver; caso contrário, há milhares de boletins “filhos únicos” ou com tempo de vida curto. Interessante também é a diversidade no mundo da produção dos *fanzine*: se antes os *fanzines* eram impressos em mimeógrafos, hoje é comum usar fotocopiadoras, impressoras caseiras e até impressoras *offset*.

Muitos deles já nem mais são impressos por estarem sendo disponibilizados via internet (os chamados e-zines). O formato também varia muito, dependendo da ousadia de cada editor: colagem de textos, poesias, trechos de música; aplicação de imagens de jornal, revista ou qualquer tipo de informação visual e, claro, o desenho de próprio punho.

Quando afirmamos que o fabrico dos *fanzines* é livre, nos referimos às censuras que poderiam ser encontradas em contextos editoriais, a censura explicada pelo dicionário (*s.f. Exame crítico de obras literárias ou artísticas; exame de livros e peças teatrais, jornais etc., feito antes da publicação, por agentes do poder público. P. ext. Órgão que realiza esse trabalho. Condenação eclesiástica de certas obras. Corporação encarregada do exame de obras submetidas à censura. Condenação, crítica. Condenação proferida por uma assembléia contra um dos seus membros. Repreensão, advertência. Voto de condenação à política geral de um governo: moção de censura. DICIO*) e ainda a que poderia ser feita por alguma outra instituição.

Há também outra censura que é indagada nesse tipo de publicação, o questionamento sobre o etnocentrismo¹. Além de evitar as censuras tão bem nomeadas no dicionário (das instituições, governos, ensinos, classes...), esses artistas levantam a bandeira contra o que Barthes chama de *poder plural*².

¹Etnocentrismo, de acordo com Rocha (“O que é etnocentrismo?”), é uma visão de mundo na qual o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, dos nossos modelos, nossas definições do que é a existência.

²Roland Barthes, no seu ensaio “Aula”, trata do poder não como uno: “não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas (...)”. (p.11)

No seu artigo, 'A escrita como guerra: sensibilidade e poder nos fanzines punks', Moraes explica que é a partir dos encontros entre os sujeitos e os dispositivos de poder (o mesmo poder plural citado acima) que é possível "entender os devires; assim como é a partir deles também que as organizações subjetivas são desfeitas e são inventadas uma infinidade de outras". (MORAES, p.5) Com outras palavras, "o poder é, simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali; nunca perece; façam uma revolução para destruí-lo, ele vai re-germinar no novo estado de coisas (...)" (BARTHES, p.12). Moraes compreende que nos fanzines (de movimentos e sujeitos punks, especificamente) há uma luta contra as violências causadas pelo poder, que deve ser nomeado e denunciado através das publicações.

O autor afirma: "Essas escritas denunciam um poder que funciona através de um anestesiamiento massivo e relatam a experiência de um embate travado contra esse poder, do despertar de uma sensibilidade e da abertura para os afetos vindos de fora que esse despertar propicia. Essa abertura traria então uma certa angústia e sofrimento, pois a partir de então se receberia, sem proteções, os golpes dessa violência." (MORAES, p.6)

Com a leitura do ensaio de Barthes podemos associar esse mal-estar diante do novo, da mudança, do olhar pautado na relativização com a (falsa) segurança que o etnocentrismo proporciona; ele afirma que "nenhuma sociedade está ainda pronta para admitir que há vários desejos" diferentes entre seus cidadãos (p.25), justamente porque constatar que existem desejos diferentes ameaça e fere nossa própria identidade cultural, tida normalmente por nós como visão única, possível, natural e insuperável³.

A educação lingüística é justamente a educação que irá fornecer as ferramentas para que os alunos possam se posicionar criticamente diante das faces do poder.

Lutar contra os poderes é também enfrentar os saberes legitimados pelas esferas das quais estes participam, mas no movimento de interior para exterior, e não de exterior para exterior, pois para haver mudanças sociais precisamos de exemplos de que elas são possíveis, e na falta deles, precisamos de coragem para nos tornarmos os exemplos que gostaríamos de seguir.

Barthes afirma que o discurso do poder é o discurso da arrogância que circula por todas as partes, embasando o autoritarismo dos sujeitos. (BARTHES, p.11) Observemos um trecho de um *fanzine* selecionado por Moraes na sua pesquisa: "Nossa união deveria ser uma de nossas grandes e fortes armas, mas nossa arrogância e ignorância não nos permite ser fortes...". (MORAES, p.10)

Na modernidade, explica Moraes, quando há uma explosão das diferenças, o pensamento etnocêntrico gera um sofrimento que parece ter se tornado ainda mais inevitável, e ainda assim, boa parte de nossos contemporâneos optaram pelo anestesiamiento e pela insensibilidade, que se tornaram elementos largamente presentes na sua subjetivação. (...) Não importa, na lógica de nossas cidades, a possibilidade de vivenciar uma experiência social múltipla em significados,

3

"O grupo do "outro" [e seus desejos] fica, nessa lógica [etnocêntrica], como sendo engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível. Esse processo resulta num considerável reforço da identidade do "nosso" grupo". (ROCHA, p.01) Compreendemos que esse processo é reflexo, ou melhor, parte do sistema econômico no qual vivemos, o capitalismo. Um dos pressupostos para que esse sistema vigore é que haja a competição nos mais diversos níveis sociais, isso para incentivar o consumo (material e afetivo) de seus produtos (bens de consumo e ideologias). Assim, com a fomentação da competição, é sofrido para os cidadãos a abstenção de marcas que julgam individuais e até essenciais (etnocentrismo), pois essas são critérios de competição do mundo capitalista.

ponto fundamental para a invenção de liberdades, que suas arquiteturas e tramas parecem oferecer, mas apenas o livre trânsito dos indivíduos isolados. (MORAES, p.03)

Esse sentimento de desespero é o que transborda na maioria dos *fanzines*, na sua prática social.

O *fanzine* e a aula de português podem ser ferramentas para reverter o funcionamento da sociedade em prol das liberdades, através de métodos parecidos de produção e execução, (seleção, colagem e divulgação de determinados conteúdos) ainda que com focos diversos.

3. Objetivos:

3.1 Objetivo geral:

- Manifestar os pensamentos e ideias sobre si e sobre o mundo através de uma produção independente, compreendendo a importância do mesmo como autor, tendo total liberdade de expressão.

3.2 Objetivos específicos:

- Criar uma revista em formato único e exclusivo, expondo nela seus gostos e vontades próprias;

- Reconhecer a própria autoria, sabendo que nenhum outro *fanzine* será igual ao seu;

- Montar um layout do seu *fanzine*, selecionando suas próprias imagens, frases e formato ideal;

- Ler poemas, frases e citações para a confecção de seu *fanzine*.

4. Justificativa:

Após observarmos a turma por três semanas, percebemos que a turma gosta de atuar e participar de qualquer tema e assunto que a professora aborda e levanta em sala de aula.

A turma está na fase da adolescência, fase na qual o sujeito entra em conflito consigo e com o mundo a sua volta. Muitas coisas estão acontecendo no mundo deles, mas muitas vezes, eles não conseguem externar, pois as limitações na sociedade e família são muitas.

Sendo o *fanzine* um suporte independente, em que o indivíduo é livre para expressar o que pensa, sem que ninguém o censure, vimos então, uma oportunidade de que este aluno pudesse produzir e encontrar-se como cidadão atuante na sociedade.

Com o *zine*, cada aluno terá a chance de escolher as suas imagens, poemas, frases e pensamentos, imprimindo nele a sua real subjetividade.

5. Cronograma:

801 Planos	Dia	Nº de aulas Início	Estagiário	Assunto
01	12/09 quinta	3 (10:09)	Michelle e Mirelle	Apresentação do Fanzine
02	13/09 sexta	5 (8:00)	Michelle e Mirelle	Confecção do fanzine individual e coletivo

6. Recursos:

- Data Show;
- Revistas, jornais, gibis e livros;
- Cola, tesoura, caneta, régua e folhas A4.

7. Desenvolvimento:

Plano de aula 01

EEB Porto do Rio Tavares
8ª série 801
Professora Nadia Nardi Martins
Data: 12/09- quinta-feira / Início: 10:09h / Duração: 3h/a reduzidas (114min - 3 aulas de 38 min. cada)

Tema:

Fanzine

Conteúdo:

Aprendendo sobre o fanzine.

Objetivo geral:

Conhecer, observar e analisar o gênero Fanzine.

Objetivos específicos:

- Propiciar um ambiente de estudos estimulante e conectado ao mundo exterior à escola;
- Aprender sobre os conceitos de Fanzine, bem como a produção e a veiculação dele na sociedade.

Procedimentos:

- Levar os alunos para o quintal da escola, conduzindo-os para uma árvore que fica em frente a sala de aula. Lá estarão pendurados vários fanzines. As estagiárias irão problematizar sobre o que eles sabem ou conhecem por fanzine. Com isso, explicaremos a origem e a razão da confecção desses veículos de comunicação. (25 min); definir sujeito dos planos de aula: as estagiárias ou nós

- Após essa conversa, retornar à sala com os alunos, perguntando o que eles acham do material, incitando algumas perguntas a serem respondidas. (20 min);
- Passar um vídeo sobre a história e o surgimento do fanzine. (15 min);
- Passar o slide sobre alguns modelos de fanzines feitos pelo mundo todo, bem como os maiores fanzineiros da história. (25 min);
- Sugerir algumas ideias de zines para o grupo, pontuando as diferenças entre jornal, revista e fanzine (levar os jornais e revistas para a sala). Abordar a questão editorial, perguntando para que serve e se sabem identificá-los nos suportes. (20 min)
- Entregar o bilhete com a tarefa para o dia seguinte, explicando o que eles devem trazer para a confecção dos zines. (10 min)

Recursos:

- Fotocópias;
- Datashow;
- Revistas, jornais e fanzines;
- Caneta para quadro branco.

Avaliação:

- Participação e envolvimento do grupo.

Referências:

Site: <http://www.youtube.com/watch?v=MNS8E0GmBjA>

Plano de aula 02

EEB Porto do Rio Tavares
 8ª série 801
 Professora Nádia Nardi Martins
 Data: 13/09- sexta-feira / Início: 08:00h / Duração: 5h/a (225min – 5 aulas de 45 min. Cada)

Tema:

Fanzine

Conteúdo:

Oficina: confecção e produção dos fanzines.

Objetivo geral:

Por em prática os conhecimentos adquiridos acerca do Fanzine, exercitando a liberdade de expressão e autoria.

Objetivo específico:

Criar um fanzine individual e um em grupo (da turma) externando neste veículo as impressões subjetivas de cada aluno.

Procedimentos:

Antes do intervalo:

- Explicar os vários formatos e modelos de zines a serem feitos. (20 min);
- Mostrar as caixinhas com os diferentes tipos de imagens e figuras. (10 min);
- Organizar os alunos de forma em que todos possam ajudar uns aos outros em suas montagens (disponibilidade das carteiras). (5 min);
- Iniciar a oficina dos fanzines individuais.

Depois do intervalo:

- Iniciar os zines da turma, explicando que este deve ter a cara de todos, imprimindo a personalidade da turma. Este zine ficará na biblioteca para que outros alunos possam conhecer o trabalho.

Recursos:

- Fotocópias;
- Revistas, jornais e fanzines;
- Livros com poesias e frases para os alunos colocarem nos zines.

Avaliação:

- Participação;
- Confecção dos trabalhos.

Referências:

- Site: <http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/plano-de-aula-linguafanzine-genero-jornalístico-741836.shtml>

8. Referências gerais:

- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo, SP: Editora Pensamento.
- MORAES, Everton de Oliveira. **A escrita como guerra: sensibilidade e biopoder nos fanzines punks**. Grupo de trabalho 1 Gênero, Corpo, Sexualidade e Saúde. I Seminário Nacional Sociologia & Política UFPR 2009. <<http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT1/Eix0III/escrita-guerra-Everton-Moraes.pdf>>
- ROCHA, Evandro. **O que é Etnocentrismo**. Editora Brasiliense, 1984.

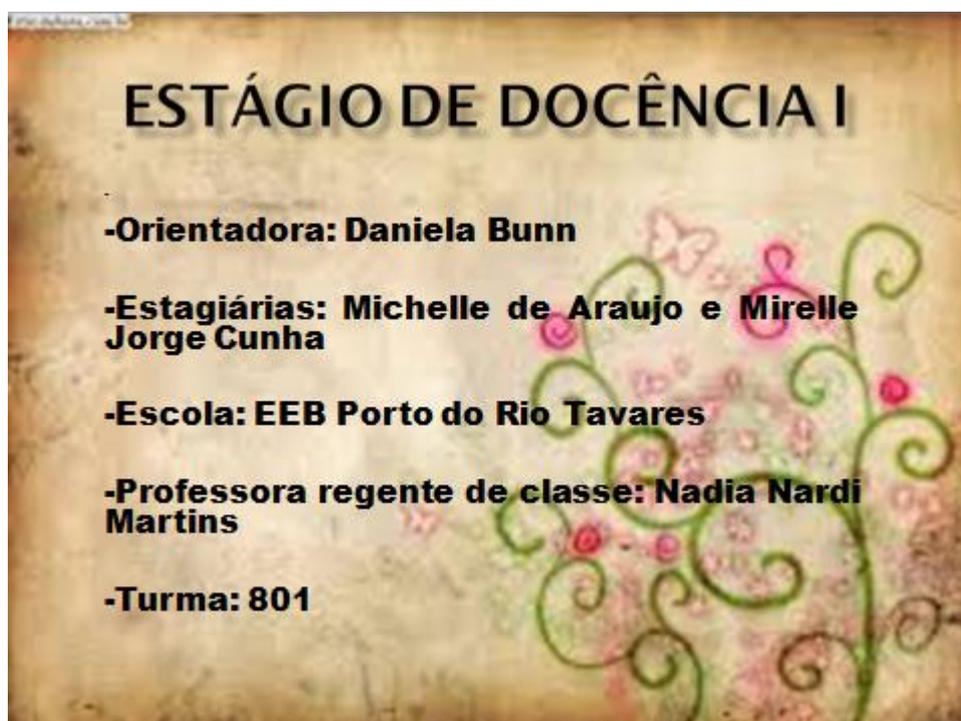
- Anexo 02: Fotos da Atividade Extraclasse:





Anexos

Material desenvolvido para o II Simpósio “Formação de Professores e Práticas Pedagógicas” da UFSC - 29 de Novembro de 2013:



A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para nortear o nosso trabalho, selecionamos alguns documentos e escritores que falam sobre a produção de textos e aprendizagem, são eles:

- Irandé Antunes;
- Mikhail Bakhtin;
- Paulo Freire;
- João Wanderley Geraldi;
- Marcos Bagno;
- Roland Barthes;
- Documento: PCN'S.

ETAPAS DO PROJETO DE DOCÊNCIA

- Observação;
- Projeto extraclasse;
- Docência ;
- Aulas extras – Saída de campo: visita na UFSC.

OBSERVAÇÃO

- Início: 22 de agosto;
- Fim: 06 de setembro;

As estagiárias procuraram observar a turma em vários aspectos, tais como: socialização, organização de materiais (tais como cadernos), participação nas aulas de LP, e principalmente, buscar saber o que eles já tinham aprendido com a disciplina.

PROJETO EXTRA CLASSE: FANZINE

Preparamos uma surpresa para a turma! Para trazer o tema do projeto, convidamos os alunos a saírem de sala, levando-os para o pátio. Lá havia uma linda árvore, cheia de Fanzines pendurados com grampinhos coloridos!

Ali os alunos manusearam curiosos, questionando-se o tempo todo o que era aquele material.

Mesmo os que já conheciam adoraram aquele momento de descontração.

Após este momento, retomamos à sala, explicando o que era um fanzine com slides explicativos.

FANZINE-SE



A CONFEÇÃO EM SALA

FORAM DISPONIBILIZADOS AOS ALUNOS POEMAS, PENSAMENTOS, CITAÇÕES, TRECHOS DE MÚSICAS, PARA QUE ELES PUDESSEM TRANSCREVER COMO VERSOS SOLTOS EM SEUS FANZINES!!!

CABE SALIENTAR QUE ESTE MOMENTO FOI IMPORTANTE PARA NÓS CRIARMOS UM VÍNCULO COM OS ALUNOS!



A ARTE PELA ARTE

AO FINAL, FICAMOS SURPRESAS COM TAMANHA CRIATIVIDADE DA TURMA!



DOCÊNCIA: MICHELLE

Enfim chegara o grande dia!! A docência iniciou no dia **11 de outubro** com a estagiária Michelle, tendo fim no dia **25** do mesmo mês.

Os conteúdos abordados foram:

- Tipos de crônicas;
- Crônicas humorísticas;
- Concordância nominal;
- Crase.

Os escritores mais utilizados: Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes; Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

Leitura diária das crônicas do Sérgio da Costa Ramos.

DOCÊNCIA: MIRELLE

A docência da estagiária Mirelle, iniciou no dia **30 de outubro**, tendo fim no dia **27 de novembro**.

Os conteúdos abordados foram:

- O gênero Crônica;
- Crônicas Literárias;
- Concordância verbal;
- Manifestações Populares no Brasil em 2013.

Os escritores mais utilizados: Clarice Lispector; Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino.

A cada semana a estagiária sorteava um item entre livros, fanzines e cadernos para incentivar a leitura e a produção textual.

A PRODUÇÃO DE TEXTOS

- Geraldi (1997) afirma que o aluno se reconhece como autor, quando escreve não apenas “para” ou “na” escola, e sim para alguém.

Com isso, os alunos compreenderam que o cronista, dialoga sim com o leitor, e que através desse gênero, eles também poderiam mostrar suas ideias, expondo ao mundo, seus pensamentos e sentimentos.

- Foram feitas duas propostas de crônicas: uma sobre a escola, e outra sobre o Brasil em meio às manifestações.

- As crônicas foram utilizadas para um projeto da escola sobre “curtas-metragens”.

OS CARTAZES DAS MANIFESTAÇÕES



A turma...



VISITA NA UFSC: PALESTRA SOBRE LATIM

- Visita à Exposição *Lendas Urbanas: mitos e verdades* no MARquE;
- Visita orientada à B.U.;
- Lanche na Concha Acústica;
- Fechamento com a palestra sobre a importância do Latim para a LP:
 - Breve história da Língua Latina;
 - O Latim clássico e o vulgar X o Português formal e o informal;
 - Poema de Olavo Bilac – *Língua Portuguesa*;
 - Plural das palavras em Latim: mão, limão e pão;
 - Provérbios latinos;
 - Heranças curiosas do Latim no Português;
 - Formação e consolidação da Língua Portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com muita saudade, finalizamos a nossa prática, na certeza de termos cumprido com todas as etapas essenciais que o estágio de docência propõe.

Reconhecemos tamanha importância dessa prática para a nossa formação enquanto futuras educadoras;

Buscamos fazer uma relação de tudo que aprendemos na teoria, a fim de colocá-las em prática. E temos a certeza, que fizemos a melhor escolha para o nosso futuro profissional.

Agradecemos a todos os envolvidos, que de alguma forma, nos auxiliaram para a conclusão desta etapa tão importante em nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- Bakhtin, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- Geraldi, João Wanderlei. **Portos de passagem**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Marcuschi, Luis Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.